

A Terra Sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)

Catarina Maggiolly Santos Bolila

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Doutora Rosa Varela Gomes e Mestre Rodrigo Banha da Silva

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Setembro, 2011

À minha família

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação resulta do trabalho efectuado ao longo de um percurso com alguns obstáculos, e de alguma maneira teria sido possível a sua realização sem o contributo e apoio de alguns amigos a quem muito agradeço.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus orientadores. À Professora Dr.^a Rosa Varela Gomes pelos conhecimentos transmitidos ao longo do meu trajecto universitário, e por se mostrar sempre disponível na resolução de qualquer problema que surgisse.

Ao Mestre Rodrigo Banha da Silva, que desde a primeira aula consolidou o meu objectivo de seguir o “caminho” dos Romanos, pelos ensinamentos e experiência que proporciona a quem participa nas suas escavações, que constituem dos melhores momentos da minha vida profissional, e também pela sua imensa paciência e apoio durante a elaboração deste trabalho.

Um muito obrigado à Professora Catarina Tente e Maria João de Sousa pelas oportunidades e apoio que me deram, que muito agradeço.

Aos meus queridos amigos Vasco Vieira, Tiago Pereira, Ana Magalhães, Sara Prata e João Romão por estarem sempre lá quando mais precisei e sem os quais não teria ultrapassado certos problemas.

À Inês Ribeiro, Vanessa Filipe, Sara Simões, José Pedro Henriques e Severino Rodrigues, um grupo muito especial com quem espero voltar a trabalhar um dia, pela troca de experiências, apoio moral e momentos divertidos.

Finalmente, um agradecimento especial à minha família, o mais importante da minha vida. Aos meus pais João e Cristina por desde muito pequena me terem ensinado a gostar da História e a respeitá-la e sem os quais não seria viciada nos Romanos. À minha irmãzinha Rita pelos “bolinhos” e “docinhos” que muito gosto tive de provar, e aos meus avós que sempre me ajudaram a ser quem hoje sou.

Obrigada!

Resumo

A *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)

Catarina Maggiolly Santos Bolila

PALAVRAS-CHAVE: Praça da Figueira, Lisboa, *Olisipo*, *terra sigillata* de tipo itálico

O conjunto de *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira é constituído por vasos lisos e decorados, alguns ostentando marca de oleiro. Neste conjunto, que abrange uma grande variedade formal, estão representados os principais centros produtores itálicos, bem como os oleiros que mais preponderância tiveram no ocidente do Império, e dos quais se destaca *Publius Cornelius*.

Da sua análise conclui-se que os primeiros produtos em cerâmica fina de origem itálica começam a chegar a *Olisipo* ainda no século I a.C., altura a partir da qual a cidade terá constituído um mercado complexo no Ocidente do mundo romano. Para confirmar a importância da cidade, é numa altura em que o fluxo de importação de vasos itálicos já se encontrava em quebra, a partir de Tibério, que *Olisipo* passa a desempenhar um papel preponderante na redistribuição deste tipo de produtos, quer por via marítima, quer por via terrestre, evidenciando uma similaridade de dados com diferentes locais do nosso território.

Abstract

A *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)

Catarina Maggiolly Santos Bolila

KEYWORDS: Praça da Figueira, Lisbon, *Olisipo*, italian *terra sigillata*, samian ware.

The Italian *terra sigillata* found at Praça da Figueira, Lisbon, includes both plain and decorated vessels, some of which present potter's stamps. It comprehends a great formal variety, where the main Italian production centers are represented, as well as the most preponderant potters in the western part of the Roman Empire, featuring *Publius Cornelius*.

From this study we can conclude that the first Italian products of fine ware started to arrive at *Olisipo* still in the first century B.C., from when the city will constitute a complex market in the western part of the Roman world. To confirm this importance, *Olisipo* will play an important role in what concerns the redistribution of this kind of products, by sea or by land, when the import rates start to break, by the time of the emperor Tiberius. This shows a similarity of results among the different places in the Portuguese territory.

ÍNDICE

Considerações prévias.....	1
Capítulo I. O estudo da <i>terra sigillata</i> de tipo itálico: “estado da arte”	
1.1. Contornos conceptuais.....	3
1.2. Primeiras alusões e obras de referência.....	5
1.3. Problemáticas do estudo e alguns contributos.....	11
1.4. Estudos recentes em Espanha, França, Alemanha e Itália.....	14
1.5. Trabalhos efectuados em Portugal.....	20
Capítulo II. A <i>Olisipo</i> romana e o enquadramento da Praça da Figueira	
2.1. Lisboa em Época Romana.....	23
2.2. Os trabalhos arqueológicos na Praça da Figueira	
2.2.1. As intervenções na década de 60.....	30
2.2.2. Intervenções realizadas entre 1999 e 2001.....	32
2.3. O significado da Praça da Figueira no quadro do urbanismo da cidade romana de <i>Olisipo</i>	34
Capítulo III. O conjunto de <i>terra sigillata</i> de tipo itálico da Praça da Figueira	
3.1. Metodologia.....	41
3.2. Análise tipológica.....	44
3.2.1. As formas lisas.....	45
3.2.2. As formas decoradas.....	56
3.2.3. Fragmentos indeterminados de vasos decorados.....	59

3.2.4. Os fundos.....	62
3.3. As marcas inscritas em fragmentos indeterminados.....	64
Capítulo IV. Significado do conjunto de <i>terra sigillata</i> de tipo itálico da Praça da Figueira	
4.1. Análise do conjunto.....	67
4.2. O conjunto face aos restantes vasos publicados de Lisboa.....	71
4.3. A comparação com a curta e média distância: o papel de <i>Olisipo</i> no quadro do comércio e consumo de vasos em <i>terra sigillata</i> de tipo itálico entre o final da República e o principado de Cláudio.....	72
Considerações Finais.....	77
Bibliografia.....	81

ANEXOS

Anexo 1 – Mapas e plantas

Anexo 2 – Estampas de *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira

Anexo 3 – Inventário formal e tipológico

LISTA DE ABREVIATURAS

Conspectus ou Consp. = *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Modo Confectae*
(ETTLINGER *et al.*, 2002)

D/W = tipologia atribuída por Dragendorff e Watzinger na sua obra sobre Tübingen
(1948).

e.n.p. = Elementos não plásticos

Est. = Estampa

I.P.A. = Instituto Português de Arqueologia

N.M.I. = Número mínimo de indivíduos

OCK = *Corpus Vasorum Arretinorum* (OXÉ, COMFORT e KENRICK, 2000)

RCRF = *Rei Cretariae Romanae Fautorum*

U.E. = Unidade estratigráfica

(x-y) = Corresponde ao intervalo dos números de desenho numa mesma estampa

Considerações prévias

Esta dissertação, denominada *A Terra Sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)* realiza-se na continuidade de alguns trabalhos académicos que têm vindo a incidir sobre conjuntos de materiais provenientes das intervenções arqueológicas realizadas neste espaço da cidade, beneficiando da informação por eles obtida, como é o caso do estudo das marcas de oleiro em *terra sigillata* efectuado por Rodrigo Banha da Silva (SILVA, 2005), ou ainda o trabalho levado a cabo por Nuno Simão Gomes sobre *terra sigillata* itálica decorada (GOMES, 2002).

O espólio em questão, cedido pelo Museu da Cidade, é constituído pela *terra sigillata* de modo itálico, lisa e decorada, excluindo-se, portanto, a *terra sigillata* tardo-itálica do conjunto analisado. Este é proveniente dos contextos da zona onde se instalou uma das necrópoles da antiga cidade romana de *Olisipo*, a necrópole noroeste, inserida na área actualmente conhecida por Praça da Figueira, no centro de Lisboa. O local foi intervencionado entre 1960 e 1962, e mais tarde entre 1999 e 2001, sendo o espólio estudado proveniente de ambas as intervenções.

A *terra sigillata* de tipo itálico constitui uma pequena percentagem do total do material recolhido, pelo que tendo em conta esta realidade, a informação obtida através desta dissertação não pode ser conclusiva para o estudo daquele espaço, constituindo apenas “um capítulo da extensa narração da Praça da Figueira, que vai sendo composta através de vários trabalhos parcelares, tendo em conta o elevado volume de informação existente” (RIBEIRO, 2010, p. 1).

Esta dissertação tem como objectivo primordial o contributo para um melhor conhecimento da economia e comércio em Lisboa na Época Romana, entre a segunda metade do século I a.C. e a primeira metade do século I d.C., tendo em conta os padrões de consumo e descarte de *terra sigillata*, com o intuito de definir cronologias mais exactas para os contextos arqueológicos dos quais o espólio é proveniente, já que se trata de um “fóssil director”, contribuindo também para o estudo da evolução urbanística daquela zona periférica de *Olisipo*.

Pretende-se então divulgar um conjunto cerâmico de grande importância para os investigadores, que têm, desde o início, demonstrado um grande interesse pela área mais intensamente intervencionada, no que diz respeito à Época Romana, em Lisboa, e cujos

materiais encerram uma importante informação para o estudo do passado, contribuindo para:

- identificar fontes de aprovisionamento de *terra sigillata* de tipo itálico;
- esclarecer a dinâmica de importação deste tipo de produção em *Olisipo*;
- averiguar o papel de Lisboa no quadro do comércio no Vale do Tejo;
- aferir o ritmo de romanização nas comunidades olisiponenses.

Com base nestes pressupostos optámos por dividir o texto em quatro capítulos.

O primeiro capítulo é dedicado à análise e conceptualização da *terra sigillata* de tipo itálico, pelo que se enquadra aqui uma revisão dos estudos primordiais para o estudo desta categoria cerâmica, tanto a nível internacional como a nível nacional, passando pelas problemáticas que desde sempre tem levantado

O capítulo II trata o enquadramento da Praça da Figueira na *Olisipo* romana, ao qual foi dedicado uma síntese da história desta cidade desde a última década antes da nossa Era, e ainda uma parte reservada às intervenções levadas a cabo no local e que puseram a descoberto parte da necrópole noroeste bem como algumas estruturas importantes a si associadas, como por exemplo a “via norte”.

O principal capítulo desta dissertação, capítulo III, prende-se com a apresentação formal e tipológica dos materiais.

Finalmente, o capítulo IV comporta a análise do conjunto, com a informação obtida no capítulo anterior, pelo que a procurámos comparar com os restantes vasos publicados de Lisboa e explicar o papel de *Olisipo* no quadro do comércio e consumo deste tipo de vasos no panorama lusitano, comparando-o com os locais onde a investigação se encontra já bem definida e que revelaram, por isso, dados imprescindíveis para esta comparação.

Capítulo I. O estudo da *terra sigillata* de tipo itálico: “estado da arte”

1.1. Contornos conceptuais

O termo *terra sigillata* nunca foi utilizado nas fontes antigas para se referir ao que hoje conhecemos por este nome (PUCCI, 1985, p. 365).

Foi Francesco Rossi quem primeiro utilizou este termo em 1779, para se referir a uma cerâmica que apresentava marcas epigráficas (SILVA, 2005, p. 59).

Contudo, o termo só passou a ser verdadeiramente aceite, em detrimento de “vasos arretinos”, “vasos saguntinos” ou “vasos samianos”, quando Dragendorff o utilizou para definir os vasos que apresentavam uma decoração aplicada, elaborada com punção, cujo nome em latim é *sigillum*. O termo está ainda relacionado com festas religiosas a que se dava o nome de *sigillaria* (PUCCI, 1985, p. 365).

Actualmente, *terra sigillata* refere-se a um conjunto cerâmico variado e com características muito próprias e que foi intensamente produzido numa vasta área do mundo antigo (SILVA, 2005, p. 59), e refere-se não apenas aos vasos decorados mas também aos vasos lisos.

Hoje em dia, outros aspectos passam pela atribuição desta expressão a um determinado vaso cerâmico. O processo de fabrico é um deles e caracteriza-se pela utilização de altas temperaturas na sua cozedura, conferindo uma maior dureza a esta cerâmica. O revestimento passa também pela fase de análise, e era elaborado a partir de uma solução argilosa e não oleosa e que, passando por um processo de sinterização, lhe conferia o brilho característico, muito frequentemente apelidado de engobe ou verniz (*idem*, p. 60; WETTER, 1993, pp. 15-16).

M. Polak apresenta, num estudo recente da sua autoria, um resumo completo da definição de *terra sigillata*, relacionando-a com o seu processo de produção, e define-a como uma cerâmica fina caracterizada pela sua coloração vermelha intensa e brilho sinterizado (POLAK, 2000, p. 15).

Os atributos da pasta e do engobe, sejam a quantidade de elementos não plásticos, aderência, brilho e coloração, permitem ao investigador fazer a distinção no que respeita as produções, sendo a produção itálica caracterizada por pastas mais claras e um engobe fino, brilhante e com cores que variam entre os vermelhos e os acastanhados.

A origem das produções ocidentais mais antigas, itálicas, têm gerado muito debate e discussão entre os investigadores, uns sustentando uma origem orientalista deste produto e a sua influência nas produções ocidentais, e outros defendendo uma origem itálica para estas produções (SILVA, 2005, p. 60).

Esta problemática viria a criar outras, desta vez relacionadas com a utilização do termo “*pré-sigillata*”, inicialmente por N. Lamboglia, que foi imediatamente contestado por outros investigadores, por fazer referência a produções que antecedem a *sigillata* de tipo itálico, propondo então a utilização de “imitação” no seu lugar (WELLS, 2000, *apud* SILVA, 2005, p. 61).

O que se sabe ao certo, é que a produção de *terra sigillata* de tipo itálico inicia-se na Etrúria, aproximadamente em 45 a.C. Estas primeiras produções vão caracterizar-se por formas muito semelhantes às campanienses, e por um engobe mais escuro, ainda nesta tradição. Aos poucos, a *terra sigillata* de tipo itálico iria tomar o lugar destas cerâmicas republicanas (BELTRÁN, 1990, p. 64).

Em relação à origem e difusão da *terra sigillata* de tipo itálico, numa primeira fase da investigação, levada a cabo por Dragendorff (1895) e Loeschcke (1909), acreditava-se que a sua produção era exclusiva do centro produtor de Arezzo, pelo que foi a partir daqui que se generalizou a utilização do termo “cerâmica arretina” (VIEGAS, 2003, p. 41).

Contudo, foram as análises químicas efectuadas aos materiais provenientes de Haltern que fizeram com que os investigadores procedessem com maior prudência à atribuição de uma origem a uma determinada produção, ao revelarem que apenas 10% da *sigillata* encontrada era oriunda de Arezzo, tendo maior incidência as produções de Pisa e La Murette/Lyon (LESFARGUES e VERTET, 1976, *apud idem*).

Sem recorrer às análises químicas é então muito difícil ter certezas quanto à proveniência de um determinado conjunto de vasos.

Mesmo em relação às oficinas que proporcionam maior número de informação relativa a este tema, localizadas em Arezzo, e das quais podemos dar como exemplo Cincelli e S. Maria in Gradi, os investigadores consideram muito difícil a distinção química dos componentes das pastas, pelo que é provável que os oleiros utilizassem os mesmos barreiros.

Hoje sabemos que para além destes centros oleiros “principais”, outros também desempenharam um papel importante no fabrico e comercialização deste tipo de material cerâmico. Segundo Kenrick (OCK, 2000), a *terra sigillata* de tipo itálico foi não só produzida em centros como os de Arezzo, Pisa ou La Murette, mas ainda na zona da Campânia, em Pozzuoli (com incidência também na Lusitânia), Itália Central e Vale do Pó¹.

Outro tema, que tem despertado muito interesse aos investigadores, prende-se com a organização da produção, entrando em destaque o termo “sucursal”, já que a *terra sigillata* de tipo itálico não foi exclusivamente produzida nesse território, mas para além dele, com o intuito de se dirigirem a diferentes mercados (PUCCI, 1985, p. 369). O investigador utiliza ainda como exemplo a instalação de oleiros itálicos em La Murette, Lyon, por exemplo *Rasinius*, cuja presença foi comprovada em 1966 (*idem*).

Por vezes, é também difícil a atribuição de uma origem a um vaso decorado pelo facto dos punções poderem ter sido utilizados por oleiros distintos. As marcas de oleiro, contudo, podem não só constituir um bom indicador cronológico como podem igualmente indicar uma proveniência dos produtos (VIEGAS, 2003, p. 42), mas nem sempre nos é assegurada precisão.

1.2. Primeiras alusões e obras de referência

“A extrema fragmentariedade do reportório e errada valorização de carácter estético fizeram com que, durante muito tempo, a *terra sigillata* fosse considerada como um produto de “menor qualidade”, tendo em conta outras formas de arte, por isso os vasos foram, numa primeira fase, estudados e utilizados apenas como elementos úteis para uma mais precisa datação de determinados contextos arqueológicos”² (PATURZO, 1996, p. 27).

As primeiras referências históricas aos vasos arretinos datam de 1282, feitas por Restoro, um erudito medieval italiano oriundo de Arezzo, que na sua obra de carácter proto-científico se dedicou ao estudo dos vasos com essa procedência. (*idem*).

¹ ANEXO 1, Figura 6.

² Nossa tradução livre.

Após séculos que constituem um vazio no que diz respeito à análise deste tipo de material cerâmico, surgem então as primeiras observações detalhadas elaboradas em 1492 por Marco Attilio Alessi, que reuniu cerca de 89 diferentes nomes presentes em “marcas de oleiro”. (PUCCI, 1985, p.371; e SILVA, 2005, p. 86).

Posteriormente, uma nova recolha de informação relacionada com os vasos arretinos foi efectuada a partir de alguns antiquaristas italianos do século XVIII, dos quais se destacam os trabalhos de Anton Francesco Gori, que em 1734 publicou a obra “*Inscriptiones antiquae Graecae et Romanae in Etruriae urbes extantes*”, que viria a constituir durante muito tempo uma obra fundamental, embora se tratasse apenas de uma compilação de achados. Um outro arretino, de nome Francesco De’ Rossi, continuaria a investigação de Restoro e Alessi. A ele se devem as primeiras escavações, realizadas em 1799 em Cincelli, sítio hoje incluído na cidade de Arezzo, e cujo principal objectivo era a recuperação deste tipo de vestígios (PUCCI, 1985, p. 371).

Embora estes materiais constituam uma recolha de carácter antiquarista, proporcionaram a De’ Rossi o equacionar de numerosos problemas relacionados com estes vasos, que o levaram a dar origem aos primeiros passos científicos para o seu estudo.

No entanto, Franco Paturzo considera que uma primeira fase científica dos estudos dos vasos arretinos se inicia, não com De’ Rossi mas sim com a publicação, em 1841, da obra “*Storia degli antichi vasi fittili aretini*” de A. Fabroni (PATURZO, 1996, p. 38).

A formação naturalista de Fabroni fê-lo interessar-se pelo estudo da cidade de Arezzo e territórios circundantes, bem como do seu subsolo. Estes interesses viriam a constituir um elemento importante para a descoberta de numerosos achados em escavações feitas no núcleo urbano da cidade, na primeira metade do século XIX.

O resultado destas intervenções veio não só enriquecer a colecção do Museu de Arezzo, fundado em 1822, e do qual era director, mas veio ainda facultar a divulgação e o estudo das suas intervenções na obra “*Storia degli antichi vasi fittili aretini*”, acima referida. Fabroni divide o trabalho em três partes: “uma primeira, referente à ampla panorâmica de autores antigos e modernos que se ocuparam da cerâmica arretina, e as outras duas, sendo sucessivas, concernentes a propriedades características dos vasos,

como seja a forma, a decoração, as inscrições e ainda locais de produção e métodos de fabrico neles utilizados”³ (PATURZO, 1996, p. 38).

Em meados do mesmo século destaca-se uma figura maior da arqueologia italiana oitocentista, G. F. Gamurrini, também ele oriundo de Arezzo. A importância fundamental do seu estudo no campo da cerâmica arretina e a influência duradoura exercida pelos seus escritos, fazem com que estes sejam tão prestigiados como por exemplo, o posterior legado de Hans Dragendorff (*idem*, p. 39).

De facto, os trabalhos de De’ Rossi e Gamurrini viriam despoletar a realização de uma série de escavações vocacionadas para a obtenção da *terra sigillata* de tipo itálico, durante o período diacrónico que se estende desde os meados do século XIX até ao seu final, em Itália.

A segunda fase científica, atribuída por Paturzo aos anos entre 1894-1958, teve lugar com uma “revolução” iniciada por Hans Dragendorff (*idem*, pp. 46-47).

A sua obra baseia-se em riquíssimas colecções germânicas provenientes, sobretudo, de escavações realizadas no *limes* Renano.

O seu primeiro objectivo era apresentar conclusões sobre o fluxo comercial do mercado mediterrânico para a Alemanha. A cerâmica constituía então o principal elemento para examinar a expansão dos produtos criados em Itália e enviados através do comércio para as fronteiras do Norte. A grande quantidade de cerâmica arretina fez com que Dragendorff se interessasse mais por este tipo de material que, comparado com outros grupos cerâmicos, se encontrava ainda pouco estudado. O investigador alemão aplicou uma nova metodologia relacionada com a *terra sigillata* “arretina”, ao tempo assim designada, definindo uma técnica à qual se expressa através de um exame minucioso das formas e decorações da maioria dos fragmentos, na tentativa de atribuir as produções a uma só oficina (DRAGENDORFF, 1895). Dragendorff faria a primeira proposta de tipologia formal que, mesmo insuficiente à luz das perspectivas da investigação actual, é ainda utilizada por grande parte dos especialistas por se revelar operativa. A sua publicação apresenta três tabelas, em que apenas a primeira é referente à *terra sigillata* itálica, (formas 1 a 16) onde ilustrou as formas dos vasos (SILVA, 2005, p. 87).

³ Nossa tradução livre.

Entre 1899 e 1901, foram publicados dois volumes do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, com a reunião das marcas de oleiro da Península Itálica, elaborada por H. Dressel e M. Ihm (*idem*).

Da escola alemã é ainda de destacar a obra de August Oxé, que através da investigação de contextos bem datados contribuiu com elementos de tipo cronotipológicos, que se inserem no quadro dos *Obergermanische-Raetische Limes des Rönesrreiches*, iniciados em 1894 e que contemplaram as escavações de Haltern e Petrisberg efectuadas por Loeschke. O espólio de Oberaden, obtido por Oxé, acompanhado por Loeschke, serve-lhe também para uma análise aprofundada da *terra sigillata* de tipo itálico. Mais tarde, Oxé analisa esta cerâmica proveniente de escavações mais recentes, ao tempo, de Haltern (*idem*).

Os trabalhos realizados a partir da década de 50 do século XX, iriam iniciar uma nova fase dos estudos sobre *terra sigillata* de tipo itálico. Esta cerâmica começa a ganhar aqui a importância que lhe é dada hoje em dia, havendo cada vez mais interessados no seu estudo e cujas publicações constituem referência.

Grande parte dos primeiros estudos “modernos” sobre este tipo de material incidiu-se sobre as “marcas de oleiro” e os vasos decorados, como é o caso dos trabalhos de Arturo Stenico, que publica uma série de monografias sobre produções decoradas de várias oficinas, procedendo ainda à distinção e primeiras definições do fabrico tardo-itálico (STENICO, 1960 e 1966).

Uma das grandes referências seria então publicada em 1968, com a primeira versão do *Corpus Vasorum Arretinorum*, por Oxé e Comfort, onde estes investigadores apresentam pela primeira vez um *corpus* de marcas de oleiros itálicos (oficinas da Gália incluídas). Posteriormente, em 2000, sairia uma revisão actualizada do mesmo *Corpus* da autoria de Philip Kenrick, o qual, com base nos achados de trinta e dois anos de actividade arqueológica, consegue conjugar, corrigir e ampliar o trabalho anterior (OCK, 2000).

Em 1957 seria fundada a sociedade *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, por Howard Comfort, virada exclusivamente para o estudo da cerâmica romana. Um dos seus grandes objectivos é o contacto entre investigadores de todo o mundo cujo interesse é comum. A publicação de actas de congressos realizados constitui um factor importante para divulgação e conhecimento dos estudos mais recentes que se têm vindo

a desenvolver e que de outra forma seria difícil conhecer. Estas publicações tornam-se então extremamente importantes para o estudo *terra sigillata* de tipo itálico.

No ano de 1968 surge também a primeira sistematização sobre as produções lisas, que até então tinham sido consideradas como secundárias, realizadas por Goudineau. Este investigador francês, estuda os materiais procedentes de Bolsena, localizada no Norte de Itália e que, no que diz respeito a *terra sigillata* de tipo itálico lisa, “ofereceu um número muito importante de fragmentos, por certo, mas muito menos elevado que aquele dos fragmentos de cerâmica etrusco-campaniense”. (GOUDINEAU, 1968, p. 7).

Considerando insuficientes as propostas anteriores, Goudineau procede a um novo estudo sobre esta classe cerâmica elaborando uma primeira periodização e nova proposta tipológica, mais pormenorizada.

Na década de 70, são passíveis de ser assinalados grandes progressos no conhecimento desta cerâmica, podendo destacar-se os contributos da descoberta do centro produtor de La Murette em Lyon, e ainda a aplicação de metodologias arqueométricas nos materiais, salientando-se a análise de M. Picon (PICON *et al*, 1975, 191-199).

La Murette revelaria um conjunto de dados fundamentais, por se tratar do único centro oleiro itálico na Gália com importância, sobre o qual se tem um conhecimento arqueológico qualificado. Este sítio iria levantar muitas dúvidas em relação a si e ao seu enquadramento relativamente à comercialização e estrutura socioeconómica desta produção.

Aqueles dados iriam revolucionar a perspectiva sobre o quadro das importações, por exemplo do acampamento legionário de Haltern no *limes* Renano.

Por sua vez, na década seguinte, em 1985, Pucci elabora uma catalogação de formas, inserida no *Atlante delle Forme Ceramiche* (PUCCI, 1985, pp. 359-406).

Nos inícios dos anos 90, uma equipa internacional, sob a direcção de E. Ettlinger, publica uma classificação de formas que se tem mantido até hoje e que se tornou uma ferramenta essencial na medida em que, por exemplo, se torna mais fácil a comparação entre as tipologias até então em vigor: o *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae* (ETTLINGER *et al*, 1990).

Em 1993 é publicada na revista *Lattara* nº 6, um conjunto de artigos que constituem um dicionário de cerâmicas romanas (PY, 1993), e que mais recentemente, em 2003, sofre alterações ao ser adicionada informação conseguida nos dez anos que separam estas publicações.

Outras obras que foram elementos essenciais para o estudo da cerâmica romana incluindo a *terra sigillata* de tipo itálico, são, por exemplo, o *Guía de la Cerámica Romana*, de Miguel Beltrán, onde o investigador para além de descrever e fazer uma síntese de todas as classes cerâmicas romanas, contempla ainda na investigação destas, a sua denominação, bem como cronologias, produções, técnicas, formas de análise, fornos e as suas tipologias, cozeduras, marcas, difusão e função das cerâmicas (BELTRÁN, 1990).

Em 2000, é lançada a 2ª edição do *Corpus Vasorum Arretinorum*, revista e ampliada por P. Kenrick (OCK, 2000).

Salientamos também a publicação em 2004, das actas do primeiro congresso organizado pelo *Roman Crafts and Trade in the East and the West*, que teve lugar em Leuven, sendo o livro da responsabilidade e coordenação de J. Poblome, P. Talloen, R. Brulet e M. Waelkens. Uma primeira parte baseia-se no estudo das províncias do Império Oriental, privilegiando sítios como Corinto, Argos, Olympia, Knossos, Ephesos e Alexandria, e uma segunda parte que privilegia as províncias do Império Ocidental com um artigo sobre Westfalens (fortes e fortalezas) com algumas “marcas de oleiro” provenientes de sítios como Haltern, Oberaden, Anrepen, Kneblinghausen, Beckinghausen e Holsterhausen; outro sobre a Sicília com *terra sigillata* importada do continente, sendo este um estudo muito importante feito através de “marcas de oleiro” onde Daniele Malfitana analisa cerca de 700 exemplares; e ainda de destacar os estudos arqueométricos de *Baetulo*, na região de Barcelona, e de Olcese, para a região de Roma (POBLOME *et al*, 2004).

Por fim, alguns anos mais tarde sairia outro estudo de síntese relativo à análise da cerâmica romana, *Introducción al estudio de la Cerámica Romana: Una breve guía de referencia*, de Mercedes Roca Roumens e M^a Isabel Fernández García, que tal como referido no parágrafo anterior, constitui uma visão global para o caso da *terra sigillata* de tipo itálico, facilitando a compreensão das formas e cronologias no *Conspectus*, visto serem apresentadas em língua espanhola. Este guia completa e actualiza o guia da cerâmica romana de Beltrán. As autoras dedicam ainda um capítulo à *sigillata* de tipo

itálico onde transmitem uma ideia do que são as produções elaboradas em Lyon, com as suas pastas cinzentas mas formas claramente itálicas (ROCA ROUMENS e FERNANDÉZ GARCÍA, 2005, pp. 83-113).

Por fim, Daniela Gandolfi, também em 2005, edita uma obra onde vários autores expõem artigos com diversos temas relacionados com esta classe cerâmica, também eles uma referência, como por exemplo os de:

- Maura Medri, sobre *terra sigillata* tardo-itálica, com periodização que vai até à época antonina com elementos exumados na *Meta Sudans* (Roma) e, constituindo uma novidade a apresentação destes, por idades cronológicas, assim como deste tipo de vasos tendo por base o *Conspectus* (pp. 184-194);

- S. Mencheli faz uma síntese geral sobre *terra sigillata* de tipo itálico com uma breve história do estudo, formas, centros produtores e técnicas, utilizando também como base o *Conspectus*, apesar dos investigadores italianos preferirem a utilização da tipologia de Ricci para as formas lisas, assim como as de Dragendorff para as decoradas e para as produções tardo-itálicas decoradas⁴ (pp. 155-168);

- E finalmente M. de Donno apresenta um artigo relacionado com “marcas de oleiro” (pp. 169-182).

1.3. Problemáticas do estudo e alguns contributos

São numerosos os estudos que podemos encontrar hoje em dia sobre a *terra sigillata* de tipo itálico. No entanto, mesmo tendo em conta a qualidade da maioria, o tema coloca uma grande diversidade de problemáticas que provocam grandes limitações aos investigadores.

Destas problemáticas podem-se destacar duas principais: a primeira relacionada com as origens desta produção e a segunda com a estruturação socioeconómica das oficinas (SILVA, 2005, pp. 90, 97).

Em relação às origens, os investigadores encontram-se divididos, ou seja um grupo acredita numa origem oriental para a produção e um outro que defende uma origem autóctone, portanto itálica.

⁴ Medri, em relação à forma Drag. 29, apresenta um conjunto de variantes às quais atribui siglas.

Os trabalhos de Oxé viriam fundamentar a origem oriental para o aparecimento dos primeiros fabricos itálicos, enunciando aqui o papel do oleiro arretino *M. Perennius Tigranus*, já que teria sido este a introduzir as técnicas e gostos das produções de época helenística. Contudo, esta tese foi rejeitada até porque se sucederam resultados de outros trabalhos sobre o tema, principalmente os que contemplavam elementos de índole cronológica.

Seguindo a linha de Oxé, Pucci retoma a ideia de uma origem oriental, com a migração de oleiros orientais para Itália. Tal como o anterior, a falta de argumentos concretos como a explicação da utilização de onomástica grega em algumas das primeiras oleiros itálicos, embora na altura este facto já se verificasse de um modo relativamente vulgar, o que obrigou a que a ideia fosse também descartada (PUCCL, 1985, p. 368 e SILVA, 2005, p. 90).

Outro argumento utilizado para esta questão prende-se com paralelismos encontrados nas formas dos vasos, mas estas semelhanças encontram-se apenas num tipo itálico mais característico, o cálice com decoração em relevo com paralelos nas denominadas “taças megáricas” (SILVA, 2005, p. 90).

Um trabalho de Hayes, datado de 1997, alerta para a datação destas taças, já que possuem uma datação algo tardia para poderem ter influenciado a produção dos cálices itálicos (HAYES, 1997).

Os trabalhos de investigadores como Dragendorff, Peacock, Ettlinger, Kenrick e Polak vieram defender a teoria autóctone para as primeiras produções de *terra sigillata* de tipo itálico. Nos seus trabalhos, argumentam que a Península Itálica já possuía uma tradição oleira bem marcada tendo por isso condições suficientes para o início deste tipo de produção, as formas são semelhantes às anteriores “cerâmicas de verniz negro” também de produção itálica, bem como a proximidade de localização de ambas as olarias (SILVA, 2005, pp. 90-91).

Peacock, contudo, acredita que os oleiros orientais tiveram alguma influência nos oleiros itálicos, no que diz respeito à substituição do verniz negro pelo verniz vermelho (PEACOCK, 1982, p. 116, *apud* SILVA, 2005, p. 91).

Ultimamente, alguns investigadores italianos têm alertado para alguns aspectos históricos importantes ligados ao aparecimento da produção bem como o seu rápido desenvolvimento centrado principalmente em Arezzo. Rizzo põe em evidência, numa

obra publicada em 2003, a influência dos artesãos arretinos *Tigranus* e *Bargathes*, por exemplo, tal como o quadro político da cidade e território de Arezzo. (RIZZO, 2003).

Em relação à outra problemática esta prende-se, como foi dito, com a estruturação socioeconómica das oficinas, isto é, com a questão da existência, ou não, de uma oficina central em Itália com sucursais em outros pontos do Império.

Esta problemática iniciou-se em torno do oleiro *Cn. Ateius*, problema primeiramente levantado por Oxé mas que tem actualmente sido alvo de novos contributos como o que se pode verificar num artigo de Kenrick sobre a história deste oleiro (KENRICK, 1997, pp. 179-190).

A este propósito, aquele investigador alemão defendeu a tese da existência de punções com o mesmo nome em fabricos distintos poderem querer dizer que existiam sucursais (SILVA, 2005, p. 92).

No entanto, estudos realizados na década de 70 do século XX vão contribuir com algumas novidades em relação a esta mesma questão, reforçando a investigação desenvolvida por Oxé. O avanço neste estudo foi dado com a descoberta do centro oleiro de *terra sigillata* de tipo itálico em La Murette, Lyon, através de dados arqueométricos e contextuais consistentes.

No local, foi comprovada a existência de quarenta oleiros diferentes dos quais se destacam, pela maior percentagem de produção, os vasos assinados *C. Attius*, *Rasinius*, *C. Sentius* e *L. Thyrsus*, mas também *Ateius*, todos eles de origem itálica.

Os estudos arqueométricos revelaram a importância do centro oleiro de Lyon nos mercados do Norte a partir de 15/20 d.C., já que se verifica uma maior primazia das produções itálicas anteriormente a esta data. Em Haltern as produções de Lyon prevalecem sobre as da Península Itálica no período entre 7 a.C. a 9 d.C (HOFMANN, 1986, pp. 10-11 e KENRICK, 2000, pp. 36-37).

Estes factores vão então reforçar as teorias de Oxé e Pucci, relacionadas com a existência de uma olaria central itálica, para o caso de *Ateius*, que para responder às necessidades dos mercados do *limes* da Germânia, estabelece sucursais mais a Norte.

Jean Louis Tillard e Gunnar Fülle contrariam esta hipótese defendendo argumentos relacionados com a deslocação de oleiros e com a homonímia. Nalguns

casos o punção que dá origem à “marca de oleiro” é o mesmo utilizado em Lyon e Itália, comprovando essa mesma deslocação (FÜLLE, 1997, *apud* SILVA, 2005, p. 93).

Outro problema associado ao estudo da *terra sigillata* de tipo itálico é o facto de se encontrarem poucos dados, também eles de menor qualidade, relativos aos centros de produção, registando-se uma escassez de elementos provenientes de intervenções arqueológicas em sítios itálicos como Arezzo, Pisa, Pozzuoli e Vale do Pó (SILVA, 2005, pp. 94-95).

1.4. Estudos recentes em Espanha, França, Alemanha e Itália

Mais recentemente, têm surgido trabalhos realizados em Espanha, França, Alemanha e Itália que demonstram um contributo importante para o estudo da *terra sigillata* de tipo itálico em outros pontos do Império Romano.

Começaremos por expor o que de mais importante tem sido publicado em Espanha. Assim, podemos destacar o trabalho de Perez Gonzalez que, em 1989, devotou um estudo à *sigillata* de Herrera de Pisuerga, onde demonstrou a existência, na Hispânia, de uma produção de *terra sigillata* de tipo itálico figlinária da Legião III Macedónica (PÉREZ GONZALEZ, 1989).

Em 1991, o trabalho das francesas A. Bourgeois e F. Mayet, relativo à *sigillata* de Belo, vem também contribuir grandemente para o conhecimento sobre os vasos de tipo itálico no território da Hispânia (BOURGEOIS e MAYET, 1991).

Uns anos mais tarde, Jerez Linde, em conjunto com Rodríguez Martín elaboram um estudo sobre a *terra sigillata* de tipo itálico proveniente da *Villa Romana* de Torre Águila (JEREZ LINDE e RODRÍGUEZ MARTIN, 1995, pp. 345-362).

De Jerez Linde podemos destacar um estudo efectuado aos materiais provenientes de escavações efectuadas na capital da Lusitânia e depositados do Museu Nacional de Arte Romano de Mérida. Este investigador procedeu ao estudo das formas decoradas e lisas, oleiros e grafitos de origem itálica, vindo na continuação de um outro apresentado em 1996 em Montijo (Badajoz), relativamente ao comércio no Guadiana. No estudo do espólio do Museu Nacional de Arte Romano corrige, acrescentando ainda informação, os trabalhos realizados por Françoise Mayet e Pérez Outeiriño (JEREZ

LINDE, 1997). Salientamos ainda o seu trabalho em relação a um fragmento de *sigillata* arretina com a representação de *Eros* e *Psique* proveniente do mesmo museu, e ainda o seu trabalho em conjunto com Rodríguez Martín sobre a *terra sigillata* de tipo itálico proveniente da *Villa Romana* de Torre Águila (JEREZ LINDE, 2000, pp. 89-100). Mais tarde, o investigador apresenta uma série de inéditos e um total de 162 “marcas de oleiro” com variantes e anepígrafos. Trata-se do último trabalho publicado em Mérida sobre este tipo de material (JEREZ LINDE, 2005).

Mais recente é o estudo de Clariana i Roig sobre a *terra sigillata* de tipo itálico de Torre Llauder (CLARIANA i ROIG, 1998, pp. 97-107).

Para a Espanha devem-se ainda destacar os estudos de Roca Roumens e Jordi Principal (coordenação) sobre as imitações da Hispânia Citerior com o contributo de outros autores que estudam cerâmicas ditas finas de mesa das quais se destaca um estudo de Michele Paselac sobre imitações de *terra sigillata* itálica de Languedoc, um estudo arqueométrico da *sigillata* proveniente da Baía de Nápoles encontrada em *Baetulo* por Marisol Fernández e um estudo de José Morales e Carlos Sáenz Preciado relativo a imitações de modelos de *sigillata* itálica em materiais procedentes de sete arqueossítios com cronologias entre a segunda metade do século II a.C. e a segunda metade do século II d.C. (ROCA ROUMENS e PRINCIPAL, 2007).

Outra referência para o estudo da *terra sigillata* é o trabalho de Macarena Bustamante Alvaréz, publicado em 2010 nas séries *British Archaeological Reports*, onde a autora faz um balanço historiográfico sobre a *terra sigillata* alto-imperial da zona do Estreito de Gibraltar, apresentando ainda algumas linhas de investigação, e incluindo um capítulo exclusivamente dedicado à *terra sigillata* de tipo itálico (BUSTAMANTE ALVARÉZ, 2010, pp. 43-86).

Em França, a maioria dos estudos sobre *terra sigillata* de tipo itálico relacionam-se com as produções de Lyon, importando aqui referir um trabalho de três investigadores, Desbat, Genin e Lasfargues, sobre as produções das olarias antigas de Lyon, em que a primeira parte é dedicada às olarias precoces. Este estudo veio a revelar que inicialmente na região de Lyon se fizeram imitações de formas de *terra sigillata* de tipo itálico, para além de muitas outras categorias de cerâmica romana. As oficinas de La Muette constituíam então uma sucursal arretina destinada, principalmente ao aprovisionamento das legiões romanas do *limes* romano e que funcionou entre 15 a.C. e 15 d.C. Os investigadores determinaram, no conjunto de peças analisadas, um total de

quatro serviços sendo que esta é uma construção moderna no sentido de querer fazer corresponder ao prato uma taça, baseando-se nos espólios de contextos funerários em que aparece este tipo de associações⁵.

Estes quatro serviços inserem-se em dois conjuntos distintos, a que cada um deles corresponde dois serviços. O primeiro apresenta uma cronologia mais precoce, anterior ao horizonte de Dangstetten (10 a.C. – 7 a.C.), e o segundo apresenta alterações radicais na repartição e composição dos grupos diferentes do conjunto 1, com uma cronologia a partir de 7 a.C. Assim as formas dos dois conjuntos têm cronologias que correspondem a duas fases de produções diferentes. De um conjunto para o outro desaparecem e aparecem novas formas.

Estes investigadores estudam ainda as “marcas de oleiro” que variam consoante os conjuntos: os mais representativos do conjunto um são, respectivamente, *Attius*, *Sentius* e *Rasinius* e para o conjunto 2, *Thyrus*, *Rasinius*, *Sentius* e *Tigranus* (DESBAT, GENIN e LASFARGUES, 1997).

Em 1976, C. Bémont publica “*Recherches methodologiques sur la céramique sigillée – Les vases estampillées de Glanum*”, em dois volumes, sendo que apenas o segundo se dedica por inteiro ao estudo da *terra sigillata* de tipo itálico, estudando as formas lisas e decoradas e ainda “marcas de oleiro” (BÉMONT, 1976).

Outro investigador, R. Guery, publica em 1987, nas “*Antiquités Africaines*” um estudo relacionado com as “marcas de oleiro” sobre *terra sigillata* Tardo-itálica descobertas na Argélia (GUERY, 1987).

Por fim, será de salientar a monografia sobre “*Le camp de la flotte d'Agrippa a Fréjus*” (2009) em que, sobre a direcção de Christian Goudineau e Daniel Brentchaloff, se dá a conhecer os resultados das intervenções no “Quartier de Villeneuve”, nos anos de 1979 a 1981. Desta monografia consta um capítulo, da autoria de Martine Genin e do próprio Brentchaloff, onde são analisadas as formas de *terra sigillata* de tipo itálico encontradas, bem como as marcas de oleiro. Devemos salientar o facto que os referidos investigadores franceses não utilizarem, no tratamento tipológico a classificação do

⁵ O conceito de serviço não é usado em tipologia mas em termos numéricos. O serviço romano era, por vezes, constituído por 12 elementos: quatro taças, quatro pratos e quatro pratos pequenos (POLAK, 2000, pp.68, nota 9 e nota 10).

Conspectus, mas sim a de Goudineau, principalmente, mas também as de Haltern e Pucci quer se tratasse de peças lisas ou decoradas (2009, p. 341).

Os estudos que podem ser distinguidos na Alemanha sobre produções de tipo itálico de *terra sigillata* são os efectuados por Schindler-Kaudelka, U. Fastner e M. Gruber, com um estudo sobre a *sigillata* de tipo itálico com apliques proveniente de *Noricum*. Os investigadores apresentam um conjunto de 105 estampas que mostram as peças (e os apliques) indicadas segundo a classificação do *Conspectus*. De salientar ainda que o livro vem com um *cd-rom*, que expõe os apliques em *terra sigillata* dos museus da região de *Noricum* (SCHINDLER-KAUDELKA, *et al.*, 2001).

Outro trabalho elaborado por investigadores alemães trata a forma *Conspectus* 10 de produção padana encontrada na região de Magdalensberg, publicado na acta 35 de *Rei Cretariae Romanae Fautorum* (SHINDLER e SCHINDLER-KAUDELKA, 1997).

É ainda de salientar que, em 2004, a investigadora italiana Francesca Porten Palange publica um catálogo, em dois tomos, sobre os motivos dos punções utilizados na produção da *terra sigillata* de tipo itálico decorada. Catálogo que nos dá a oportunidade de ter uma melhor compreensão e identificação dos produtos finais das diversas olarias. Este catálogo, em língua alemã, é editado pelo Romisch- Germanisch Zentralmuseum de Frankfurt, descrevendo, no primeiro tomo, os punções e as ligações às diferentes oficinas remetendo para o segundo a representação dos mesmos. Embora seja considerado como uma obra fundamental, Kenrick refere que não incorpora os punções em que estão representados os motivos vegetalistas.

No que diz respeito aos estudos que têm sido efectuados em Itália, importa salientar os que se relacionam com Scoppieto, que consideramo ser a olaria mais estudada nos últimos dezasseis anos neste território. O artigo de divulgação dos dados do complexo oleiro de Scoppieto foi elaborado em 2002/2003 por M. Bergamini. Por sua vez, em 2003, confirma a descoberta de um molde de *terra sigillata* de tipo itálico decorada, com a marca de *Marcus Perennius Crescens* neste complexo (BERGAMINI, 2003, pp. 133-144).

A mesma investigadora publica em 2005, na *RCRF*, acta 39, um artigo que denominou “*Matrici per la Terra Sigillata da Scoppietto – Studio preliminare dei motivi iconografici*”, onde apresenta matrizes cerâmicas e um estudo de punções o qual só foi possível com a descoberta destas em Scoppieto (BERGAMINI, 2005, pp. 71-79). São

punções com influência arretina, que eram também destinadas ao fabrico de apliques (*M. Perennius Crescens*), que serviam para a decoração de cálices tipo *Consp.* R4 e R9.

Na mesma publicação, M. Borasso e J. Kenny elaboram um estudo arqueométrico das mesmas matrizes apresentadas por Bergamini (BORASSO e KENNY, 2005, pp. 81-89).

Em 2006, após a sua primeira monografia sobre as cerâmicas de paredes finas da cidade de Cosa (1973), M^a Teresa Marabini Moevs apresenta um estudo monográfico sobre o espólio de *terra sigillata* de tipo itálico de Cosa, onde, na primeira parte, tratou as formas lisas e na segunda, a decorada, privilegiando a produção arretina originada nas oficinas de *Rasinius* e de *M. Perennius* (fase de *Tigranus*, fase *Bargathea* e fase pós-*Bargathea*). A investigadora italiana apresenta ainda os fragmentos decorados provenientes das oficinas de *Cn. Ateius*, *P. Cornellius* e *Anni* (sendo estas as mais relevantes), mas ainda as de *Vibienus*, *L. Pomponius Pisanus* e *C. Tellius*. A razão deste estudo está no facto de aparecerem peças que podem ser enquadradas nos estilos das oficinas/olarias indicadas devido ao tipo de punções e à gramática decorativa utilizada, pelo que se tratará sempre de uma abordagem de tipo estilístico. Moevs não termina sem a apresentação de dois curtos apêndices um sobre a *terra sigillata* tardo-itálica e outro sobre a *terra sigillata* sudgálica (MARABINI MOEVS, 2006).

No que diz respeito a Roma e sua área envolvente, Gloria Olcese, com o contributo de M. Picon dá conhecimento na *RCRF*, acta 38, dos resultados das análises de tipo arqueométrico da *terra sigillata* de tipo itálico em Roma e na área romana (Lázio). Para além desta análise laboratorial, a investigadora italiana faz ainda o relacionamento entre estudo da produção e circulação desta cerâmica (2003, pp. 11-26).

Na mesma acta 38, G. Rizzo tratou as últimas produções de tardo-itálicas de Roma (2003, pp. 35-42). Contudo, já em 1996, Caterina Rossetti Tella tinha publicado um estudo sobre a *terra sigillata* tardo-itálica decorada proveniente do Museu Nacional Romano, onde contemplou as produções Tardo-itálicas, o qual se tornou um instrumento fundamental para a compreensão deste tipo de material cerâmico.

Uma outra contribuição importante é a de Maria Paola Lavizzari Pedrazzini, que apesar de ter sido publicada na década de 70, deve ser salientada. A investigadora italiana escreveu vários artigos ao longo desta década sobre as campanhas arqueológicas efectuadas na cidade romana de Luni e sobre os materiais ali exumados: primeiro na

elaboração dum estudo preliminar da primeira campanha efectuada que teve lugar entre 1970 e 1971 em que foi responsável pela apresentação da *terra sigillata* arretina e tardo-itálica (FROVA 1973, pp. XXIII-XXIV e 283-306), um estudo sobre *terra sigillata* de tipo itálico e gálica das escavações de Luni de 1972, 1973 e 1974 (1977), tendo publicado ainda um artigo na *RCRF*, acta 19/20, sobre cerâmica arretina proveniente daquele sítio (1979, pp. 136-139). Em 1984, vai finalmente debruçar-se sobre a *sigillata* de tipo itálico de Pompeia (1984, pp. 214-234).

Uma outra publicação de salientar foi coordenada por Simonetta Menchelli e Marinella Pasquinuci, intitulada “*Territorio e produzioni ceramiche: Paesaggi, economia e società in Età Romana*” (2006). Esta obra encontra-se “dividida” em três partes distintas: a primeira trata apenas o território e a produção cerâmica, onde, para além da *terra sigillata*, se tratam também materiais e esquemas arquitectónicos relacionados com diversos fornos, como seja o de Scoppieto; uma segunda parte contempla a economia e actividades produtivas; e por fim a terceira exclusivamente dedicada à *terra sigillata*, com os aspectos técnicos, económicos e sociais a si respeitantes.

Assim, em toda esta obra são de destacar os trabalhos de:

- P. Kenrick, com a apresentação, em relação a Arezzo, de um fragmento de *terra sigillata* de tipo itálico no qual existe um grafito de contabilidade de vasos entregues *prae coctura*, que nos parece ser semelhante aos encontrados em La Graufesenque (pp. 201-206);
- Giuseppe Camodeca, com a análise feita a um fragmento de Isola di Migliarino (Pisa), com um grafito feito *post coctura*, considerado tardo-itálico por ter sido elaborado num prato com a marca de *Sextius Murrius Festus*. O investigador faz a leitura da lista das peças entregues para cozedura apresentando a tradução do latim para o italiano moderno (pp. 207-217);
- Paolo Sangriso, com um estudo sobre a oficina dos *Rasinii* até à época tardo-itálica (pp. 225-232);
- Sílvia Cipriano e Giovanna Sandrini, elaboram uma lista de “marcas de oleiro” encontradas em *Iulia Concordia* (pp. 269-274);

- M. Bergamini, por fim, dá-nos a conhecer, numa nova abordagem, as estruturas arqueológicas e os utensílios necessários para a laboração da olaria de Scopietto (2006, pp. 283-298).

Encerramos este capítulo não deixando de referenciar uma das mais recentes monografias sobre o tema da *terra sigillata* de tipo itálico lisa da autoria de Antonella Polito (2009). Esta investigadora, com base no espólio exumado na cidade siciliana de Agrigento, tece considerações, principalmente, sobre a circulação destas cerâmicas no período cronológico compreendido entre meados de Augusto e os Flávios.

1.5. Trabalhos efectuados em Portugal

Em Portugal, as primeiras referências à *terra sigillata*, não se sabendo se eram de tipo itálico ou outro, surgiram, em 1928, num artigo de Rui de Serpa Pinto acerca da cerâmica arretina (GOMES 2002, p. 31).

Em 1959, Howard Comfort visita Portugal e pela primeira vez, o espólio de *sigillata* do Museu Leite de Vasconcellos em Lisboa é publicado (COMFORT, 1959, pp. 1-12), sendo que neste mesmo ano é publicado um trabalho sobre “marcas de oleiro” de Represas, da autoria de F. N. Ribeiro (RIBEIRO 1958).

Na década de 60, surgem novos investigadores interessados no estudo deste tipo de material, destacando-se Adília Alarcão que, em 1961, publica um artigo sobre a *terra sigillata* de Vila Viçosa. Mais tarde, em 1966, apresenta um pequeno artigo sobre a *terra sigillata* de Braga, na revista *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, nº8, referindo que se encontraram fragmentos de *sigillata* itálica e outro de tardo-itálica decorada no conjunto apresentado (1966, pp. 45-50). Nos finais da década, Seomara da Veiga Ferreira reúne “marcas de oleiro” do território português (FERREIRA, 1969, pp. 131-177).

É a partir de 1970 que se vai verificar um incremento dos estudos relativos a *terra sigillata*, com a publicação dos artigos de Adília Alarcão, sobre um fragmento decorado de “Cálice de *Terra Sigillata* da oficina de *C. Annius*” (1970), e um ensaio sistemático sobre a *terra sigillata* de tipo itálico em Portugal, publicado no segundo Congresso Nacional de Arqueologia (1971). Em 1974, a mesma autora anuncia um

novo fragmento de cálice, desta vez da oficina de *Rasinius* (1974). Contudo, uma das principais contribuições para o estudo desta cerâmica foi apresentada em 1975, as “*Fouilles de Conimbriga: IV – Les Sigillées*”, sob a direcção de J. Alarcão e R. Étienne que inclui um estudo desta investigadora sobre as produções de tipo itálico (ALARCÃO, 1975, pp. 3-66).

Ainda na mesma década, Luísa F. Dias apresenta um artigo sobre a *terra sigillata* de Miróbriga (1977, pp. 361-408), e no ano seguinte, um outro artigo sobre as marcas de oleiro do Castelo de Alcácer do Sal (1978, pp. 145-154).

Na década de 80 o estudo da *terra sigillata* de tipo itálico desacelera um pouco. Em 1980, Dias Diogo escreve sobre as marcas de oleiro em *terra sigillata* de tipo itálico em Portugal (DIOGO, 1980). É ainda de destacar novos estudos sobre este material em Braga, proveniente de contextos arqueológicos e recolhas ocasionais, elaborados por M. Delgado e L. Santos (DELGADO e SANTOS, 1984, pp. 49-69).

Entre 1990 e 2000, surgem novidades no campo da cerâmica romana. Com a introdução de meios informáticos, foi possível a publicação, em 1994, de “*A sigillata de Represas: tratamento informático*”, da autoria de M^a da Conceição Lopes. Em 1996, Eurico de Sepúlveda produz o primeiro estudo sobre a *sigillata* tardo-itálica de Tróia (SEPÚLVEDA; 1996, pp. 13-17). Em 1997/1998, Rui Morais publica um artigo sobre cerâmicas finas em *Bracara Augusta*, da fundação da cidade até à Época Flávia (MORAIS, 1997/1998, pp. 47-97).

J. Faria, M. Ferreira e D. Diogo publicam um outro artigo sobre as “marcas de oleiro” de Alcácer do Sal (FARIA, FERREIRA e DIOGO 1997, pp. 61-76).

Em 1998, sai uma monografia intitulada “*A terra sigillata de Monte Mozinho*”, da autoria de Teresa Pires de Carvalho e, já em 2000, E. Sepúlveda, J. Faria e M. Ferreira publicam um estudo sobre a *Terra Sigillata* de Alcácer do Sal (SEPÚLVEDA, FARIA e FERREIRA 2000, pp. 119-152).

Mais recentemente têm-se destacado os trabalhos de Catarina Viegas com a *sigillata* da Alcáçova de Santarém (VIEGAS, 2003), e em 2006 sobre a *terra sigillata* itálica da cidade Romana de *Balsa*, com a actualização de conhecimentos sobre esta cerâmica. Viegas apresenta aqui um estudo dividido em duas partes que contemplam as formas lisas e as decoradas em paralelo com o estudo das marcas e grafitos existentes (VIEGAS, 2006).

Em 2005, é apresentada a tese de mestrado de R. Banha da Silva sobre *As “Marcas de oleiro” em Terra Sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. - séc. II d.C.)* (SILVA, 2005) e ainda no mesmo ano é publicada a tese de doutoramento de Rui Morais, sobre a cidade de Braga, com um estudo deste material e das marcas de oleiro (MORAIS, 2005).

Recentemente são apresentadas as teses de doutoramento de José Carlos Quaresma, que contribui com um estudo da economia antiga através da análise de um conjunto de cerâmica comportando *terra sigillata* e cerâmica africana de cozinha do sítio de Chãos Salgados (Miróbriga? – QUARESMA, 2009), e a de Catarina Viegas, expondo, por sua vez, a ocupação romana do Algarve com a análise dos ritmos da vida económica dos centros urbanos de *Ossonoba*, *Balsa* e *Baesuri*, através da recolha de informação proveniente dos mais variados tipos de materiais da época, mas sobretudo da cerâmica fina de mesa (VIEGAS, 2009).

Capítulo II. A *Olisipo* romana e o enquadramento da Praça da Figueira

2.1. Lisboa em Época Romana

Por se tratar da capital e maior aglomerado urbano do país, a cidade de Lisboa constitui um caso peculiar no que diz respeito à arqueologia praticada em meio urbano, estando esta característica ainda relacionada com o facto de se tratar de um local cuja ocupação é das mais antigas e contínua, proporcionando aos investigadores um excepcional potencial arqueológico⁶.

O interesse pela antiguidade da cidade começa a revelar-se ainda com o Humanismo renascentista. Contudo, assume um carácter mais forte em meados do século XVIII, dando lugar a uma série de intervenções e achados. Só recentemente, já no século XX, se iniciam os trabalhos que iriam despoletar a continuidade da prática arqueológica em Lisboa, principalmente desenvolvidos por Irisalva Moita no decorrer da década de 60 (SILVA, 2005, pp. 3-4).

Destacam-se os trabalhos arqueológicos realizados na Praça da Figueira na década de 60, possibilitados pela instalação da rede do Metropolitano, e no Teatro Romano. Após estes, surgem outros apenas na década de 80, evidenciando um grande intervalo em que não foram produzidos quaisquer registos arqueológicos. Como se pode constatar, Lisboa observou períodos de maior actividade arqueológica, muitas vezes intercalada por períodos em que esta era quase ou mesmo nula (FABIÃO, 1994a, pp. 147-162).

A década de 80 inicia-se com trabalhos na Casa dos Bicos, um marco importante para a arqueologia da cidade, já que a partir daqui, esta passa a ser feita de uma forma mais contínua, correspondendo, na sua maioria, a intervenções de emergência, levadas a cabo por equipas pertencentes ao Departamento de Arqueologia do IPPC e IPPAR, bem como do Gabinete Técnico do Teatro Romano, sendo que em algumas foi possível a continuidade, como se verificou com os trabalhos realizados nas Termas dos Cássios e nos Claustros da Sé Catedral.

Em 1994, O Plano Director Municipal passa a incluir uma componente arqueológica, tendo contribuído para o aumento de trabalhos arqueológicos na cidade e para a regulamentação da actividade urbana levada a cabo por diversos agentes

⁶ ANEXO 1, Figura 1.

intervenientes neste tipo de trabalhos. Esta mudança iria proporcionar também o aumento do número de intervenções arqueológicas de prevenção, em detrimento das de emergência que caracterizaram a década anterior (SILVA, 2005, p. 4).

A arqueologia em Portugal iria beneficiar mais ainda com a criação, em 1997, do Instituto Português de Arqueologia, entidade que passou a regular e fiscalizar, em exclusividade, a actividade arqueológica do país. Em Lisboa, alguns dos trabalhos referidos anteriormente, como é o caso dos efectuados nos Claustros da Sé Catedral, mas também no Castelo de São Jorge, passam a ser por si regulados, verificando-se um afastamento da administração central que, até aqui, tinha beneficiado de um papel de interventor principal.

A criação do IPA seria então preponderante não só para o aumento das intervenções arqueológicas, mas também para um incremento do número de empresas, profissionais liberais e universidades a contribuir para os estudos da antiga cidade de Lisboa e também para um crescimento da equipa camarária relacionada com o Museu da Cidade. Apesar de tudo, este facto iria criar outros problemas ligados à arqueologia da cidade, no que diz respeito à desarticulação de acções e à não compatibilidade de metodologias adoptadas pelos diversos intervenientes, sendo este um dos principais problemas postos à actividade arqueológica em Lisboa (*idem*, p. 5).

Outro problema relacionado será o das publicações e elaboração de estudos ligados às intervenções realizadas, dado que muitas delas se traduzem numa acumulação de dados que começam a ser resolvidos com a crescente intervenção das Universidades neste meio.

Desde a década de 80 a arqueologia na cidade de Lisboa tem vindo a sofrer profundas alterações, positivas na sua maioria, mas que por outro lado vieram acarretar problemas, como os acima descritos, e que ainda hoje subsistem, sendo assim necessário algumas alterações e implementação de outros modelos adaptáveis às transformações que se venha a verificar.

Actualmente, o conhecimento obtido em relação à cidade romana de *Olisipo* encontra-se condicionado, não só pelos factores já mencionados, mas também pelos escassos dados proporcionados pelas intervenções arqueológicas que se têm desenvolvido na cidade desde finais da década de 80.

Desta maneira, a grande maioria dos investigadores apoia-se nos autores clássicos, de como são exemplo Estrabão e Plínio, cujas referências podem ajudar na identificação de certos locais por si descritos, na actual região de Lisboa, como é o caso do “*Promontorius Olisiponensis*”, local ainda hoje não identificado mas que se crê ser o Cabo da Roca, e o “*Mons Sacrum*” (identificado por Leite de Vasconcellos como a Serra de Monsanto – GUERRA, 1995, p. 140).

Pela sua grande importância, também as fontes epigráficas são muito utilizadas, constituindo hoje um grande acervo, conseguido pelos sucessivos achados tanto na cidade como nos seus arredores. Por isso mesmo, este campo é alvo de um maior número de estudos e conseqüentemente mais publicações são elaboradas, englobando diferentes aspectos relacionados com a estrutura socioeconómica das suas populações e religião (MANTAS, 1999, p. 15).

Contudo, a dinâmica da área da cidade tem sido um assunto pouco desenvolvido, apesar da uniformidade com que os contextos têm sido abordados, já que não se tem feito a distinção entre áreas de ocupação, sendo necessária a diferenciação do que se encontra fora e dentro do “*pomerium*”.

Este aspecto veio sofrer alterações apenas com o projecto do Castelo de S. Jorge, com uma equipa liderada por Ana Gomes e Alexandra Gaspar, desde 1996, e cujos intensivos trabalhos podem documentar uma maior dinâmica daquela área, tendo esta desempenhado sempre um papel preponderante na história de Lisboa, havendo mesmo registos da existência de ocupação do espaço ainda na Idade do Ferro, ocupação esta que continua em Época Republicana Romana, da qual se documenta uma forte presença a partir de meados do século II a. C. (PIMENTA, 2003, pp. 357-358), com a edificação de uma fortificação em *Olisipo* por parte do então governador da Hispânia Ulterior, Décimo Júnio Bruto, não se sabendo se este procedeu à fortificação da povoação já existente ou ao estabelecimento de um campo militar permanente, em 138 a.C. (ALARCÃO, 1987, p. 68). O contributo destes trabalhos permite então uma nova visão relativamente à ocupação romana e ao urbanismo desta cidade em Época Republicana e Alto-Imperial.

Para o olisipógrafo Vieira da Silva, que se baseou em alguns achados como moedas e restos de edifícios e monumentos, a cidade romana de *Olisipo* estender-se-ia pela encosta meridional do monte do Castelo de S. Jorge, principalmente pelas encostas Sul e Oeste, até ao rio Tejo e esteiro do Vale da Baixa de Lisboa, englobando portanto,

conhecidas construções públicas romanas como o Templo de Cibele, Termas dos Cássios, Teatro e *Forum*, mas também estruturas artesanais e portuárias, incluindo neste grupo, unidades de transformação de pescado (SILVA, 1987, pp. 7-16). Vieira da Silva propõe então uma localização semelhante à cerca medieval para a muralha romana, proposta mais tarde descartada por J. Alarcão, já que a muralha terá sido edificada na sequência da municipalização de *Olisipo* na época de Augusto e teria um traçado diferente do proposto (ALARCÃO, 1994, p. 59). Verifica-se contudo a existência de elementos romanos em vários troços da “Cerca Velha”, mas estes fariam parte da muralha Baixo Imperial (*Idem*), como era natural a sua construção nesta época.

Trabalhos recentes efectuados na cidade ajudam a compreender melhor esta questão. Os trabalhos englobados no projecto do Castelo vêm alterar alguns aspectos de que é exemplo a dimensão da área urbana da cidade, cujo perímetro atingiria apenas os 15 ha e não 30 ha, como antes definido. A presença de oficinas de transformação de pescado e necrópoles (edificados obrigatoriamente fora do “*pomerium*”) e dados de outras intervenções vêm ajudar a documentar este facto, com a descoberta de áreas que revelam a inexistência de ocupação no local (SILVA, 2005, p. 19).

A existência desta muralha tem vindo a ser provada através de algumas intervenções, com a identificação de elementos arquitectónicos militares, como torreões semicirculares, identificados na Casa dos Bicos (DUARTE e AMARO, 1986), e na Rua de São João da Praça, este último juntamente com parte do troço da muralha onde mais tarde seria construída a “Cerca Velha”. Outro troço da muralha medieval foi reconhecido nos trabalhos realizados na antiga Casa Sommer, onde muito próximo, curiosamente, foi também encontrada a fundação da muralha tardia de Época Romana (GASPAR e GOMES, 2007, pp. 688-690). É importante destacar que neste último local, a muralha encontrava-se adossada, incorporando uma outra, cujas dimensões se encontram próximas de outras muralhas fundacionais com cronologias do século I d.C. encontradas na Hispânia, podendo querer dizer que estamos perante uma muralha deste género em *Olisipo* (*idem*, pp. 690-691).

Em relação ao conhecimento de elementos que se encontram dentro do perímetro urbano da cidade, os dados continuam a ser escassos, tendo um papel preponderante a arqueologia e a cartografia antiga.

Desde a sua descoberta em finais do século XVIII, pela sua visibilidade, o Teatro Romano foi a construção romana que maior entusiasmo causou aos eruditos da

época, já que sempre comportou um carácter “nobre” (FABIÃO, 1994a, p. 150). É desde esta data que se realizam trabalhos no monumento com o intuito de o conhecer melhor, e que incidiram principalmente na sua componente arquitectónica, intensivamente explorada. Trabalhos posteriores vieram trazer novos dados em relação ao seu conhecimento. O edifício terá sido edificado na época de Augusto ou dos imperadores que se seguiram (HAUSCHILD, 1994, pp. 66-67), data esta muito adoptada pelos investigadores embora actualmente se possa obter uma datação mais exacta, através da análise de certos elementos da estrutura, que levam a sua construção para um período um pouco posterior a Augusto (SILVA, 1999, pp. 45-46), bem como uma remodelação ocorrida no ano de 57 d.C. (esta comprovada por uma inscrição presente no *proscenium*), com o objectivo de se proceder à colocação de um revestimento em mármore nesta zona do edifício (SILVA, 1999, p. 46 e FERNANDES, 2007, pp. 33-36).

Nos trabalhos realizados na Sé Catedral foram identificadas construções romanas de carácter não público, articuladas com um *cardine* secundário, tendo por isso uma relação com o teatro, quer pela proximidade quer pela sua orientação (SILVA, 2005, p. 23).

Em relação ao edifício do *forum*, surgem várias propostas de localização, sendo que alguns investigadores o situam na imediação dos edifícios citados anteriormente, a Oeste de um eixo denominado “Catedral - Teatro Romano” (ALARCÃO, 1994, p. 59, MANTAS, 1999, p. 30).

Tendo em consideração o conhecimento de estruturas relacionadas com a actividade termal, conhecem-se hoje alguns locais onde esta foi praticada, embora estes possam ser considerados escassos tendo em conta a importância da cidade em questão.

No século XVIII, na sequência das obras de reconstrução de Lisboa após o Terramoto foi identificado um complexo termal, as Termas dos Cássios, situado na Rua das Pedras Negras, de carácter público datado do primeiro terço do século I d.C. e com importantes obras de remodelação levadas a cabo na primeira metade do século IV d.C. (ALARCÃO, 1994, p. 61, FILIPE e CALADO, 2007, pp. 8-9, ENCARNAÇÃO, 2009, p. 483).

Aquando dos trabalhos arqueológicos da Rua dos Correiros outra estrutura termal foi identificada, estas provavelmente de carácter privado e mais tardias na sua

construção, já na segunda metade do século III ou mesmo século IV d.C. (FILIPE e CALADO, 2007, p. 9, BUGALHÃO, 2001, pp. 170-173).

Até 2005 eram estas as únicas estruturas termais identificadas na cidade de *Olisipo*. Neste ano, uma intervenção realizada em Alfama, no Beco do Marquês de Angeja, permitiu a identificação parcial de um novo complexo termal, este sem a certeza de se tratar de um complexo público ou privado, mas que pelas modestas dimensões aponta mais para uma construção com este último carácter. A data apontada para a edificação desta estrutura encontra-se entre os finais do século I e inícios do século II d.C., sendo que o seu abandono terá ocorrido por volta do século IV (FILIPE e CALADO, 2007, pp. 8-9).

Outra estrutura que suscita muita curiosidade aos investigadores é o denominado criptopórtico da Rua da Prata. Muitos autores acreditam tratar-se de parte de um complexo termal tendo mesmo esta estrutura sido denominada de “termas romanas” ou “termas dos augustais”, outros pensam tratar-se de uma estrutura de apoio à edificação de um *forum*. Actualmente, é consensual que esta estrutura serviria de embasamento a um conjunto de edifícios, permitindo uma construção plana numa zona em que a inclinação do terreno é ainda hoje visível. É possível ainda que as galerias tivessem tido também qualquer outra função, para além de servirem de apoio à construção dos edifícios que ainda hoje não foram identificados (FABIÃO, 1994b, pp. 67-69).

No que diz respeito ao exterior do perímetro amuralhado da cidade, situavam-se outras estruturas das quais se identificaram o circo e várias áreas funerárias.

O circo localizava-se na zona onde fica hoje o Rossio e a sua escavação iniciou-se em 1961 com Irisalva Moita, na sequência das obras do Metropolitano de Lisboa. Esta pequena intervenção veio pôr a descoberto um pavimento em *opus signinum* localizado disperso por várias áreas onde se realizavam as intervenções arqueológicas, bem como parte de uma parede em alvenaria a si adjacente (MOITA, 1968, p. 33). Mais recentemente foram realizados trabalhos arqueológicos no mesmo local levados a cabo por Clementino Amaro e Ana Vale. Por sua vez, estes decorreram no âmbito de um protocolo estabelecido entre o IPPAR e o Metropolitano de Lisboa, S.A., de uma forma faseada entre 1994 e 1997. Desta maneira, os trabalhos revelaram a existência de um tabuleiro em *opus signinum* que constituía o *euripus*, ladeado por dois muros. Foi também descoberto um pavimento em terra batida que poderá pertencer à arena e ainda um troço da *spina* (VALE e SANTOS, 2003, pp. 179-180).

Apesar da área intervencionada ser insuficiente para se ter a certeza de uma data para a construção deste edifício público, surgem argumentos que a levam tanto para o século I d.C., como para o século III d.C. (SILVA, 1997, pp. 201-202, SEPÚLVEDA *et al.*, 2002).

Foi só na década de 80, com a descoberta de várias estruturas relacionadas que se reconheceu *Olisipo* como um centro produtor de produtos piscícolas, sendo que as primeiras estruturas deste género foram encontradas em escavações realizadas na Casa dos Bicos, desde logo sendo reconhecidas como um achado tão importante quanto o troço da muralha também aí encontrado (SEPÚLVEDA e AMARO, 2007, pp. 3-4). O número de achados deste género tem vindo a aumentar, encontrando-se muito dispersos, factor que tem dificultado a caracterização espacial das diferentes oficinas (SILVA, 2005, p. 27).

Um outro conjunto seria identificado na Rua Augusta (MANTAS, 1990) e uma década mais tarde o mesmo tipo de estruturas surge desta vez na Rua dos Correeiros (SILVA, 1997, pp. 201-202), duas na Rua dos Fanqueiros (AMARO, 1994a, p. 79) e nas escavações do Mandarim Chinês outras duas cetárias, revestidas em *opus signinum*, juntamente com um pátio que fazia parte desta área industrial, localizados junto ao antigo esteiro do Tejo (BUGALHÃO, 2003, p. 130).

No que se viria a tornar o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros foi também possível a identificação de um conjunto de cetárias, sendo este o único local em que se pode defender o facto de tratarem-se de explorações industriais de pequena capacidade e dimensão (BUGALHÃO, 2001, pp. 52-54).

No decorrer da década de 90 vão aparecendo também estruturas na Rua dos Fanqueiros (DIOGO e TRINDADE, 2000b, p. 182), Rua da Prata e Rua dos Douradores (SEPÚLVEDA *et al.*, 2003, p. 402).

Pode-se afirmar então que hoje, o conhecimento relativo à actividade pesqueira no estuário do Tejo é muito mais expressivo, particularmente no que diz respeito a *Olisipo*, sendo que desempenhava um papel preponderante na produção daquela região.

Em relação às zonas funerárias, foram identificadas no lado Oriental de *Olisipo*, desenvolvendo-se na proximidade da via *Olisipo-Scallabis*. Os primeiros dados surgem no século XVII na Calçada do Cardeal, a sul do Campo de Santana (MOITA, 1994, pp.

119-123), e em 1884 surgem também algumas “sepulturas romanas” na zona da actual estação de St.^a Apolónia (CASTILHO, 1939 *apud* SILVA, 2005, p. 28).

O aparecimento de epígrafes romanas junto às Portas do Sol, a norte, fez com que alguns autores defendam também a existência de uma outra zona funerária nestas imediações (SILVA, 2005, pp. 28-29). A sul, no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros foi identificada outra necrópole, composta por um conjunto de sepulturas de inumação e incineração (BUGALHÃO, 2001, pp. 170-173).

Em relação à denominada Necrópole Noroeste de *Olisipo*, esta situava-se na extremidade Norte da Baixa Pombalina, estendendo-se não só pelo subsolo da Praça da Figueira como também por São Domingos, Calçada do Garcia, Encosta de Santana e Martim Moniz (SILVA, 1997, pp. 201-202, MURALHA *et al*, 2002, pp. 245-246).

2.2. Os trabalhos arqueológicos na Praça da Figueira

2.2.1. As intervenções na década de 60

É na década de 60 que Irisalva Moita iria iniciar as primeiras intervenções na Praça da Figueira, precisamente em 1960, ano a partir do qual, e com a continuidade de intervenções arqueológicas, este local se torna numa das áreas da cidade com maior tradição na investigação arqueológica de Lisboa. A partir daqui, outras intervenções arqueológicas, maioritariamente de emergência, vão ter lugar em distintos pontos da cidade.

Foi com o início da instalação da primeira rede do Metropolitano lisboeta, e portanto sob ameaça de destruição de contextos que se sabiam importantes para a arqueologia da cidade, que nos finais de 1960 se iniciou a primeira escavação na Praça da Figueira e primeira de cariz preventivo da capital, sendo concretamente intervencionada uma zona relativa ao Hospital Real de Todos-os-Santos (séc. XV-XVIII), do qual já havia sido descoberto parte da escadaria da Igreja pertencente ao mesmo complexo, registada fotograficamente pela mesma investigadora sete anos antes (MOITA, 1993 *apud* SILVA, 2005, pp. 7-8). Ainda relativamente a esta intervenção, foram postos a descoberto a Ermida de Nossa Senhora do Amparo, parte do Cano Real, e anexos do Convento de São Domingos, para além de outras importantes zonas do

Hospital que se encontravam também ameaçadas pela construção do Metropolitano (MOITA, 1964-66, p. 77).

É ainda em 1961 que surgem os primeiros vestígios da ocupação romana do local em questão, apenas algum tempo depois de ter sido descoberta uma estrutura também ela romana, de grandes dimensões, desta vez no subsolo do Rossio, e apenas identificada em 1997 como parte do circo de *Olisipo* (VALE e FERNANDES, 1997, pp. 109-121).

Na Praça da Figueira, foram então postas a descoberto três sepulturas de incineração romanas sob um pavimento em *opus signinum*, o denominado “Conjunto I”, o único que iria obter um esquema claro de localização, já que na continuação dos trabalhos durante o mesmo ano foi descoberto um total de 14 conjuntos, onde se procedeu apenas à recolha de material, sem se proceder ao seu registo de localização (MOITA, 1968, pp. 33-34).

Percebendo a importância dos achados romanos que se encontravam a ser destruídos, apesar de algum tempo passado desde a sua descoberta, Irisalva Moita requer uma autorização à Câmara para a realização de uma escavação sistemática, explicando que só desta maneira se poderia salvaguardar e registar os achados que iam crescendo a um ritmo acelerado (*idem*).

Desta forma, Irisalva Moita iniciaria os trabalhos arqueológicos com outros dois trabalhadores concedidos pela Câmara Municipal, chegando a referir um conjunto de vinte e cinco sepulturas e outro conjunto de estruturas “associadas”, levantadas por um topógrafo (SILVA, 2005, p. 10).

Em 1962, é Bandeira Ferreira que assume a coordenação dos trabalhos, criticando o trabalho da investigadora anterior no que diz respeito à metodologia de trabalho que aplicou nos registos, descrevendo o estado em que se encontrava a escavação de “deplorável” (FERREIRA, 1962, p. 4).

Apesar da intervenção de Moita ter sido bastante condicionada, por factores externos a questão da metodologia aplicada provocou uma leitura desarticulada do local. Em contrapartida, a investigadora conseguiu publicar dados relativos às suas intervenções, o que não aconteceu com Bandeira Ferreira, cujo trabalho continua hoje quase totalmente inédito (SILVA, 2005, p. 10).

A acção de Bandeira Ferreira iria ser auxiliada por arqueólogos mais experientes, entre eles Eduardo Prescott Vicente, Fernando Castelo Branco e Rodrigues Miguéis, bem como alunos da Faculdade de Letras de Lisboa. O seu trabalho incidiu principalmente na zona a ser afectada pela construção da estação do Metro do Rossio, sendo que uma parte dos níveis romanos havia já desaparecido pelo início da sua construção.

Bandeira Ferreira viria a identificar no local algo que passara despercebido a Moita, em parte por esta ter colocado na zona as terras que iam sendo retiradas pelas obras, isto é, uma via romana de estruturação do espaço. Dados alguns muros ainda se encontrarem visíveis o investigador optou por definir vários sectores de intervenção a partir da sua localização.

É de salientar a importância destes levantamentos já que à medida que as obras iam avançando e as estruturas registadas, estas eram destruídas. Bandeira Ferreira não conseguiu proceder à escavação total da área, limitado que foi pelo plano das obras (SILVA, 2005, p. 12).

2.2.2. Intervenções realizadas entre 1999 e 2001

Na Praça da Figueira, a última intervenção arqueológica realizou-se entre 1999 e 2001, possuindo um carácter preventivo, acontecendo graças a um programa camarário de reabilitação e requalificação deste espaço público e dos seus envolventes, delineado em 1994 (SILVA, 2005, p. 14).

Para o subsolo da praça estava prevista a construção de um estacionamento que teria ligação a um centro comercial e à linha do metropolitano já instalada. Este projecto teria ainda em vista a reabilitação do edifício que separa a Praça da Figueira do Rossio. Sendo este um projecto de ligação camarário, seria o Museu da Cidade de Lisboa a assumir a coordenação científica e arqueológica, tendo também em conta o seu anterior envolvimento nos trabalhos já ali realizados na década de 60. Contudo, a entrada de arqueólogos nas obras foi tardio, e só após dois anos de acompanhamento processual por dois especialistas é que se chegou a um entendimento entre a Câmara Municipal e o I.P.A., obrigando a que as obras fossem acompanhadas de trabalhos arqueológicos.

Desde o início, o I.P.A. optou em privilegiar o valor científico patrimonial ao aplicar o princípio de “preservação pelo registo” (*idem*).

Desta forma, os trabalhos arqueológicos no local foram realizados ao longo de três fases distintas (*idem*, pp. 14-15):

1. Fase em que se procedeu à peritagem das sondagens geotécnicas (Fevereiro – Junho de 1999);
2. Fase onde se acompanhou a construção da estrutura primária de contenção (Setembro – Dezembro de 1999);
3. Fase em que então se observou a execução dos trabalhos arqueológicos de escavação, na área que iria ser afectada (Dezembro de 1999 – Março de 2001).

A terceira fase, correspondente à escavação, foi então planeada tendo em conta os três grandes horizontes cronológicos e estratigráficos que se sabia existir no local: o Hospital Real de Todos-os-Santos; ocupações baixo-medievais subjacentes; e os níveis de Época Romana que contemplavam a necrópole, a via e o circo.

Para que este plano desse resultado, optou-se pela adopção de uma metodologia mista de escavação, em que se privilegiou a “open-area” de Barker-Harris mas também alguns métodos considerados mais “tradicionais”, como o registo vertical de parte das unidades estratigráficas, principalmente as que intercalavam grandes horizontes ocupacionais. Assim, foi utilizada uma malha quadriculada de referência de 5x5 metros, articulada com os limites da obra (SILVA, 2005, p. 15).

O principal objectivo era disponibilizar para apreciação científica e patrimonial os dados obtidos sobre os principais momentos de ocupação de uma forma simultânea. Este só seria conseguido para o primeiro grande horizonte correspondente ao Hospital Real de Todos-os-Santos. O insucesso relativo às Épocas Islâmica e Romana deve-se às soluções de engenharia adoptadas pelos especialistas relacionados com a engenharia das estruturas que defendiam particularmente questões de segurança ligadas com o edificado adjacente à praça.

Apesar de tudo, para contextos de Época Islâmica os trabalhos foram de certo modo articulados compondo duas grandes áreas imediatas e sucessivamente expostas, e

foi assim possível o registo de um bairro cujas cronologias se inserem naquele período de ocupação da cidade.

Para a realização dos trabalhos nos níveis romanos, os investigadores tiveram que rever ao detalhe todos dados recolhidos nas escavações anteriores, quer as mais antigas de Irisalva Moita quer das seguintes por Bandeira Ferreira e Fernando Castelo Branco, que revelam uma grande incoerência de resultados: os registos obtidos por Irisalva Moita nunca correspondem aos obtidos pelos últimos investigadores (*idem*, p. 16).

2.3. O significado da Praça da Figueira no quadro do urbanismo da cidade romana de *Olisipo*

Algumas fontes antigas fazem referência à existência de elementos arqueológicos encontrados em zonas próximas da actual Praça da Figueira, relativamente à necrópole ou a achados que poderiam estar relacionados com ela⁷.

A referência mais antiga remonta ao século XVI, em que *Anonimus Neapolitanus* refere a existência de uma epígrafe funerária com dedicatória encontrada cravada na fachada da antiga Igreja de São Domingos (SILVA, 2005, p. 32).

Outras menções da época referem a existência de silhares bem construídos, alguns com argolas em bronze deles pendentes, encontrados aquando da construção dos alicerces de um edifício perto do local. Contudo, estes achados foram na altura interpretados como sendo parte de um pequeno porto ou cais antigo, devido à proximidade com o rio, às argolas em bronze que serviriam para amarras os navios, mas também a uma série de conchas de marisco associadas (Frei LUIZ DE SOUSA *apud*. SILVA, 1987, p. 18).

Em meados do século XIX, José Valentim de Freitas viria a recolher elementos também importantes, no levantamento de um monumento romano na Rua da Prata e na descoberta de um conjunto de três sepulturas de incineração também junto à encosta de Santana. Estes achados seriam posteriormente interpretados por Jorge de Alarcão como fazendo parte de um cemitério de uma *villa* suburbana (ALARCÃO, 1994, p. 61;

⁷ ANEXO 1, Figura 2.

MOITA, 1968, pp. 33-34; e SILVA, 2005, p. 33). Esta interpretação encontra-se desactualizada hoje em dia na medida em que os elementos que se julgavam perdidos foram recentemente analisados (SILVA, 1997), verificando-se o facto destas três sepulturas pertencerem a uma mesma necrópole composta por outros achados fortuitos em locais próximos, conclusões já anteriormente defendidas por F. Castelo Branco, em 1961, quando afirmava que a necrópole se estendia desde a Praça da Figueira à Encosta de Santana, incluindo, portanto, o Largo de São Domingos (BRANCO, 1961, p. 72).

Alguns anos mais tarde, em 1898, obras no Largo de São Domingos revelaram a presença de vestígios arqueológicos construtivos, ossadas humanas, duas epígrafes e tijolos rectangulares, ou *lateres*, em parte marcados com um “N”. Embora alguns dos achados sejam sem dúvida datáveis de Época Romana, as ossadas e as sepulturas tiveram de ser cuidadosamente interpretadas, já que em 1991, intervenções arqueológicas no Largo revelaram a presença de uma necrópole com intensa ocupação medieval e moderna relacionada com a Igreja de São Domingos (DIOGO e TRINDADE, 2000a).

É então no decorrer do século seguinte que se vão realizar as intervenções levadas a cabo por Irisalva Moita e Bandeira Ferreira na Praça da Figueira, resultando numa grande quantidade e variedade de espólio arqueológico.

Os limites da necrópole noroeste e as suas fases de ocupação foram então estabelecidos na tese de mestrado de Rodrigo Banha da Silva, intitulada “*As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.)*”.

Os dados obtidos nestas intervenções, mesmo assim, não forneceram informações precisas quanto à extensão da necrópole. Já anteriormente às intervenções de 1999-2001, surgiram propostas de alguns investigadores no que diz respeito à localização das suas fronteiras: o limite sul da necrópole situar-se-ia sensivelmente a meio da actual Praça da Figueira; o limite norte poderia situar-se onde actualmente se encontra o Largo de São Domingos, a partir do qual não se conhece um desenvolvimento mais a norte; a oeste do espaço funerário encontrava-se o Circo pelo que a sua expansão nesse sentido se encontrava condicionada.

Desta forma, a necrópole expandir-se-ia para algumas áreas anexas junto a uma via de carácter secundário que se encontrava implantada junto da base da Encosta de

Santana, onde foram encontradas algumas sepulturas associadas, datadas do séc. I e II d.C. Esta via ligaria à “via norte” no Largo de São Domingos, sendo que esta última estaria a estruturar a própria necrópole, e a partir da qual se revela uma hierarquização do espaço funerário, em função da sua proximidade com ela (MURALHA *et al*, 2002, pp. 245-246).

No que diz respeito à periodização da ocupação romana neste espaço, R. Banha da Silva definiu cinco fases distintas (SILVA, 2005, pp. 38-58):

Na primeira fase (**fase I**), os materiais achados são compostos sobretudo por elementos líticos e alguns fragmentos de cerâmica cuja cronologia é atribuível à Idade do Bronze Final, mas também alguns elementos de cerâmica atribuíveis à Idade do Ferro e fragmentos de cerâmica campaniense que atribuem uma primeira cronologia da ocupação romana do espaço, situável entre o século II a.C. e o segundo terço do século I a.C., efectivamente dentro do período de dominação romana de *Olisipo*.

A segunda (**fase II**) revela já construções aliadas aos depósitos pelo que se pode dizer que se trata de uma fase que corresponde ao primeiro urbanismo Alto-Imperial, mostrando uma distribuição díspar dos achados, também estes muito diversificados.

Um dos elementos mais importantes nesta fase é uma primeira pavimentação da “via norte”, em terra batida muito compacta, e outros elementos relacionados com a preparação da mesma. Construções posteriores no mesmo local impossibilitaram a verificação da orientação desta via bem como a sua largura.

Outro elemento escavado que se insere nesta segunda fase de ocupação, é uma estrutura composta por dois muros de argamassa de coloração amarelada com cerca de 50 cm de espessura, um com orientação sul-norte e outro com orientação Este-Oeste, formando uma esquina e delimitando um amplo espaço, cuja escavação apenas veio a revelar a contemporaneidade com a via de terra batida. Os materiais dali provenientes datam já do século III d.C. pelo que esta área terá sido utilizada como zona de despejo numa fase posterior, sendo impossível constatar a sua possível utilização como espaço funerário.

Paralelamente ao muro norte encontrou-se uma outra via, bastante semelhante à anterior em termos de construção, e perpendicular a esta. A sua largura, no entanto, revela o seu carácter secundário em relação à “via norte”.

Um outro muro delimitava a Norte esta via mais pequena com uma construção semelhante aos primeiros muros encontrados, mas apenas um pequeno troço foi identificado por ter sido em grande parte destruído em fases posteriores.

A orientação destas estruturas é bastante semelhante à compartimentação interna do Hospital Real de Todos-os-Santos e da posterior estruturação pombalina, sugerindo que o desenvolvimento urbano naquela parte da cidade se tem desenvolvido conforme a ortogonalidade romana correspondente a esta fase, no entanto, não passando isto de uma mera hipótese, já que os elementos que sustentam esta teoria são relativamente escassos.

Outros elementos com cronologia atribuível a esta fase são estruturas negativas correspondentes a fossas detríticas, sendo que uma revelou a presença de espólio com datações finas, como *terra sigillata* de tipo itálico e gálica, e moedas de cobre, remetendo os contextos para o século I d.C., datação em conformidade com as restantes estruturas. As outras duas fossas revelam o mesmo tipo de material associado, em que predomina significativamente a *terra sigillata* de tipo itálico⁸.

A fase II encontra-se representada pela presença de unidades estratigráficas arenosas de grande extensão, e terão servido de camada de regularizadora para a instalação do tabuleiro da “via norte” onde surgiram materiais em cerâmica fina como *terra sigillata* de tipo itálico, com a presença de duas marcas de oleiro e um fragmento de *terra sigillata* sudgálica, cujas datas indicam que se tenha formado já no período do imperador Tibério (SILVA, 2005, pp. 229-237). Tratam-se dos contextos mais antigos aqui encontrados.

Ainda pertencentes a esta fase, devemos destacar duas fossas detríticas, que constituem os contextos com maior presença deste tipo de material cerâmico, as U.E. 8933, 8060 e 8100:

- **U.E. 8933** – selada pela construção de um piso mais antigo pertencente a um dos troços da “via norte”, os materiais aqui encontrados em *terra sigillata* são

⁸ ANEXO 1, Figura 3.

exclusivamente itálicos e encontravam-se junto a outras cerâmicas que já não se inserem nesta categoria; duas marcas remetem a sua cronologia para um período posterior a 5 a.C., e um prato com aplique de forma espiralada remete-a, com maior certeza, para o principado de Tibério.

- **U.E. 8060** – trata-se de uma fossa detrítica anterior à necrópole e situa-se fora desta, distante do troço mais antigo da “via norte”; proporcionou também uma maioria de *sigillata* de tipo itálico, com a presença ocasional de fragmentos em *sigillata* sudgálica; este contexto forneceu o conjunto de vasos mais completos e de marcas de oleiro; à semelhança da anterior, terá sido formada no principado de Tibério.

- **U.E. 8100** – corresponde a uma fossa detrítica que se encontrou sobreposta pelo troço mais antigo da “via norte” e encostava a um muro edificado na mesma altura a Oeste; no seu enchimento (U.E. 8097, 8098 e 8099) foi recolhido um conjunto de cerâmica fina, da qual se destaca a *terra sigillata* de tipo itálico e sudgálica, e duas moedas de cobre que remetem a cronologia para a primeira metade do século I d.C., sendo compatível com os materiais encontrados e que estavam associados às estruturas.

Uma outra unidade que merece destaque é a **U.E. 9033**, que apesar de ter sido datada provavelmente já do principado de Nero, trata-se de uma fossa de onde se recolheu uma grande quantidade de cerâmica comum de produção local ou regional, juntamente com ânforas, lucernas, cerâmica “paredes finas”, mas ainda um conjunto de *sigillata* sudgálica, composto por um número similar de taças e pratos, e fabricos itálicos correspondentes a um cálice de corpo hemisférico e dois *skyphoi*. R. Banha da Silva refere que o que poderá ter originado a formação deste contexto, foi a utilização destes vasos num banquete funerário (SILVA, 2005, p. 278). Assim, tendo em conta a informação disponível para este contexto, e também para o contexto da U.E. 8933, o investigador sugere tratarem-se de contextos formados após a utilização dos vasos numa situação socializante (*idem*), explicando a contínua utilização de materiais com cronologias mais antigas associados a outros mais tardios, talvez pelo valor que tinham por estes.

Por sua vez, a **fase III** veio a revelar que os espaços utilizados para a prática funerária foram localizados primeiramente junto à “via norte”, desenvolvendo-se de uma forma estruturada em seu redor.

Rodrigo Banha da Silva destaca esta fase como a do funcionamento da necrópole “monumentalizada”, causa de um fenómeno de transformação da ritualidade da morte ocorrido a partir dos finais da República em muitas cidades da Hispânia, manifestando-se através da adopção de uma estruturação urbana para este tipo de espaços.

Comparativamente à necrópole da Rua dos Correeiros, em fases cronológicas separadas apenas por um muito curto espaço temporal, é possível verificar-se que na necrópole noroeste a prática de incinerações é exclusiva, enquanto que na outra necrópole mencionada a prática de inumações é superior. Verifica-se também a existência de estruturas que se revelaram como recintos funerários simples, portanto sem cobertura, e num dos casos sem porta, datáveis do século I d.C. apesar de terem uma ocupação posterior atestada.

Esta “monumentalização” da necrópole Noroeste foi acentuada durante os séculos II e III d.C., com o aparecimento de grandes edifícios, variados na tipologia arquitectónica.

Dos materiais cerâmicos associados a estas estruturas destacam-se a *terra sigillata* africana clara A e C, mais uma vez confirmando a datação atribuída para as estruturas.

Nos contextos relacionados com as vias, exumou-se mais uma vez cerâmica fina, mas desta vez com um predomínio de *terra sigillata* de produção gálica.

Ambas as vias que atravessavam o local apresentam remodelações. A presença de *terra sigillata* africana clara A, data a remodelação da “via secundária” de entre meados do século II d.C. e meados do século III d.C.⁹

A **fase IV** corresponde ao período de “desmonumentalização” da necrópole para a construção de um sistema defensivo.

⁹ ANEXO 1, Figura 4.

Foram, contudo, encontrados outros indicadores do abandono das estruturas funerárias, do qual são exemplos: a exumação de um caixão em madeira depositado numa fossa simples, uma tipologia de inumação bem definida e com bastantes paralelos peninsulares bem datados, em que o espólio a si associado a datam da segunda metade do séc. III; e a presença de um *bustum* no centro da via secundária, assinalado com um silhar estucado, revelando o abandono deste caminho.

A fase final (**fase V**) corresponderá ao abandono desta área como espaço de necrópole, numa data imprecisa do século IV d.C. Uma explicação possível é a cristianização da cidade já que a ritualização da morte era elaborada de maneira diferente, tal como a topografia urbana.

Ainda em Época Tardo-Romana, e com alguma relação de posteridade com estas estruturas enunciadas, foram construídas seis sepulturas de inumação bastante dispersas e cuja cronologia é indeterminável dada a inexistência de espólio a si associado.

A “via norte” foi sobreposta por finas camadas de areias, com poucos materiais ligados, mas que evidenciam a utilização do espaço ainda como trajecto viário.

Correspondente a toda a área escavada encontra-se uma unidade estratigráfica uniforme, correspondente a um período deposicional lento, que indicia o momento de abandono do local, tratando-se do último registo assimilável de Época Romana.

Capítulo III. O conjunto de *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira

3.1. Metodologia

Apresenta-se nesta dissertação o conjunto de materiais em *terra sigillata* de tipo itálico proveniente das intervenções desenvolvidas na Praça da Figueira em 1961 e 1962, e da escavação realizada entre 1999 e 2001.

O trabalho sobre o conjunto passou pelas seguintes etapas: num primeiro momento procedeu-se à selecção dos fragmentos que apresentavam as características macroscópicas atribuídas aos fabricos de tipo itálico; num segundo momento, à sua contagem, já contemplando colagens, sendo vários os fragmentos colados identificados como um indivíduo apenas; num terceiro momento, a composição de um inventário formal e tipológico em *EXCEL*, no qual foram contemplados os campos referentes ao número de inventário, indicações contextuais de recolha (quadrícula e unidade estratigráfica), porções presentes dos vasos (bordo, parede, fundo e base), classificação tipológica e formal (taça, prato, copo, cálice, *skyphos* e asa), funcionalidade, tipos de fabrico e número de catálogo.

A tipologia formal adoptada corresponde à apresentada no *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae* (*Conspectus*; AAVV, 2002), dado tratar-se da mais frequentemente utilizada a nível internacional, e por assim permitir estabelecer comparações com outros conjuntos.

Em relação à classificação tipológica, foram tidos em conta todos os fragmentos que a permitiam. Apenas foram contabilizados os pertencentes a bordos e algumas paredes e bases cuja forma é susceptível de ser identificada. As restantes porções de parede, fundo e base foram excluídos da contagem final. No que diz respeito às formas decoradas, foram quantificados todos os bordos que, não apresentando decoração, sabemos corresponderem a peças decoradas.

A quantificação dos materiais foi executada de acordo com o *Protocole de Quantification des Céramiques*, conhecido por “de Mont Beauvray” (Arcelin, P.; Tuffreau-Libre, M., dir., 1998), seguindo assim a tendência adoptada na mais recente investigação portuguesa (MORAIS, 2009; QUARESMA, 2010; VIEGAS, 2003 e 2009).

No que diz respeito à definição de distintos fabricos, foram constituídos grupos nos quais tivemos em conta a pasta e o revestimento e as suas variações. Para a atribuição das cores foi utilizado o código de cores *Munsell Soil Color Charts* (1994) e a observação foi feita com auxílio de uma lupa de aumento a 20x, executada com luz natural.

Descrição dos grupos de fabrico:

Fabrico A – Pasta de coloração vermelho alaranjada (5YR 7/6), não granulosa, dura, de fractura rectilínea e com muitos e.n.p. de muito pequena dimensão; engobe de coloração vermelha (2.5YR 5/6), brilhante, aderente, fino e por vezes manchado.

É o mais comum no conjunto analisado (200 fragmentos).

Fabrico B – Pasta de coloração vermelho clara (2.5YR 7/8), não granulosa, dura, de fractura rectilínea, com poucos e.n.p. de muito pequena dimensão; engobe de coloração vermelha (10R 4/8), brilhante, aderente, fino e homogéneo.

É o menos frequente do conjunto (85 fragmentos).

Fabrico C – Pasta de coloração alaranjada (7.5YR 8/6), não granulosa, dura, de fractura rectilínea, com poucos e.n.p. de muito pequena dimensão; engobe de coloração vermelha (2.5YR 5/8), brilhante, aderente, espesso e homogéneo.

Juntamente com o fabrico A é também dos mais comuns (168 fragmentos), e parece corresponder ao fabrico mais abrangente da *sigillata* de tipo itálico de Chãos Salgados e que J. Quaresma define por “pasta dura, de fractura algo linear (...), poucos e.n.p. de muito pequena dimensão (...), verniz com algum brilho, geralmente bem conservado (...)” (2009, p. 13).

Fabrico D – Pasta de coloração rosada (7.5YR 8/4), granulosa, pouco dura, de fractura rectilínea, com muitos e.n.p. de coloração esbranquiçada de muito pequena dimensão; engobe de coloração vermelha escura (2.5YR 4/6), pouco brilhante, pouco aderente, fino e por vezes manchado.

Correspondem a este grupo de fabrico 111 fragmentos, que corresponderá ao segundo fabrico definido por J. Quaresma *supra*, caracterizado por uma pasta “dura, de fractura algo conchoidal, granulosa mas compacta, com bastantes e.n.p. brancos de pequenas dimensões (...)”, e um “verniz fino, sem brilho, que se desfaz mais facilmente (...)” (2009, pp. 13-14).

Fabrico E – Pasta de coloração rosada (5YR 8/4), granulosa, pouco dura, de fractura rectilínea, com muitos e.n.p. de muito pequena dimensão; engobe de coloração vermelha escura (2.5YR 4/8), brilhante, aderente, fino e por vezes manchado.

A este fabrico correspondem 115 fragmentos, um número muito semelhante ao anterior, apesar de não nos ser possível fazer correspondência com outros autores, talvez devido à similaridade entre estes dois últimos grupos de fabrico.

Fabricos	Nº fragmentos	%
A	200	29,5
B	85	12,5
C	168	24,7
D	111	16,4
E	115	16,9
Total	679¹⁰	100,0

Quadro 1 – Percentagem dos tipos de fabrico depois de efectuadas as colagens.

Em relação à apresentação do catálogo, este segue, por norma, uma ordem crono-tipológica, seguindo a tipologia definida no *Conspectus*, tanto para as formas lisas como para as decoradas. Estas últimas foram complementadas com o estudo, sobre as formas decoradas, efectuado em meados do século XX pelos investigadores alemães Dragendorff e Watzinger, baseado no espólio de *terra sigillata* de Tübingen (1948). Foram desenhados todos os fragmentos passíveis de o serem, bem como os restantes em que se encontravam presentes aplicações e decoração.

A parte final é dedicada à apresentação do catálogo das marcas de oleiro em *terra sigillata* de tipo itálico, estudadas por Rodrigo Banha da Silva (2005), sendo os desenhos da autoria do investigador.

¹⁰ Os fragmentos que apresentam marca de oleiro (32) não se encontram incluídos nesta contagem.

3.2. Análise tipológica

O conjunto de *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira está representado por um total de 796 fragmentos, que após colagens se resumiu a um conjunto de 711 exemplares, em que foi possível a classificação de 193 fragmentos, sendo que os restantes 518 são indeterminados.

Conjunto	Nº de fragmentos	%
Fragmentos classificados	193	27,3
Fragmentos indeterminados	518	72,7
Total	711	100,0

Quadro 2 – Fragmentos em que foi possível identificação formal, e fragmentos indeterminados. Respectivas percentagens.

Encontrámos então 153 exemplares que pertencem a vasos lisos, bem como um total de 6 cálices, dois *skyphoi*, duas asas de *skyphoi*, e ainda 32 fundos e 32 marcas de oleiro.

Seguidamente calculámos as percentagens referentes ao N.M.I. dentro das duas classes indicadas, ou seja, as formas lisas, as quais são esmagadoramente maioritárias, com cerca de 95%, enquanto que as formas decoradas constituem apenas 5% do total.

Classificáveis	N.M.I.	N.M.I. (%)
Formas lisas	143	94,7
Formas decoradas	8	5,3
Total	151	100,0

Quadro 3 – N.M.I. de formas lisas e formas decoradas e percentagens.¹¹

Por sua vez, dentro do conjunto de pratos, pratos grandes, taças, copos, cálices e *skyphoi*, foi-nos permitida a identificação de trinta e duas formas distintas, vinte e sete

¹¹ Para maior detalhe na informação relativa ao total de fragmentos, por formas lisas, decoradas e marcas, e N.M.I., consultar infra o Quadro 5, página 69.

correspondentes a formas lisas, e outras cinco pertencentes às formas decoradas, que apresentaremos o seu estudo seguidamente¹²

3.2.1. As formas lisas

3.2.1.1. A forma *Consp.* 3 (Est. 1, nº 1-2)

A forma *Consp.* 3 é um prato de parede alta, oblíqua e com bordo saliente, cuja cronologia aponta para o século I d.C. (*Conspectus*, p. 56).

Na Praça da Figueira foram identificados dois fragmentos deste tipo, ambos pertencentes à variante 3.2.

Trata-se de uma das formas mais tardias, também presente em Braga, onde à semelhança do sítio lisboeta apenas se conta um fragmento (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.2. A forma *Consp.* 4 (Est. 1 e 2, nº 3-9)

Esta forma trata-se de um prato de parede convexa, com bordo de lábio semicircular, onde são frequentes as ranhuras internas. Apresenta uma cronologia que abrange um longo período de tempo. As variantes 4.1 e 4.2 são portanto as mais antigas, datadas de um período entre 11 e 9 a.C. (anteriores ao horizonte de Oberaden), as variantes 4.3 e 4.4 inserem-se num tempo que vai desde a fundação de Oberaden à primeira década d.C., sendo a variante 4.5 anterior a Haltern atingindo o final do principado de Augusto, e por fim as variantes 4.6 e 4.7, mais tardias, já datadas de meados do século I d.C. (*Conspectus*, p. 58).

Encontramos sete exemplares desta forma na Praça da Figueira, sendo que apenas um pertence às variantes mais antigas, 4.2. Contudo, as variantes tardias estão melhor representadas, contando-se um exemplar 4.4, dois 4.5 e três 4.6.

Esta forma está também bem representada em Santarém, com dezoito exemplares, distribuídos pelas suas variantes, como também foi possível observar-se neste sítio lisboeta (VIEGAS, 2003, pp. 47-48), e em Braga, que conta com oito fragmentos deste tipo, quer de variantes mais antigas quer das mais recentes (MORAIS, 2005, p. 264).

¹² Este será feito através do N.M.I., embora tenhamos desenhado paredes que achámos significativas.

3.2.1.3. A forma *Consp.* 6 (**Est. 2, nº 10-11**)

A forma *Consp.* 6 corresponde a um prato de parede convexa com um ressalto, ou degrau em meia cana, entre a parede e o fundo. Apenas a variante 6.1 apresenta cronologias mais antigas, datada de finais do principado de Augusto e inícios de Tibério, sendo as restantes variantes 6.2 – 6.5 as que indicam uma cronologia situada entre o segundo quartel do século I d.C. e meados do mesmo (*Conspectus*, p. 62).

Na Praça da Figueira esta forma encontra-se representada por apenas dois exemplares, um da variante 6.2 e outro da variante 6.5.

É existente também em Santarém, embora neste último tenham sido apenas determinados dois exemplares da variante mais antiga (VIEGAS, 2003, p. 49).

3.2.1.4. A forma *Consp.* 7 (**Est. 2, nº 12**)

Trata-se de uma taça de parede oblíqua, rectilínea e de bordo com secção semicircular. Surge na tradição das formas de cerâmica campaniense e a sua produção prolonga-se, continuando a ser produzida nas oficinas gaulesas (VIEGAS, 2003, p.50), sendo que a sua cronologia se enquadra entre meados e finais do principado de Augusto (*Conspectus*, p. 64).

Na Praça da Figueira foram identificados dois fragmentos pertencentes a esta forma, um da variante 7.1, apresentando uma marca de *L. Vibius* (**Est. 47, nº 239**), datada de 15 a.C. a 5 d.C., possivelmente oriunda de uma oficina da Itália Central (Silva, 2005, pp. 123-125), o outro pertence à variante 7.2.

Uma quantidade semelhante de exemplares foi encontrada em Santarém, todos pertencentes à variante 7.1 (VIEGAS, 2003, p. 50).

3.2.1.5. A forma *Consp.* 8 (**Est. 2, nº 13**)

Trata-se de uma taça de parede oblíqua e rectilínea, de bordo saliente, não muito diferente da anterior, mas distinguindo-se pelo bordo que é saliente. Apresenta cronologias ainda anteriores a Augusto (30 a.C.) atingindo a primeira década d.C. (*Conspectus*, p. 60).

Encontramos um exemplar na Praça da Figueira correspondente à variante 8.1.

A forma *Consp.* 8 não se encontra presente nem em Santarém nem em Braga.

3.2.1.6. A forma *Consp.* 9 (Est. 3, nº 14)

A forma *Consp.* 9 corresponde a uma taça de parede convexa e fundo plano. A sua cronologia situa-se em meados do principado de Augusto (*Conspectus*, p. 60).

Dois exemplares puderam ser classificados, um deles apresentando uma marca do oleiro *Hilarus* (Est. 46, nº 233), datável de 1 a 20 d.C., sendo a sua proveniência de Pozzuoli (Silva, 2005, pp. 114-115).

Tal como acontece com a forma anterior, também não foi identificada nem em Santarém nem em Braga.

3.2.1.7. A forma *Consp.* 10 (Est. 3, nº 15)

Esta forma corresponde a um prato de bordo fortemente destacado da parede, sendo possível encontrar vários perfis nas suas variantes. Esta forma inicia o conjunto que forma o serviço I de Haltern, que apresenta formas com cronologias das mais antigas (SCHNURBEIN 1982, pp. 26-30). A sua diacronia encontra-se compreendida entre os inícios e meados do principado de Augusto (*Conspectus*, p. 68).

Identificamos um exemplar correspondente a esta forma, variante 10.1.

É uma forma que também se encontra em Santarém, com pratos de grandes dimensões e de perfis variados (VIEGAS, 2003, p. 51).

3.2.1.8. A forma *Consp.* 11 (Est. 3, nº 16- 19)

A forma *Consp.* 11 corresponde a um prato de bordo pendente, vertical, bem destacado da parede, cuja cronologia atribuída situa-se em meados do principado de Augusto (*Conspectus*, p. 70). Tal como a forma anterior, este prato pertence ao serviço I de Haltern (SCHNURBEIN, 1982, pp. 26-30).

Foram identificados quatro exemplares deste tipo na Praça da Figueira.

Este prato não foi identificado nem em Santarém, nem em Braga.

3.2.1.9. A forma *Consp.* 12 (Est. 4 e 5, nº 20-27)

A forma *Consp.* 12 corresponde a um prato de bordo pendente mas pouco destacado da parede, diferenciando-se desta maneira da forma anterior. Tal como esta, podemos encontrar pratos de pequenas ou grandes dimensões, estando também representada no serviço I de Haltern, tratando-se da forma mais comum em sítios como Oberaden e Dangstetten (SCHNURBEIN, 1982, pp. 26-30). A sua cronologia foi atribuída a um curto período de tempo, entre 15-10 a.C., embora a variante 12.4 possa atingir cronologias mais tardias, chegando a finais do principado de Augusto (*Consp.*, p. 72).

Na Praça da Figueira encontramos oito exemplares desta forma, constituindo juntamente com os pratos tipo *Consp.* 4, o conjunto com cronologias mais antigas que aqui pode ser identificado.

Estes exemplares encontram-se bem distribuídos pelas suas variantes: três pertencentes à variante 12.1, a mais antiga; um da variante 12.2 e outro à variante 12.3; dois da variante 12.4; e um mais recente, pertencente à variante 12.5.

É uma das formas mais comuns encontradas em Santarém, com trinta e seis exemplares, com perfis variados (VIEGAS, 2003, pp. 51-52), e também em Braga, com vinte e cinco exemplares pertencentes a este tipo, constituindo um dos maiores grupos aqui identificados no que diz respeito à *terra sigillata* de tipo itálico lisa, também com cronologias mais antigas, nunca ultrapassando o principado de Augusto (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.10. A forma *Consp.* 15 (Est. 5, nº 28)

A forma *Consp.* 15 corresponde a uma taça campaniforme, mas com um bordo ligeiramente convexo, em que é frequente a presença de *guilhocé*. Tal como acontece com forma anterior, também esta se encontra bem representada em Haltern, apresentando, contudo, cronologias ligeiramente mais tardias, entre meados e finais do principado de Augusto (*Consp.*, p. 78).

Apenas um exemplar pertencente à variante 15.1 foi identificado neste conjunto.

Encontra-se também representada em Santarém (VIEGAS, 2003, p. 57) e em Braga (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.11. A forma *Consp.* 18 (Est. 6 a 10, nº 29-51)

Esta forma, correspondente a um prato de parede vertical ou ligeiramente esvasada e fundo plano, apresenta cronologias que apontam para 10 a.C., chegando a atingir meados do principado de Tibério (c. 30 d.C.), começando a evoluir gradualmente para a forma 20 (*Conspectus*, p. 82).

Trata-se de uma das formas mais presentes aquando do incremento da produção de *terra sigillata* de tipo itálico, sendo que foi manufacturada em todos os principais centros oleiros produtores deste tipo de cerâmica.

Trata-se de uma das formas de prato englobadas no Serviço II de Haltern, juntamente com os pratos tipo 20 e 21 e taça tipo 22 (SCHNURBEIN, 1982, pp. 41-42).

No conjunto proveniente da Praça da Figueira encontramos um total de vinte e quatro fragmentos pertencentes à forma 18, sendo que dois se enquadram na variante 18.1: um deles, de perfil completo, apresenta uma marca atribuída ao oleiro *Atticus* (Est. 44, nº 223), possivelmente produzida em Pozzuoli, e com uma cronologia que compreende o período de 10 a.C. a 10 d.C. (SILVA 2005, pp. 107-109); e os restantes fragmentos podem ser atribuídos à variante 18.2, a mais comum dentro desta forma. Trata-se portanto de uma das formas mais abundantes neste sítio arqueológico, em conjunto com as formas 20, 21 e 22.

À semelhança de Santarém e Braga (VIEGAS, 2003, pp. 57-58; MORAIS, 2005, p. 264), também na Necrópole Noroeste é o Serviço II de Haltern que se encontra melhor representado, o que pode ser justificado pelo facto de corresponder ao período em que as importações itálicas começam a ganhar maior relevo.

3.2.1.12. A forma *Consp.* 19 (Est. 11, nº 52-56)

A forma *Consp.* 19 trata-se de um prato de parede vertical ligeiramente esvasada ou côncava, unida ao fundo através de uma meia cana ou ressalto, mostrando uma evolução semelhante à forma anterior. Apresenta uma cronologia situada entre finais do principado de Augusto e inícios do de Tibério (*Conspectus*, p. 84).

Encontramos cinco exemplares desta forma na Praça da Figueira, todos pertencentes à variante 19.2. Um deles, um fundo, apresenta uma marca possivelmente pertencente ao oleiro *Amandius i* (Est. 43, nº 217) e provavelmente oriunda do Vale do

Pó, à qual foi atribuída a cronologia que se situa entre 30 e 45 d.C. (SILVA, 2005, pp. 101-102). O outro exemplar ostenta um applique em espiral, que certamente seria dupla.

Esta forma também está atestada em Santarém (VIEGAS, 2003, p. 60), com três exemplares, e em Braga, com seis (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.13. A forma *Consp.* 20 (Est. 12 a 14, nº 57-72)

Esta forma corresponde a um prato de parede vertical, ligeiramente esvasada, lisa ou moldurada, seguindo portanto as mesmas características dos pratos anteriores. As cronologias atribuídas compreendem ainda o principado de Augusto, embora sejam raros os exemplares com esta cronologia, na medida em que esta forma só se difunde grandemente a partir do principado de Tibério, verificando-se a tendência da substituição do prato tipo *Consp.* 18, sendo as últimas variantes deste facilmente confundíveis com as primeiras variantes da forma 20. As mais tardias podem atingir meados do século I d.C. (*Conspectus*, p. 86).

Na Praça da Figueira foram registados dezasseis exemplares deste tipo. Apenas quatro correspondem à variante mais antiga, 20.1. As restantes porções de prato podem-se englobar da seguinte forma: cinco exemplares da variante 20.3, um apresentando applique em espiral dupla, e sete da variante 20.4. Três dos fragmentos tipo 20.4 ostentam aplicações, um com espiral (possivelmente dupla), um com um golfinho e outro, muito fragmentado, parece pertencer a uma cabeça de leão.

À semelhança de Santarém e Braga, é a variante 20.4 a mais representada dentro deste tipo na Praça da Figueira, sendo também frequente a presença de decoração aplicada (VIEGAS, 2003, p. 61; MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.14. A forma *Consp.* 21 (Est. 15 e 16, nº 73-82)

Trata-se de um prato algo semelhante aos anteriores, distinguindo-se destes pelo ressalto ou degrau em meia cana entre o bordo e o fundo. Esta forma enquadra-se em cronologias que compreendem meados do principado de Augusto atingindo o principado de Tibério e finais do de Cláudio (10 a.C. – 54 d.C.). Esta forma continuará a ser manufacturada posteriormente, inclusive em outros fabricos, tratando-se de uma das formas mais produzidas pelas oficinas gaulesas (*Conspectus*, p. 88).

Na Praça da Figueira foi possível a identificação de dez fragmentos do tipo, com um dos exemplares pertencente à variante 21.1, três à variante 21.2 e seis à 21.3. Está entre as formas mais representadas neste sítio, embora seja mais escassa a sua presença em Santarém (cinco exemplares; VIEGAS, 2003, p. 62) e em Braga (dois exemplares; MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.15. A forma *Consp.* 22 (Est. 17 a 22, nº 83-110)

À forma *Consp.* 22 corresponde uma taça troncocónica de bordo vertical, côncavo e cuja presença de guilhoché é muito frequente. A sua presença está atestada em Oberaden e Rödgen, tendo, por isso, cronologias que rondam 10 a.C., podendo ser também anteriores a esta data. Trata-se de uma forma com muitas variantes identificadas, distinguindo-se principalmente pela presença de repartição interna no bordo e a sua simplicidade, dado as mais recentes não apresentarem estas características. Estas últimas variantes têm uma cronologia de finais do principado de Augusto, altura em que esta forma evolui progressivamente para taças do tipo *Consp.* 23, transição completa antes do final do principado de Tibério (c. 37 d.C.). A quantidade de taças tipo *Consp.* 22 encontradas em Haltern junto com pratos tipo *Consp.* 12, sugere que terão sido utilizados em conjunto (*Conspectus*, p. 90).

Como já foi dito, esta forma pertence também ao serviço II de Haltern, completando-o com as formas 18, 20 e 21 (SCHNURBEIN, 1982, pp. 40-42).

Em todo o conjunto de *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira, esta trata-se da forma mais representada, com um total de trinta exemplares: dezoito fragmentos pertencem à variante mais antiga, 22.1, sendo que um deles apresenta uma espiral incompleta; dez fragmentos da variante 22.2, um deles corresponde a uma taça de perfil completo em que se pode observar uma marca do oleiro *Ennius* (Est. 45, nº 232), de Pozzuoli (1-15 d.C.; SILVA, 2005, pp. 112-113); e ainda dois exemplares pertencentes à variante 22.6., um deles ostentando uma marca indeterminada, onde apenas são observáveis as letras “SPE”, e datável de 1 a 20 d.C. (SILVA, 2005, pp. 119-122).

Tendo em conta as variantes, a presença de apliques e a marca de oleiro, pode-se dizer que a cronologia para esta forma na Praça da Figueira, enquadra-se em finais do principado de Augusto e inícios do principado de Tibério.

É então de destacar o facto de esta ser também a forma mais abundante em Santarém, com quarenta e nove exemplares, cujas cronologias atribuídas por Catarina Viegas correspondem às que podemos aqui observar (VIEGAS, 2003, pp. 63-66). Em Braga esta taça é também a mais abundante, representada por vinte e sete exemplares (MORAIS, 2005, p. 264), estando associada aos restantes pratos que compõem o serviço II de Haltern.

3.2.1.16. A forma *Consp.* 23 (Est. 23, nº 111-114)

Com já foi referido, esta taça surge na sequência da forma *Consp.* 22, pelo que são notáveis as suas semelhanças morfológicas. Trata-se de uma taça troncocónica, de bordo vertical, geralmente liso. A sua cronologia está comumente associada a contextos do segundo e terceiro quartéis do século I d.C., sendo as variantes mais antigas, que por vezes surgem com apliques, datáveis da segunda década do mesmo século, tornando frequentemente difícil a sua distinção das variantes mais tardias da forma anterior (*Consp.*, p. 92).

Na Praça da Figueira pudemos identificar cinco exemplares desta forma, todos eles distribuídos pelas variantes 23.1, com três fragmentos, e 23.2, com dois fragmentos. Uma das taças correspondente à primeira variante apresenta uma marca atribuída ao oleiro *P. Cornelius* (Est. 44, nº 224), proveniente de Arezzo e datável de 10 a 40 d.C. (SILVA, 2005, pp. 109-112). Outro fragmento, variante 23.2, apresenta um aplice, cuja forma é indeterminada.

Tanto em Santarém como em Braga esta forma foi identificada, observando-se um total muito semelhante em ambos os locais (VIEGAS, 2003, p. 67; MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.17. A forma *Consp.* 26

A forma 26 é uma taça carenada, de bordo alto vertical ou ligeiramente esvasado. Embora esteja atestada em Haltern, com cronologias para finais do século I a.C., a sua incidência é muito maior na primeira metade do século seguinte, pelo que a atribuição da cronologia mais tardia é mais comum (*Consp.*, p. 98).

Foram identificados três exemplares deste tipo, um com perfil completo e dois correspondentes apenas a porção do fundo. Pertencem os três à mesma variante, 26.1, a mais comum dentro desta forma.

É de salientar o facto de todos estes exemplares apresentarem marca de oleiro: uma identificada como sendo de *A. Annius Crispus* (**Est. 44, nº 222**), de Arezzo (1-10 a.C.); outra de *Cn. Ateius Xantus* (**Est. 47, nº 242**), de Pisa (15-50 d.C.); e finalmente uma marca possivelmente pertencente ao oleiro *Eros* (**Est. 45, nº 231**), datada de 1 a 20 d.C., e cuja proveniência é ainda desconhecida (SILVA, 2005, pp. 106-108; 127-128 e 104-106, respectivamente).

Esta taça está também representada em Santarém nas mesmas quantidades aqui verificadas (VIEGAS, 2003, p. 67), mas ainda não foi registada a sua presença em Braga.

3.2.1.18. A forma *Consp. 27* (**Est. 24, nº 115**)

A forma 27 corresponde a uma taça em muito semelhante à anterior, embora com ligeiras diferenças no bordo, já que este é saliente e aplanado. A esta taça foram atribuídas cronologias mais tardias que à anterior, presente no principado de Tibério e ainda na década de 60 do século I d.C., já no principado de Nero (*Conspectus*, p. 100).

Na Praça da Figueira a taça *Consp. 27* encontra-se representada apenas por um fundo, possivelmente pertencente à forma 27.1.

É uma forma também encontrada em Santarém e Braga, também em ambos os casos menos frequente (VIEGAS, 2002, p. 68; MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.19. A forma *Consp. 29* (**Est. 24, nº 116**)

Trata-se de uma taça cilíndrica e de fundo plano com cronologias que compreendem os principados que vão deste Tibério aos Flávios. Tal como a forma *Consp. 28*, esta taça é relativamente invulgar, mas encontra-se bem dispersa pelo mundo romano, estando muito bem representada em Pompeia (*Conspectus*, p. 104).

Na Praça da Figueira encontramos uma base correspondente à variante 29.1.

Esta taça não se encontra presente nem em Santarém nem em Braga.

3.2.1.20. A forma *Consp.* 31 (**Est. 24, nº 17-19**)

A forma *Consp.* 31 pertence a uma taça de parede biconvexa que evoluirá para a forma Drag. 27, uma das mais frequentes no que diz respeito às produções gaulesas. A presença de guilhoché é muito frequente nas produções de tipo itálico e a sua cronologia enquadra-se em finais do principado de Augusto e princípios do de Tibério (*Conspectus*, p. 106).

No conjunto encontrado na Praça da Figueira pudemos determinar dois exemplares como pertencentes a esta forma, ambos da variante 31.1.

Ao contrário do que acontece em Santarém, onde esta forma se encontra bem representada e é relativamente abundante (VIEGAS, 2003, pp. 70-71), na Praça da Figueira trata-se de uma das menos frequentes, facto que também acontece em Braga (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.21. A forma *Consp.* 32 (**Est. 25 e 26, nº 120-127**)

Trata-se também de uma taça biconvexa, diferente da anterior em relação ao bordo, que é saliente. A presença de guilhoché é menos frequente e, por vezes, apresenta decoração na zona superior do bordo. A sua cronologia é semelhante à anterior, pelo facto de terem iniciado a sua produção conjuntamente, estendendo-se pelo principado de Tibério e anos posteriores (*Conspectus*, p. 108).

Na Praça da Figueira foram identificados sete bordos que correspondem às características desta taça, todos eles pertencentes à variante 32.2.

Esta forma está também presente em Santarém (VIEGAS, 2003, pp. 71-72).

3.2.1.22. A forma *Consp.* 33 (**Est. 26 e 27, nº 128-132**)

A forma 33 corresponde a uma taça hemisférica, em que a presença de guilhoché sobre a parede externa é frequente. A sua cronologia está associada à mudança de Era, atingindo os meados do século I d.C. (*Conspectus*, p. 110).

Encontramos dois exemplares do género na Praça da Figueira, distribuídos pelas variantes 33.1 e 33.2.

É uma forma que ainda não foi confirmada nem em Santarém nem em Braga.

3.2.1.23. A forma *Consp.* 34 (Est. 28, nº 133)

Trata-se de uma taça hemisférica, de bordo vertical, algo idêntica à anterior, mas com um ressalto melhor demarcado a meio da parede. O guilhoché é raro, o mesmo não ocorre quando a taça apresenta apliques. Tem cronologias mais tardias, compreendendo o final do principado de Tibério, estendendo-se até aos Flávios (*Conspectus*, p. 112).

Na Praça da Figueira apenas um exemplar da variante 34.2 foi estudado.

Santarém conta também com a presença de três exemplares deste tipo (VIEGAS, 2003, p. 72), e Braga, com apenas um fragmento (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.24. A forma *Consp.* 36 (Est. 28, nº 134-136)

A forma 36 corresponde a uma taça hemisférica, registando-se por vezes a presença de guilhoché no seu exterior. Tem tradição nas cerâmicas campanienses e continua a ser produzida nas oficinas gaulesas, compreendendo então uma cronologia que se inicia em Augusto e prolonga-se pelo principado de Tibério, onde a sua produção se intensifica (*Conspectus*, p. 114).

Identificamos três exemplares deste tipo, dois correspondentes à variante 36.3 e o outro à variante 36.4, ambas com cronologias tibérias.

Em Santarém esta forma encontra-se representada por oito exemplares, um conjunto significativo (VIEGAS, 2003, p. 72), encontrando-se apenas dois em Braga (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.25. A forma *Consp.* 37 (Est. 28, nº 137)

Trata-se de uma taça hemisférica de bordo saliente e apresenta, por vezes, decoração no seu topo. A cronologia insere-se no principado de Tibério, continuando a ser produzida nas décadas seguintes (*Conspectus*, p. 116).

Na Praça da Figueira foi identificado um bordo deste tipo, variante 37.1, com guilhoché no topo do bordo, como é frequente para esta variante.

A esta forma pertence um único exemplar, em Braga, que apresenta uma cronologia já pertencente a uma fase que se encontra na transição da fase “avançada” para a fase “tardia” (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.26. A forma *Consp.* 38 (Est. 29, nº 138-140)

A forma *Consp.* 38 corresponde a uma taça hemisférica onde estão presentes duas asas anelares bem como paredes com guilhoché. A cronologia desta taça insere-se nos principados de Augusto e Tibério (*Conspectus*, p. 118).

Identificaram-se dois exemplares desta forma na Praça da Figueira, ambos da variante 38.2.

Tal como acontece com a forma anterior, esta também se encontra presente em Braga (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.1.27. A forma *Consp.* 50 (Est. 29, nº 141-143)

Esta forma inicia o grupo de formas correspondentes a copos de perfis diversos. Esta, particularmente, é caracterizada por um corpo cilíndrico, sendo a variante 50.3 a mais comum. A cronologia aponta para os principados de Augusto e Tibério (*Conspectus*, p. 138).

Na Praça da Figueira estudámos um bordo da variante 50.3.

É uma forma também atestada em Santarém, com a presença de seis copos (VIEGAS, 2003, p. 74) e em Braga, sendo este o único fragmento correspondente às formas menos comuns em *terra sigillata* de tipo itálico encontradas nesta cidade (MORAIS, 2005, p. 264).

3.2.2. As formas decoradas

3.2.2.1. A forma *Consp.* R 1 (Est. 34, nº 167)

A forma *Consp.* R 1 corresponde a um cálice de bordo pendente, fortemente destacado da parede, ao qual Oxé atribui uma cronologia que data da última década a.C., dado ser o mais antigo exemplar decorado encontrado na zona do Reno (*Conspectus*, p. 166).

Encontramos um bordo deste tipo na Praça da Figueira, pertencente à variante R 1.1, tipo que também se encontra representado em Braga e o qual R. Morais atribui a uma oficina de *Rasinius* (MORAIS, 2005, p. 263).

3.2.2.2. A forma *Consp.* R 3 (Est. 34, nº 168)

Trata-se de um *modiolus*, uma taça alta que apresenta uma asa vertical. O seu bordo é pendente e destacado da parede, o corpo cilíndrico e a base plana. É uma forma geralmente encontrada em contextos datados do início do principado de Tibério (*Conspectus*, p. 170).

Na Praça da Figueira encontramos uma parede que parece corresponder a estas características, mais concretamente da variante R 3.1. Relativamente à decoração que o vaso ostenta, podemos observar uma banda de folhas de louro interrompidas por uma margarida (punção 180 – TROSO, 1991, fig. 21), uma banda de rosetas de oito pétalas e ainda um escudo denominado de pelta (punção 246 – *idem*, fig. 27). Embora a variante R 3.1 seja mais comum para vasos decorados provenientes de oficinas de *M. Perennius* (*Conspectus*, p. 170), os punções aqui descritos deverão pertencer ao repertório do oleiro *P. Cornelius*.

Em Santarém também está presente, embora os fragmentos encontrados pertençam à variante R 3.3, os quais a autora atribui à oficina de *M. Perennius Tigranus* (VIEGAS, 2003, p. 78).

3.2.2.3. A forma *Consp.* R 8 (Est. 34, nº 169-170)

Esta forma corresponde a um cálice de bordo moldurado e corpo hemisférico, sendo que as molduras se encontram decoradas com guilhoché. Os investigadores do *Conspectus* encontram algumas dificuldades em datar esta forma, atribuindo-a, com prudência, ao período Augusto-Tiberiano (*Conspectus*, p. 178).

Foi possível identificar um bordo (nº 169) deste tipo, variante R 8.1, que apresenta molduras côncavas e convexas alternadas, apresentando guilhoché como é característico da forma. A morfologia deste bordo tornou difícil a sua classificação, na medida em que também poderia ser enquadrada em outras formas apresentadas no *Conspectus*. Contudo, foi a presença de guilhoché que nos fez optar por esta forma. Encontramos ainda uma parede com estas características na Praça da Figueira, pertencente à mesma variante (nº 170), no qual ainda é visível uma porção da última moldura do bordo, que apresenta guilhoché. O que resta da parede deste vaso apresenta decoração elaborada com uma banda de rosetas de catorze pétalas e um outro motivo que não nos foi possível determinar. C. Troso identifica um punção muito semelhante

aos motivos descritos (punção 179 – TROSO, 1991, fig. 21). No entanto, tratando-se de motivos comuns a vários oleiros, não podemos adiantar qual a oficina onde foi produzido.

3.2.2.4. A forma *Consp.* R 9 (Est. 35, nº 171 e 172)

Este cálice caracteriza-se por ter um bordo vertical alto e corpo hemisférico. As variantes pertencentes a esta forma inserem-se no grupo que apresenta a última fase de produção de *terra sigillata* de tipo itálico decorada. As variantes R 9.1 e R 9.2 apresentam cronologias tibérias, enquanto que a variante R 9.3 pertence já a finais do principado de Tibério e inícios do de Cláudio (*Conspetus*, p. 178).

Na Praça da Figueira foi possível a confirmação de dois fragmentos deste tipo. Um bordo da variante R 9.2 (nº 171), apresentando uma moldura na divisão da zona superior para a que seria decorada. Sendo esta zona geralmente lisa, apresenta um conjunto de motivos aplicados, contabilizando-se duas cabeças de leão separadas por uma grinalda perolada e uma folha de acanto, à qual se seguiria outra grinalda. O fragmento apresenta ainda o arranque de parede que ostentaria decoração, e na qual se pode observar o que parece ser uma banda de pérolas.

O segundo fragmento pertence a uma parede que parece ser da variante R 9.3 (nº 172), apresentando a moldura de separação com guilhoché e, na zona decorada, uma sequência de óvulos simples, aos quais não foi possível a atribuição a um determinado repertório decorativo.

É de salientar que se trata de uma forma utilizada por vários oleiros entre os quais *P. Cornelius* e *Cn. Ateius* (*Conspetus*, p. 178). Foi também identificado um bordo deste tipo em Santarém, pertencente à variante mais tardia (VIEGAS, 2003, p. 79).

3.2.2.5. A forma D/W VII (Est. 36 e 37, nº 173-176)

A forma D/W VII foi atribuída por Dragendorff e Watzinger a um *Skyphos* de corpo hemisférico e com duas asas horizontais opostas (1948).

Na Praça da Figueira foram identificados dois bordos de *skyphoi* pertencentes a esta forma (nº 173 e 174). São muito semelhantes, apresentando ambos uma sequência

de pérolas equivalentes às apresentadas na obra dos autores referidos (1948, tafel 19, nºs 297 a 300). Variam apenas na espessura da parede e apresentam ainda a zona de colagem das asas, junto ao bordo.

Encontramos também duas asas (nº 175 e 176), que poderão pertencer aos vasos acima referidos e como tal não foram contabilizadas para o número mínimo de indivíduos. Ambas têm uma forma ligeiramente triangular demarcada com volutas e apresentam decoração na zona superior, que em ambos os casos parece tratarem-se de pendentes.

Em Conímbriga também podemos encontrar este tipo de vasos decorados, embora pertencentes a outras formas atribuídas por Dragendorff. De salientar a semelhança de um dos fragmentos de asa com outro apresentado por A. Alarcão (nº 24 – ALARCÃO, 1975, p. 52).

3.2.3. Fragmentos indeterminados de vasos decorados

A fragmentariedade dos vasos decorados não permitiu a obtenção de tipologia formal a 40 destes exemplares. No entanto, e sempre que possível, foram identificados os punções que compõem a gramática decorativa dos fragmentos, tentando atribuí-los a uma determinada oficina, salientando-se, mais uma vez, que certos punções foram utilizados no repertório de vários oleiros, tornando mais difícil esta parte do trabalho.

Dentro deste conjunto destacam-se três oleiros: *Rasinius*, *M. Perennius* e *P. Cornelius*, todos eles de origem arretina.

Desta forma, do repertório de *Rasinius* foi possível a identificação de doze fragmentos decorados de forma indeterminada (**Est. 37 e 38, nº 177 a nº 188**), sendo portanto o oleiro mais representado.

O nº 177 e o 178 apresentam uma pele de *pardalis*, termo em latim para pantera. Estes punções estão identificados por Stenico e por Porten Palange como pertencentes às oficinas deste oleiro (punção 154 – STENICO, 1960, p. 64; punção T/Fell 6a e 6b – PORTEN PALANGE, 2004, tafel 153). Os nº 179 e 180 estão ambos representados por uma palmeta horizontal à direita, correspondentes ao punção 286 atribuído por Stenico

(1960, p. 64). O fragmento com o nº 181 ostenta uma banda composta por uma sequência de dois círculos concêntricos intercalados por linhas e ainda um laço, semelhante a um apresentado pelo mesmo investigador (punção 160 – *idem*).

Do repertório deste oleiro contamos ainda o fragmento nº 182, que apresenta um cacho de uvas (punção 217 – *idem*), o nº 183, com duas rosetas de onze pétalas exteriores e cinco interiores, intercaladas por uma pelta, motivos que se encontram encimados por uma sequência de óvulos possivelmente pertencentes ao repertório rasiniano (punção 207 – *idem*, p. 65). O nº 184 ostenta uma margarida de oito pétalas (punção 182 – *idem*), no fragmento nº 185 identificámos uma representação vegetalista, composta por uma folha e por uma bolota, a qual podemos comparar com uma outra composição vegetalista encontrada num dos cálices apresentados por Dragendorff e Watzinger (1948, beilag 8, nº 70). Os vasos correspondentes aos nºs 186 a 188 apresentam sequências de óvulos, sendo que os dois primeiros se encontram intercalados por dardos (punção 3 e 5 – STENICO, 1960, p. 53).

No que diz respeito ao repertório de *M. Perennius*, identificámos quatro fragmentos (**Est. 39 e 40, nº 189 a nº 192**).

O vaso com o nº 189 é maior do conjunto dos fragmentos decorados de forma indeterminada, apresentando na zona superior uma sequência de pérolas, mas tendo como motivo mais evidente um *Eros* ou Amor, que se encontra à direita, com o braço esquerdo levantado, segurando uma taça de tipo *skypnos* e de onde cai uma clâmide, ou lenço. Parece oferecer a taça a uma outra figura cuja identificação não é possível. Na mão direita segura uma tocha e acima do ombro surge uma pequena asa. No que resta do fragmento surgem outras figuras não identificáveis e na zona inferior do fragmento, quase junto ao arranque da base, podemos observar uma banda de folhas de louro, motivo comum a todos os oleiros. Este Amor foi identificado por Porten Palange, correspondendo ao punção EP re 21a (2004, p. 23, taf. 2), e pertencendo à 4ª fase deste oleiro, então datável dos principados de Tibério e Cláudio (MARABINI MOEVS, 2006, pp. 78-80). Encontramos um paralelo num cálice do Museu Britânico, apresentado por Walters, no qual observamos um motivo igual ao aqui descrito (WALTERS, 1908, p. 14).

O motivo presente no fragmento nº 190 poderá também pertencer a *M. Perennius*. O fragmento ostenta uma sequência de pérolas e um escudo oblongo decorado com círculos concêntricos e pequenos traços que parecem formar um cordão. Na obra de Porten Palange, o punção K li 17a (2004, p. 108, taf. 48), apresenta um escudo semelhante, encontrando-se a servir de equipamento a um guerreiro virado à esquerda, mas não podemos ter a certeza ser este o nosso caso. Encontramos um paralelo com um cálice de *Avillii Surae*, proveniente de Obertelo (*Saturnia*), perto de Cosa, que se encontra no antiquário de Berlim (OXÉ, 1968, p. 97).

O fragmento decorado com o nº 191, apresenta uma sequência de óvulos e um Amor à direita, com um manto enrolado no seu braço esquerdo e segurando nessa mão o que parece ser um leque (punção EP re 19a – PORTEN PALANGE, 2004, taf. 2), e ainda uma roseta dentro de dois círculos concêntricos. Na obra de Oxé (1968, tafel 135), encontramos um paralelo para esta peça, aqui atribuída ao oleiro *Cn. Ateius*, embora Porten Palange o atribua a *M. Perennius*. No entanto, e apesar do vaso apresentado por Oxé ostentar uma marca junto à decoração, a sequência de óvulos que observamos no nosso fragmento pertence mesmo ao repertório de *Perennius*, pelo que este punção poderá ter sido utilizado pelos dois oleiros, como muitas vezes acontece. Ambos os oleiros laboram num período coincidente entre 15 e 5 a.C., pelo que podemos estar perante um exemplar de uma fase proto-bargatiana do oleiro *M. Perennius* (OCK, 2000, pp. 127, 316-317).

Outro fragmento decorado que pertencerá a este oleiro é o nº 192, ostentando um golfinho, que embora não se encontre inteiro será semelhante a um apresentado por Porten Palange (punção T/Delphin re 7a – 2004, taf. 140), e o qual a autora atribui também à 4ª fase de produção deste oleiro (*idem*, p. 259).

Do repertório de *P. Cornelius* identificámos mais seis fragmentos (**Est. 40 e 41, nºs 193 a 198**) para além do que já foi descrito (nº 168, *supra*, p. 58).

O vaso com o nº 193 é o mais representativo no que diz respeito às gramáticas decorativas deste oleiro. Apresenta uma composição geométrica típica de *Cornelius*, com palmetas, rosetas e margaridas, intercaladas com elementos geométricos como linhas e círculos concêntricos, sendo que alguns destes punções de encontram identificados na obra de C. Troso (punção 230 ou 231 – TROSO, 1991, pp. 51-52, fig.

25). Na zona superior o fragmento apresenta uma banda de pérolas, motivo equivalente ao apresentado pelos investigadores alemães (DRAGENDORFF e WATZINGER, 1948, tafel 19, nº 297 a 300). O nº 194 encontra-se decorado com uma folha de acanto, possivelmente pertencente a este oleiro (punção 219 – TROSO, 1991, p. 51, fig. 24), e o nº 195 com uma banda de rosetas de catorze pétalas, idênticas às presentes no cálice nº 168 (punção 179 – *idem*, fig. 21). O fragmento nº 196 encontra-se muito danificado e a sua decoração é quase imperceptível, contudo, podemos identificar uma sequência de pérolas triplas (punção 161 – *idem*, p. 29, fig. 20) e a restante gramática decorativa parece ser geométrica, razão pela qual o atribuímos a este oleiro. Já no nº 197 identificámos um laço que poderá ser do tipo apresentado por Dragendorff e Watzinger para os cálices cornélicos (1948, tafel 68, nºs 260 e 300). Finalmente, o último fragmento atribuível a este oleiro, nº 198, ostenta uma sequência de óvulos, semelhante ao punção 153, apresentado por C. Troso (1991, fig. 29).

As restantes dezasseis paredes decoradas (**Est. 41 e 42, nºs 199 a 214**) estão demasiado fragmentadas ou com a decoração muito apagada para podermos retirar uma informação mais detalhada. As paredes parecem apresentar decorações em que predominam os motivos vegetalistas e, menos frequentemente, as figuras antropomórficas.

São ainda de destacar dois fragmentos de fundo de cálice (**Est. 42, nºs 215 e 216**), também indeterminados.

3.2.4. Os fundos

Dentro do conjunto estudado podemos ainda estabelecer classificação, segundo o *Conspectus*, para alguns fundos de vasos, que consideramos neste capítulo.

Foram então classificados 30 fundos em *terra sigillata* de tipo itálico, doze pertencentes a pratos (**Est. 30 e 31, nº 144-153**) e outros dezoito a taças (**Est. 32 e 33, nº 154-166**).

Do ponto de vista cronológico, no que diz respeito aos pratos, os que nos fornecem uma cronologia mais antiga correspondem à forma *Consp. B 2.3* e *B 1.4*, com um exemplar cada, datáveis do início do principado de Augusto e de meados deste,

respectivamente. De meados e finais do seu principado encontramos os fundos tipo *Consp.* B 2.4 com três exemplares, um deles apresentando uma marca de *Vrbanus* (**Est. 47, nº 241**), oriunda de Pozzuoli e datada de 1 a 30 d.C. (SILVA, 2005, p. 125), B 1.9, B 2.5 com três exemplares e ainda um fundo do tipo B 2.7, com uma marca indeterminada (**Est. 48, nº 245**). Os últimos podem ainda atingir o principado de Tibério (*Conspectus*, pp. 154-157), visto que a marca de *Vrbanus* confirma esta datação.

Ainda dentro da categoria de fundos de pratos encontramos dois fragmentos pertencentes aos fundos tipo Abb 6.1 e Abb 6.2 que, ao apresentarem parte da parede, tornam mais fácil a sua identificação tipológica. No caso do fundo 6.1, as características parecem indicar que se trata de um prato tipo *Consp.* 4.4, e possivelmente enquadrável entre 9 a.C. e a primeira década d.C. (*Conspectus*, pp. 58 e 158). Já o fundo 6.2 insere-se no grupo que poderá pertencer a pratos tipo *Consp.* 3, 4 ou 12, pelo que a sua cronologia pode variar (*idem*, p. 58).

Em relação aos fundos de taças estes são maioritários, e apresentam cronologias mais aproximadas, tendo em conta as variantes identificadas com cronologias de finais de Augusto e principado de Tibério (*idem*, pp. 160 e 162): os fundos tipo *Consp.* B 3.3, B 3.7, B 3.13 e 3.15, B 4.1, B 4.7 e 4.9, representados por um único exemplar; os fundos B. 3.9, com dois exemplares, e a variante B 4.2, que conta com três fragmentos. Um dos fragmentos pertencente à última variante ostenta uma marca do oleiro *Cn. Ateius* (**Est. 43, nº 218**), datável de 15 a 30 d.C. (SILVA, 2005, pp. 102-104).

Ainda relativamente aos fundos de taças, pudemos identificar a variante B 4.10, com uma marca de *Ateius* (**Est. 43, nº 219**), apresentando a mesma diacronia da anterior e proveniente de Pisa. No mesmo fragmento, é igualmente possível a observação de um grafito executado pós cocção, com a letra “H” (SILVA, 2005, pp. 102-105).

Um outro fragmento, variante B 4.11, ostenta uma marca atribuída a *Speratus P. Cornelii* (**Est. 45, nº 230**), oriunda de Arezzo, e datável de um período não anterior a 1 d.C. (SILVA, 2005, pp. 110-112).

Ao fundos B 4.12, com dois exemplares, mostram ambas marcas de oleiro: um deles com uma marca de *Caius Vibienus* (**Est. 47, nº 238**), inserida cronologicamente entre 1 e 20 d.C. (SILVA, 2005, p. 123); e o outro com uma marca de *P. Cornelius* (**Est. 44, nº 227**), de Arezzo, apresenta já uma cronologia mais extensa que compreende o período entre 10 e 40 d.C. (SILVA, 2005, pp. 109-110).

De uma fase mais tardia podemos considerar dois fundos, um tipo Consp. B 4.13 e outro B 4.15, com uma forma típica das taças tipo *Consp.* 23 e *Consp.* 26 e 27, respectivamente, e às quais podemos atribuir uma cronologia do segundo e terceiro quartéis do século I d.C., atingindo portanto o principado de Cláudio (*Conspectus*, p. 162).

3.3. As marcas inscritas em fragmentos indeterminados

Das intervenções realizadas na Praça da Figueira foram recolhidas 34 marcas de oleiro (SILVA, 2005), todas fruto das escavações que tiveram lugar entre 1999 e 2001. Deste conjunto, Rodrigo Banha da Silva identificou duas marcas tardo-italicas, que não entrando no âmbito desta tese, foram por isso excluídas, deixando-nos com um grupo de 32 elementos.

A maioria das marcas foi já apresentada, reduzindo o conjunto aos fragmentos em que não foi possível uma identificação formal.

Desta forma, resta-nos apresentar mais três marcas atribuídas ao oleiro arretino *P. Cornelius* (Est. 44, nº 225, 226, 228), datadas de 5 a.C. a 40 d.C., e uma outra do seu escravo *Phart(enius) Corneli* (Est. 45, nº 229), posterior a 1 d.C. (SILVA, 2005, pp. 109-112).

De Pisa identificamos uma marca pertencente ao oleiro *Volusus* (Est. 47, nº 240), posterior a 1 d.C., e uma outra de *Murrius* (Est. 46, nº 234), provavelmente também ela oriunda daqui, e datada de 1 a 30 d.C. (*idem*, pp. 125 e 116) Ainda provenientes desta cidade, contamos duas marcas dos escravos de *Cn. Ateius: Primus* e *Eros* (Est. 43, nº 220, 221 - 1-20 d.C. e 5 a.C.-20 d.C.), ambas ostentando também grafitos executados pós cozedura, um radial e o outro com as letras “AP” gravadas (SILVA, 2005, pp. 104-106).

Foi ainda identificada uma marca de *Philargurus* (Est. 46, nº 235), com oficina em Pozzuoli, datável de um período posterior a 15 d.C., uma marca de *Tarquitius* (Est. 46, nº 236), de oficina desconhecida, datável de 20 a 1 a.C. (SILVA, 2005, pp. 119, 121).

Numa marca recentemente atribuída a uma produção de modo itálico e que não foi ainda publicada, pode-se ler a letra “E”, embora o resto seja imperceptível.¹³

Foram ainda encontradas uma marca anepígrafa e três indeterminadas por ser impossível a sua leitura (**Est. 48, n° 243-247** - *idem*, pp. 127-130).

O grupo de marcas mais significativo diz respeito a oleiros arretinos, tendo como principal centro produtor a região de Arezzo. De oleiros provenientes desta região foram documentadas nove marcas, na sua maioria pertencentes ao oleiro *P. Cornelius*, com cinco marcas assinadas individualmente e outras duas assinadas por dois dos seus escravos: *Speratus*, com maior incidência, e *Phart(enius)*. Estas marcas estão associadas a um período de tempo que vai desde a mudança de Era até meados do séc. I d.C., uma cronologia extensa, característica de uma produção longa e que teve especial incidência no Mediterrâneo, com uma difusão vasta na província da Hispânia.

Também de Arezzo, foram documentadas as marcas correspondentes aos oleiros *A. Annius Crispus* e *Caius Vibienus*, ambos com menor incidência, apesar da sua grande e média capacidade produtiva. Tiveram um período de laboração ligeiramente semelhante, e curto, quando comparado com o oleiro anterior.

Outro oleiro com maior representação no conjunto é *Cn. Ateius*, com uma olaria estabelecida em Pisa, e “concorrente” de *Publius Cornelius*.

Entre marcas individuais e dos escravos, contamos quatro pertencentes ao oleiro *Cn. Ateius*, e uma outra de *Cn. Ateius Xanthus*, também ele activo durante um longo período de tempo, tendo laborado principalmente na sua oficina de Pisa, mas igualmente em La Murette/Lyon (SILVA, 2005, p. 127).

Os restantes oleiros identificados contam com um exemplar cada. Rodrigo Banha da Silva distinguiu três grupos, tendo em conta a compulsão e dispersão das marcas de oleiro (*idem*, pp. 270-271). Ao grupo de grande compulsão, o investigador associou as marcas de *Hilarus/N. Naevius Hilarus*, *Murrius*, e *A. Annius Crispus*; ao grupo de média capacidade foram incluídas as marcas de *Atticus iii*, *Caius Vibienus*, *Lucius Vibius*, *Ennius*, *Urbanus* e *Volusus*; e, finalmente, ao grupo que determinou com menor representatividade, os oleiros *Amandus i*, *Philargulus i* e *Tarquitius*.

¹³ Agradecemos a informação gentilmente cedida por R. Banha da Silva.

Destacam-se então os oleiros com maior representatividade no conjunto: *Cornelius* e *Ateius*. Os vasos decorados de *Cornelius* aparecem em maior quantidade que os de *Ateius*, facto observável também em Conímbriga (ALARCÃO, 1975, pp. 8). Parece que a importação de produtos cornélios foi iniciada mais cedo que a dos vasos ateianos que apresentam uma cronologia mais tardia que os anteriores (SILVA, 2005, p. 271).

Outro facto a salientar é a presença de vasos de oleiros provenientes de Pozzuoli, de finais do principado de Augusto, que terão competido no mercado com os vasos provenientes de Arezzo e Pisa, claramente os mais difundidos (SILVA, 2005, p. 271).

Capítulo IV. Significado do conjunto de *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira

4.1. Análise do conjunto

É de salientar que, apesar de presentes em pouca quantidade, as formas anteriores a 10 a.C. encontram-se representadas pelos pratos *Consp.* 4.2 e possivelmente também pelos pratos tipo *Consp.* 12, embora os últimos possam ter cronologias mais extensas. Uma situação semelhante acontece em Santarém, com a existência destas formas mais antigas, apesar de se encontrarem em maior número (VIEGAS, 2003, p. 44) e estejam também representadas formas que não se encontram presentes na Praça da Figueira, o que se explica pelas distintas dinâmicas cronológicas dos dois sítios.

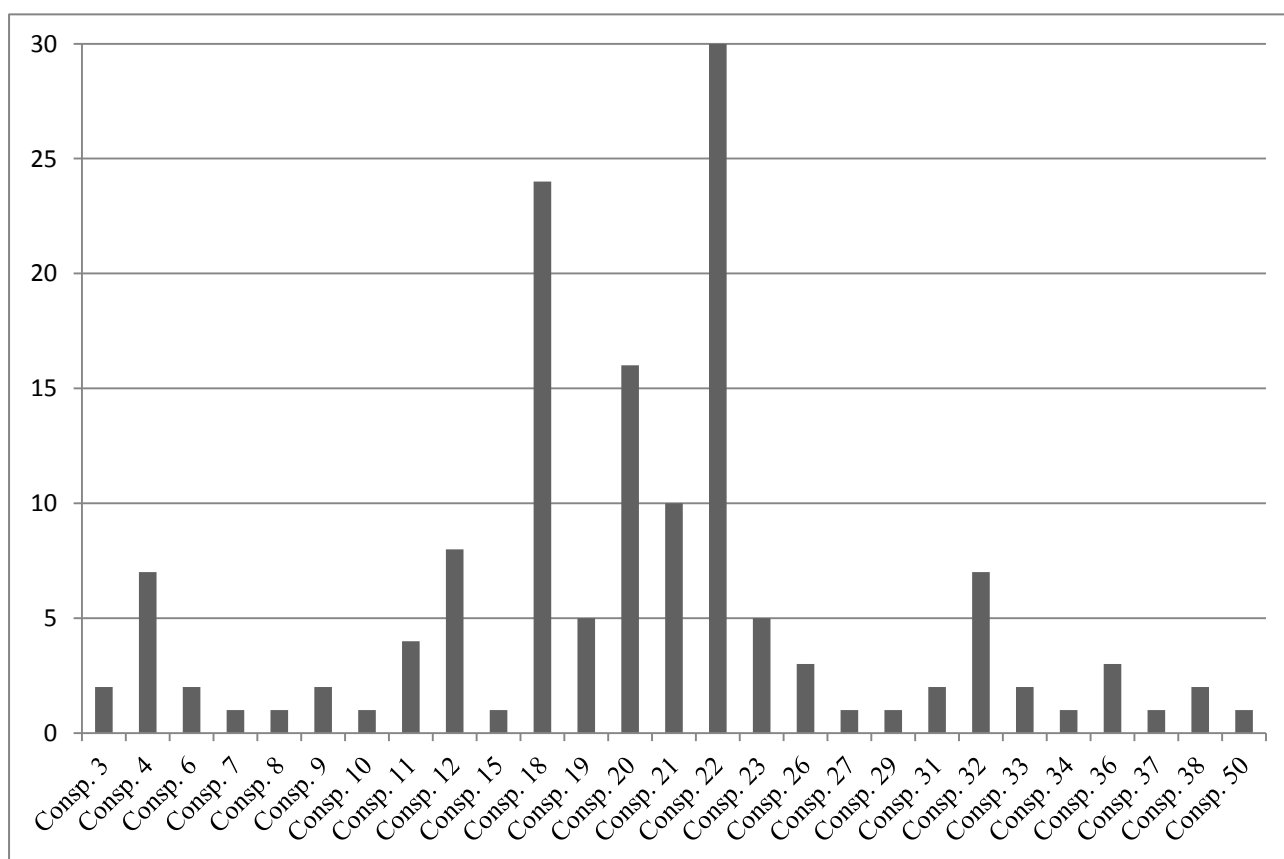


Gráfico 1 – Distribuição das formas lisas de *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira (N.M.I.).

No que diz respeito às formas lisas melhor representadas, temos os pratos *Consp.* 18, 20 e 21, e as taças que lhes eram correspondentes, *Consp.* 22. São formas que se enquadram em cronologias extensas mas, tendo em conta as variantes determinadas, parece que estamos perante vasos cujas cronologias se inserem, na sua maioria, no principado de Tibério, como podemos exemplificar a partir dos pratos *Consp.* 20, em que as variantes mais tardias se encontram claramente mais presentes. Estes dados indicam a abundância deste material nesta zona de *Olisipo* na altura em que a sua produção está no auge, facto que também podemos notar nos restantes locais estudados no território português.

Os vasos lisos com cronologias mais tardias estão inseridos nas taças *Consp.* 32, 34. 36 e 37, enquadradas também no principado de Tibério, quando a sua produção se intensifica, e possivelmente em anos posteriores, já entrando no principado de Cláudio.

Desta maneira, e tendo em conta as cronologias atribuídas para Bolsena, podemos dizer que a grande parte dos vasos lisos se enquadra nos finais da “fase clássica” (c. 27 a.C. a 14 d.C.) e na “fase avançada” (c. 14-37 d.C. – GOUDINEAU, 1968, pp. 376-377).

Podemos igualmente observar que a quantidade de pratos (79 indivíduos) é ligeiramente maior que a de taças (63 indivíduos), contrariando a tendência de uma maior proporção de taças em relação aos pratos em outros locais, como por exemplo Santarém.

Tipo	N.M.I.	%
Pratos	79	55,6
Taças	63	43,6
Copos	1	0,8
Total	143	100,0

Quadro 4 – N.M.I. de pratos relativamente a taças e copos. Respectivas percentagens.

Como tivemos oportunidade de verificar para a *terra sigillata* hispânica da Praça da Figueira, “os valores apresentados não chegam para definir uma relação prato/taça” (RIBEIRO, 2010, p. 79). Contudo, para a *terra sigillata* de tipo itálico, podemos dizer que neste sítio olisiponense o serviço II de Haltern se encontra bem atestado, sendo as formas que o compõem as mais presentes, como acima foi referido.

		Nº de fragmentos	N.M.I.	N.M.I. (%)	
Formas lisas	<i>Consp. 3</i>	2	2	1,3	
	<i>Consp. 4</i>	7	7	4,7	
	<i>Consp. 6</i>	2	2	1,3	
	<i>Consp. 7</i>	2	1	0,7	
	<i>Consp. 8</i>	1	1	0,7	
	<i>Consp. 9</i>	2	2	1,3	
	<i>Consp. 10</i>	1	1	0,7	
	<i>Consp. 11</i>	4	4	2,0	
	<i>Consp. 12</i>	8	8	6,0	
	<i>Consp. 15</i>	1	1	0,7	
	<i>Consp. 18</i>	24	24	16,0	
	<i>Consp. 19</i>	6	5	3,4	
	<i>Consp. 20</i>	16	16	10,5	
	<i>Consp. 21</i>	10	10	6,6	
	<i>Consp. 22</i>	30	30	19,3	
	<i>Consp. 23</i>	5	5	3,4	
	<i>Consp. 26</i>	3	3	2,0	
	<i>Consp. 27</i>	1	1	0,7	
	<i>Consp. 29</i>	1	1	0,7	
	<i>Consp. 31</i>	3	2	1,3	
	<i>Consp. 32</i>	8	7	4,7	
	<i>Consp. 33</i>	5	2	1,3	
	<i>Consp. 34</i>	1	1	0,7	
	<i>Consp. 36</i>	3	3	2,0	
	<i>Consp. 37</i>	1	1	0,7	
	<i>Consp. 38</i>	3	2	1,3	
	<i>Consp. 50</i>	3	1	0,7	
	Total		153	143	94,7
	Fundos	Pratos	12	0	-
		Taças	18	0	-
Total		30	0	-	
Indeterminados		463	0	-	
Formas decoradas	<i>Consp. R 1</i>	1	1	0,7	
	<i>Consp. R 3</i>	1	1	0,7	
	<i>Consp. R 8</i>	2	2	1,3	
	<i>Consp. R 9</i>	2	2	1,3	
	D/W VII	4	2	1,3	
	Indeterminados	40	0	-	
	Total	50	8	5,3	
Marcas de oleiro em formas indeterminadas¹⁴		15	0	-	
		711	151	100,0	

Quadro 5 – Quadro das tipologias de *terra sigillata* de tipo itálico presentes na Praça da Figueira, com o total de fragmentos identificados, número mínimo de indivíduos e percentagens.

¹⁴ As marcas de oleiro correspondem a um total de 32 fragmentos, dos quais dez e outros sete foram já incluídos nas formas lisas por apresentarem uma forma identificável, e outras cinco na categoria de fundos com forma também determinada.

Em relação aos vasos decorados, estes parecem concordar com a informação que obtivemos para os vasos lisos.

Nota-se uma clara predominância de vasos cujas decorações foram atribuídas ao repertório rasiniano, cuja laboração vai desde as últimas décadas do século I a.C. ao principado de Tibério, correspondendo à transição da Iª fase de *M. Perennius* para a IIª (MOEVS, 2006).

No caso da Praça da Figueira, as marcas de oleiros itálicos pertencem apenas a vasos lisos e indicam uma preferência pelos vasos oriundos de Arezzo, aqui claramente dominados, como dissemos, por *P. Cornelius* e seus escravos, embora tenham sido identificados para além destes, vasos de Pisa, marcados pelos oleiros de *Ateius*, e ainda de Pozzuoli e Itália Central, embora menos frequentemente.

A maior incidência dos vasos cornélios no Ocidente do Império em relação à quase inexistência destes na zona do Reno e Gália interior, parece indicar que a sua distribuição resultaria de uma circulação marítima ao longo da costa atlântica até à *Britannia*, onde se encontram em larga quantidade (SILVA, 2005, p. 296), pelo que o Vale do Tejo terá tido um papel importante no abastecimento dos contingentes militares (*idem*).

Como se tem verificado no conjunto de *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira em geral, as marcas de oleiro parecem ter uma incidência cronológica maior em finais do principado de Augusto e principado de Tibério, o que concorda com os dados de formação dos contextos mais antigos documentados no local.

Estes contextos foram identificados por R. Banha da Silva como pertencentes à fase II, correspondente à instalação do primeiro urbanismo alto-imperial nesta zona da cidade, embora alguns estejam inseridos na fase III, a qual correspondente ao início da utilização funerária do espaço e à altura em que este vai sofrer uma segunda intervenção urbanística profunda.

Desta forma, podemos determinar que estes materiais em *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira não estão associados a contextos funerários, antes mobilizados por acções urbanísticas posteriores ou alvo de manuseamento cuidado no decorrer de um lapso de tempo longo.

4.2. O conjunto face aos restantes vasos publicados de Lisboa

Partiremos agora para a análise do perfil de importação deste tipo de cerâmica para a cidade de Lisboa, em que podemos colocar a seguinte questão: será ou não este sítio arqueológico representativo para a cidade de *Olisipo*?

Para responder a esta questão, é preciso ter em conta outros locais na cidade que proporcionaram vestígios importantes para o estudo de Lisboa em Época Romana, salientando o facto dos dados terem de ser analisados e comparados com alguma prudência.¹⁵

Um dos locais que ultimamente têm disponibilizado muita informação acerca deste tema é o Teatro Romano. As intervenções que têm vindo a ser realizadas no local revelaram a presença de muita cerâmica fina, da qual é exemplo a *terra sigillata*. Os contextos de amortização para a edificação do muro tardoz do teatro, revelaram a existência de muitas marcas de oleiros itálicos, na sua maioria datáveis do principado de Augusto, a mais antiga enquadrável entre 30 a 1 a.C. Contudo, encontram-se para além destas, identificadas marcas em *planta pedis*, e por isso datáveis a partir de Tibério, altura em que se difunde este tipo de cartela (SEPÚLVEDA e FERNANDES, 2009).

Na Casa dos Bicos encontramos vasos em *sigillata* que, embora não sejam provenientes de contextos estratigráficos específicos, fornecem alguma informação que merece aqui destaque. No local foi identificado um prato tipo *Consp.* 1.1 que apresenta marca radial, e ainda uma outra marca também ela radial, ilegível, documentando a existência de materiais mais antigos, claramente augústeos (SEPÚLVEDA e AMARO, 2007).

Em relação a intervenções levadas a cabo nos Claustros da Sé, é dos pouco locais em Lisboa em que se conhece a existência de estruturas de carácter não público inseridas dentro do perímetro amuralhado de Época Romana Alto-Imperial. Tanto este sítio como a Praça da Figueira sugerem uma data provável para o início das importações deste material à volta do ano 20 a.C., embora se comportem de modo diferente: enquanto que na Sé ocorre a presença de materiais anteriores a esta data e dos inícios da sua produção possivelmente mobilizados pela instalação do urbanismo ali patente, na Praça da Figueira isto não acontece, podendo explicar-se este acontecimento pelo facto

¹⁵ ANEXO 1, Figura 5.

da ocupação do espaço ocorrer em momentos posteriores (SILVA, 2005, p. 284). No entanto, a existência de uma marca, com cronologia extensa, pode sugerir que não seja tão antiga como parece indicar, podendo mesmo atingir o principado de Tibério, ficando de acordo com a informação registada no local (*idem*).

De outros locais intervencionados em Lisboa, que têm revelado principalmente cronologias tibérias, podemos evidenciar a Rua dos Bacalhoeiros, cujos contextos de Época Romana, apesar de grandemente afectados pela ocupação islâmica e posterior, revelam a presença de cerâmica fina, da qual pomos em destaque um conjunto de *sigillata* de tipo itálico, datada precisamente da época deste imperador (FILIPE, 2008, p. 307).

Outro local que aponta para estas cronologias revela um troço da muralha fundacional da cidade de *Olisipo*, adossado a um mais tardio, correspondente à muralha baixo-imperial, vestígios encontrados na antiga Casa Sommer. Entre os materiais cerâmicos associados à primeira muralha encontrava-se um fragmento em *terra sigillata* de tipo itálico com uma espiral aplicada, datada então de meados e finais do principado de Tibério (GASPAR e GOMES, 2007, pp. 690-692, 695).

4.3. A comparação com a curta e média distância: o papel de *Olisipo* no quadro do comércio e consumo de vasos em *terra sigillata* de tipo itálico entre o final da República e o principado de Cláudio

Olisipo terá, sem dúvida, constituído um papel extremamente vital no que diz respeito ao consumo e distribuição de vasos em *terra sigillata*, juntamente, claro, com outras categorias cerâmicas, não só por se tratar de um porto bem situado na fachada atlântica servindo de paragem quase obrigatória ao comércio dirigido ao Norte do Império, mas também por se tratar de uma zona de entrada para o interior da Hispânia, através do rio Tejo.

É por isso importante comparar este seu papel com outros locais da *Lusitania*, principalmente os que se encontram melhor estudados e interpretados e que nos fornecem uma informação essencial para a realização deste capítulo, e ainda *Bracara Augusta*, caso que será tomado em linha de conta para esta análise.

A *terra sigillata* de tipo itálico começou a chegar a *Olisipo* certamente ainda antes de 10 a.C., como já pudemos verificar no capítulo anterior aquando da análise dos restantes locais lisboetas que revelam a presença deste tipo de material. Contudo, a informação obtida através dos materiais provenientes da Praça da Figueira, e genericamente através da informação obtida em sítios arqueológicos de Lisboa, revelam que um maior fluxo de importação dá-se posteriormente, iniciando-se na última década do século I a.C., e atingindo o seu pico de importação já no principado de Tibério, por volta de 20 d.C., seguindo o mesmo padrão dos principais sítios romanos no território português.

No entanto, *Olisipo* apresenta algumas diferenças relativamente a *Scallabis*, que à semelhança de *Salacia*, são os sítios urbanos inseridos no actual território português que indicam uma presença mais antiga deste tipo de material cerâmico, facto que em Lisboa não se verifica.

Como pudemos ver anteriormente, apesar de se encontrar em Lisboa alguns indicadores mais antigos, a maioria dos sítios lisboetas revelam cronologias maioritariamente associadas a Tibério, altura em que em Santarém se verifica um decréscimo na sua presença. De facto, os dados revelados por Catarina Viegas indicam que *Scallabis* recebe a primeira *sigillata* de tipo itálico entre 20 e 15 a.C. até 20 d.C. (VIEGAS, 2003, p. 95), ora é a partir de esta data que se regista um maior fluxo em *Olisipo*. Podemos então dizer que a presença mais importante de vasos em *terra sigillata* de tipo itálico presentes em Santarém enquadram-se na “fase clássica” (*idem*), enquanto que em *Olisipo* enquadram-se já na fase “avançada”.

Tal como acontece com os materiais que aqui apresentámos, em Santarém e Conímbriga os vasos de tipo itálico são principalmente oriundos de Arezzo, centro de uma intensa produção e que se expandiu por todo o mundo romano. Encontramos uma grande semelhança nos oleiros presentes em *Olisipo* com os identificados em Conímbriga, principalmente *Cornelius* e *Ateius*, embora existam referências a oleiros provenientes de Pozzuoli (ALARCÃO, 1975, p. 340), porto localizado na Campânia que terá “competido” com os centros arretinos, localizados no rio Arno.

Como já foi referido, Alcácer do Sal assemelha-se, em vários factores a Santarém. De Alcácer provém um dos maiores conjuntos de marcas de oleiro conhecidos para o nosso território. O total de *terra sigillata* de tipo itálico é também claramente superior aos restantes tipos encontrados, constituindo 76,6% do seu total, e

as suas balizas cronológicas são 20 a.C. a 20 d.C. (SEPÚLVEDA *et al*, 2000, p. 119), mostrando um padrão muito semelhante ao de *Scallabis*. Em Alcácer verifica-se igualmente que os oleiros são na sua maioria, e como é constante, arretinos, com uma presença menor de oleiros campanos. Recentemente, esta informação foi complementada com outro conjunto de *sigillata* de tipo itálico, constituído apenas por formas lisas datadas de finais do século I a.C. e finais do principado de Augusto e inícios de Tibério, proveniente de uma intervenção de emergência realizada no Alto de São Miguel em Alcácer do Sal (SEPÚLVEDA *et al*, 2008, pp. 274-275).

Represas, sítio que poderá traduzir o quadro da cidade de *Pax Iulia*, ainda apresenta uma evolução semelhante aos sítios apresentados acima. A importação de *terra sigillata* de tipo itálico só assume maior importância neste sítio a partir da última década do século I a.C., altura em que se dá um incremento até aos primeiros anos da nossa Era. A partir dos finais do principado de Tibério a importação de *sigillata* deste tipo é suplantada pela importação de *terra sigillata* sudgálica, como é recorrente (LOPES, 1994, p. 32). Aqui predominam as formas clássicas, também confirmadas pelo grupo de marcas de oleiro com datas do principado de Augusto e inícios de Tibério, embora as formas pertencentes à última década do século I a.C. constituam uma percentagem bastante significativa do conjunto (*idem*, pp. 33-35).

Para Chãos Salgados, Miróbriga, José Carlos Quaresma atribui também cronologias enquadráveis na “fase clássica” ao parco conjunto de *terra sigillata* de tipo itálico incluído no seu estudo, constituído principalmente por formas inseridas no período médio e tardo-augústeo, onde se destaca a total ausência de formas enquadráveis na “fase precoce” (QUARESMA, 2009, p. 388).

Ainda no panorama relativo ao sul do país, devemos salientar sítios como Faro, Torre de Ares (Tavira) e Castro Marim, estudados por Catarina Viegas (VIEGAS, 2009).

Estes locais, situados na costa atlântica sul, apresentam similitudes no que diz respeito à presença de *terra sigillata* de tipo itálico, embora se deva salientar algumas diferenças.

No caso de Faro, as formas mais antigas encontram-se escassamente representadas, sendo que a maioria dos exemplares se insere nas formas que compõem o serviço II de Haltern, alguns apresentando características morfológicas que apontam a

sua cronologia para o principado de Tibério, juntamente com as formas mais tardias aqui encontradas, que também se inserem neste período (*idem*, p. 150). O único elemento presente que remete para cronologias precoces é uma marca radial atribuída ao oleiro *Cn. Ateius*, único representante arretino no conjunto de marcas apresentado, datável de finais do século I a.C. (*idem*, p. 152).

Torre de Ares (Tavira), apresenta uma situação semelhante à anterior, mas com maior presença de elementos anteriores à mudança de Era, a partir da qual a importação se intensifica, no principado de Augusto e inícios do de Tibério. Também aqui encontramos uma maior incidência de formas que se inserem no serviço II, e datáveis de Tibério (*idem*, p. 312). As marcas vêm corroborar estes dados, estendendo-se pelo século I d.C., e pertencentes a oleiros arretinos e pisanos (*idem*, p. 314).

Castro Marim apresenta algumas diferenças em relação aos conjuntos anteriores referentes à ocupação romana no Algarve. Neste caso, o sítio oferece-nos mais exemplares com cronologias precoces, mas a maioria dos exemplares de *sigillata* de tipo itálico enquadra-se em cronologias de Augusto e Tibério, o mesmo acontecendo para os exemplares decorados e marcas, concordando então com os outros locais apresentados por C. Viegas (*idem*, p. 430).

Para Norte, em Conímbriga parece ser superior o fluxo de *sigillata* de tipo itálico inserido na “fase clássica”, embora seja incrementado e se torne regular desde finais do século I a.C. até finais de Tibério (ALARCÃO, 1975, p. 337). Estes dados são semelhantes aos por nós apresentados para o período médio e tardo-augústeo, explicado por um progressivo aumento deste fluxo de vasos para o ocidente da Hispânia, resultante de um clima económico que terá sido favorável, talvez pelo desenvolvimento urbanístico e das vias de comunicação (SILVA, 2005, p. 293).

Como referimos no início do capítulo, apesar de pertencer a outra província romana da Hispânia, *Bracara Augusta* é igualmente um sítio que apresenta informação fundamental para o estudo deste tipo de material no território português, de especial interesse para a perspetivação dos fluxos ao longo da costa atlântica ocidental hispânica.

O quadro das importações de produtos de modo itálico nesta cidade comporta-se de forma semelhante aos restantes sítios que aqui estamos a analisar, inserindo-se principalmente entre finais do principado de Augusto e principado de Tibério

(MORAIS, 2005, p. 261). Dentro de um conjunto composto por formas lisas, decoradas, fundos e marcas, são os finais da “fase clássica” e a “fase avançada” que estão melhor representadas, sendo que os exemplares “precoces” e os primeiros “clássicos” se encontram pouco presentes (*idem*, p. 262).

A correspondência da dinâmica de *Olisipo* com as dos centros urbanos do Algarve e Alentejo, à exceção de Alcácer do Sal, como de Santarém no Vale do Tejo, denota a inserção de Lisboa numa rede comercial partilhada ao longo da costa Sudoeste Ibérica.

Considerações Finais

As intervenções arqueológicas realizadas na Praça da Figueira têm revelado a importância do local para a compreensão da cidade romana de *Olisipo*, já que se trata de um sítio cuja ocupação se prolongou por um longo período de tempo, quase coincidente com os inícios do Império e seus finais.

Pensamos, portanto, que se deve tratar a informação revelada pelas intervenções e estudos realizados de uma forma mais abrangente, pois é essa a sua realidade. No entanto, salientamos mais uma vez, que as conclusões obtidas para este arqueossítio só podem ser finalmente estudadas e reveladas aquando da conclusão do estudo dos materiais provenientes das intervenções que ali tiveram lugar.

O conjunto de *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira revelou alguma informação essencial para podermos responder a algumas questões previamente expostas no início desta dissertação.

Deste modo, respondendo à questão que pusemos no capítulo anterior, a Praça da Figueira não constitui um exemplo totalmente representativo para a cidade de *Olisipo*, na medida em que a quase totalidade dos contextos mais antigos deste sítio apresentam cronologias tibérias e, em alguns casos, podem atingir o principado de Cláudio, tal como se verifica nos principais locais com presença romana atestada em Lisboa, em que se apura a ausência de contextos exclusivamente augústeos, com exceção clara para a Casa dos Bicos e para os materiais descontextualizados do perfil do Teatro Romano.

Tudo indica que os primeiros produtos em cerâmica fina de origem itálica tenham começado a chegar a *Olisipo* com a fixação de indivíduos com um índice de romanização já elevado, possivelmente alguns oriundos da Península Itálica, já no século I a.C. (SILVA, 2005, p. 295).

Um outro aspecto importante, e que devemos sublinhar, é o facto de na Praça da Figueira, a *terra sigillata* de tipo itálico se encontrar em menor quantidade que os vasos sudgálicos e hispânicos, conclusão retirada de trabalhos académicos que ultimamente têm sido desenvolvidos sobre conjuntos de materiais cerâmicos provenientes deste sítio de Lisboa, de como é exemplo a *terra sigillata* sudgálica lisa (MATA, 2006), a *terra sigillata* hispânica (RIBEIRO, 2010) e as “marcas de oleiro” (SILVA, 2005).

Até agora, o conjunto de vasos lisos provenientes da Gália é o mais numeroso, com 1849 fragmentos identificados (MATA, 2006, p. 157), seguido por um total de 1089 fragmentos oriundos da Hispânia, contando tanto os vasos lisos como os decorados (RIBEIRO, 2010, p. 77). Não faremos transformação destes dados em percentagens na medida em que faltam elementos para a sua elaboração, por exemplo, a contagem dos fragmentos decorados de *terra sigillata* sudgálica, pelo que podemos apenas observar uma percentagem mais diminuta do conjunto de fragmentos em *sigillata* de tipo itálico, que como pudemos ver acima, é constituído por apenas 796 fragmentos.

Através da informação revelada por estudos efectuados em outros sítios do território português, podemos notar que, na sua maioria, o conjunto de *terra sigillata* que se enquadra na Época Alto-Imperial é maioritário, principalmente constituído por fragmentos pertencentes a fabricos de tipo itálico e sudgálico, quase sempre com predominância do segundo. Constitui excepção, no território português, o conjunto proveniente da Alcáçova de Santarém, em que claramente sobressaem os valores dos fabricos de tipo itálico (VIEGAS, 2003, p. 293), como em Alcácer do Sal, embora daqui se conheçam apenas amostragens correspondentes a marcas de oleiro.

Este quadro pode ser explicado pela diminuição da importação de cerâmica fina de mesa em finais do século I d.C. e inícios do século seguinte, apesar desta se manter, mas não registando os mesmos valores que os obtidos, normalmente para o período Alto-Imperial.

Catarina Viegas afirma, no seu estudo sobre a *sigillata* da Alcáçova de Santarém, que esta cidade terá sido o centro redistribuidor deste tipo de cerâmica para a região do Vale do Tejo, durante um determinado período de tempo (*idem*, pp. 294-296). Esta informação tem em conta a maior quantidade de materiais anteriores a 10 a.C. Contudo, também *Olisipo* terá constituído um importante centro redistribuidor, beneficiando de uma localização privilegiada, quer como “porta” de entrada para o interior, através do rio Tejo e das vias que a ligavam a cidades de importância administrativa e política como sejam *Bracara Augusta* (Braga) e *Emerita Augusta* (Mérida), quer como porto de paragem do comércio que se dirigia às províncias do Norte do Império.

Seguindo a ideia desta investigadora, *Olisipo* terá então tido um papel mais importante na redistribuição comercial à escala regional a partir de finais de Augusto, já

que observamos no conjunto analisado um aumento do volume de importações a partir da primeira década da nossa Era. Este facto acontece não só na Praça da Figueira, mas também em outros locais da cidade, de que é exemplo o Claustro da Sé (SILVA, 2005, p. 293), e poderá estar não só relacionado com a multiplicação de estabelecimento de comunidades no Vale do Tejo e na Península de Lisboa, em que está atestada a presença deste tipo de cerâmica fina, ainda que constituindo conjuntos pouco numerosos, mas ainda relacionado com o facto de em Santarém e Alcácer, sítios que apresentam dados muito similares, a importação de vasos itálicos já se encontrar em queda a partir desta altura.

Apesar de ser durante o principado de Tibério que o fluxo de importações de *terra sigillata* de tipo itálico inicia uma quebra, devido a uma eminente subida na importação de produtos de origem sudgálica, *Olisipo* continuará o seu papel redistribuidor dos produtos itálicos, agora provenientes não só dos centros arretinos mas também de centros emergentes como Pisa e Pozzuoli.

Como foi possível observar no conjunto aqui analisado, num momento inicial *Olisipo* regista importações quase exclusivamente oriundas destes centros produtores arretinos, com predomínio dos vasos de *P. Cornelius*, como acontece em quase toda a província, o que se constata da análise de marcas de oleiro e vasos decorados. A partir de 20 d.C., dá-se uma “complexificação nas fontes de aprovisionamento de *terra sigillata*” (*idem*, p. 297), causada pela maior diversidade dos centros produtores e dos seus oleiros.

A este propósito, o conjunto de vasos decorados confirma esta leitura, com um domínio de vasos característicos de *Rasinius*, *M. Perennius* e *P. Cornelius*, todos eles com grande incidência no Ocidente do Império, sendo que *Rasinius* também laborou em Pisa.

Devemos também ressaltar que o contexto em que surge a *terra sigillata* de tipo itálico da Praça da Figueira é muito particular, não se encontrando associado a qualquer deposição funerária, mas parcialmente em contextos relacionados com a estruturação do espaço que compõe a necrópole, surgindo ainda associada à fase de construção mais antiga de um dos troços da “via norte”.

Como já foi dito anteriormente, a presença de *terra sigillata* de tipo itálico da “fase precoce” encontra-se atestada em outros locais da cidade, nomeadamente no

Teatro Romano e na Casa dos Bicos. Na Praça da Figueira isto não é observável, sendo que as formas mais antigas presentes no conjunto são minoritárias e datam de cerca de 10 a.C., facto que pode ser justificado pelas cronologias de formação verificadas nos distintos locais.

Em síntese, *Olisipo* terá constituído um mercado complexo desde as décadas finais do século I a.C., afirmando-se no século seguinte como um dos principais centros portuários do Ocidente do mundo romano, verificado pela similaridade de dados em diferentes locais do nosso território, relativos à *terra sigillata* de tipo itálico, dos quais destacamos a sul, *Ossonoba* e *Balsa*, no centro, *Conimbriga*, e mais a norte, *Bracara Augusta*.

Todos estes locais encontram-se situados na faixa atlântica do Império, e portanto bem conectados, a nível comercial, principalmente por via marítima mas também terrestre. Os seus conjuntos de cerâmica de mesa mostram que esta região do Império estava inserida no trajecto de uma importante rota comercial que se iniciava nos principais portos itálicos e tinha como objectivo primordial o abastecimento de contingentes militares no Noroeste Hispânico e *limes* Germânico, como o de populações romanizadas, devendo enfatizar-se aqui tanto a presença de colonos como de autóctones que participam no processo integrador verificado a partir do principado de Augusto, desempenhando *Felicitas Iulia Olisipo* neste âmbito um papel redistribuidor relevante a partir de 10 a.C.

Bibliografia

ALARCÃO, A. M. (1966) – “Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée à Bracara Augusta (Portugal)”, *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 8, Abingdon, pp. 45-50.

ALARCÃO, A. M. (1970) – “Um cálice de *Terra Sigillata* da oficina de C. Annus (filiado na obra de Rasinius)” – *Conimbriga*, 9, Coimbra, pp. 1-6.

ALARCÃO, A. M. (1971) – “A Terra Sigillata Itálica em Portugal”, in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 2º vol., pp. 421-432.

ALARCÃO, A. M. (1974) – “Um cálice da oficina de Rasinius (Paço Ducal de Vila Viçosa)” – *Conimbriga*, 13, Coimbra, pp. 33-40.

ALARCÃO, A. M. (1975) – “Les Sigillées Italiques”, in ALARCÃO, J. e ÉTIENNE, R. dir. - *Fouilles de Conimbriga, Les Sigillés*, vol. IV, Diffusion E. De Boccard, Paris, pp. 69-149.

ALARCÃO, J. (1974) – “Cerâmica comum e local de Conimbriga”, suplementos de *Biblos*, 8, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, pp. 32-37.

ALARCÃO, J. (1987) – “*Portugal Romano*” – História Mundi, Editorial Verbo, Lisboa, 4ª Edição.

ALARCÃO, J. (1994) – “Lisboa romana e visigótica”, in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp.58-63.

ALARCÃO, J. (2002) – “*O Domínio Romano em Portugal*” – Publicações Europa-América. Mem Martins.

ALBRECHT, C. (1942) – “*Das Römerlager in Oberaden und das Uferkastell in Beckinghausen under Lippe*”, Veröffentlichungen aus dem Städt Vor un Frugeschichte Dortmund, Band II, Verlag Fr. Wilh. Ruhfus, Dortmund, estampas 1-5 e 21-26.

ALVES, F. (1994) – “Lisboa Submersa”, in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp. 126-131.

AMARO, C. (1994a) – “A Indústria Conserveira na Lisboa Romana”, in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp. 69-74.

AMARO, C. (1994b) – “A Casa dos Bicos: Sítio com dois milénios de história”, in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp. 110-111.

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) – “*Protocole de quantification dès céramiques. Conditions et Protocole*”, Glux-en-Glenne, Centre Archéologique Européen du Mont Beauvray, pp. 141-157.

ARRUDA, A. M. (1993) – “A Conquista”, in *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias, O Mundo Luso-Romano*, Vol. II, Ediclube, Alfragide, pp. 161-178.

ARRUDA, A. M. (1994) – “A Península de Lisboa entre o Norte Atlântico e o Ocidente Mediterrânico nos inícios do Iº milénio a.C.”, in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp. 52-57.

ATKINSON, D. (1914) – “A hoard of Samian Ware from Pompeii”, *The Journal of Roman Studies*, vol. 4, part 1, Society for Promotion of Roman Studies, pp. 27-64.

BALIL, A. (1959) – “Vasos aretinos decorados conservados en el Museo Arqueológico de Barcelona y en el Museo Monográfico de Ampurias”, *Ampurias*, XXI, Barcelona, 21, pp. 310-323.

BALIL, A. (1959) – “Vasos Aretinos decorados hallados en el Foro Romano”, *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXXII, nº 99-100, Madrid, pp. 71-83.

BALIL, A. (1986) – “Terra Sigillata aretina decorada de la Peninsula Ibérica”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología - BSAA*, Tomo 52, pp. 228-247.

BARROS, L. A.; LEITE, A. C.; DIONÍSIO, A. (2001) – “Preservação de monumentos em espaços urbanos: o Teatro Romano de Lisboa”, in *Actas das Sessões do IV Colóquio Temático: As escalas de Lisboa, morfologias, populações, identidades (Forum Lisboa – Edifício Roma, Lisboa, 4 a 6 de Julho de 2001)*, Arquivo Municipal de Lisboa, Lisboa, pp. 103-115.

BARROS, L.; HENRIQUES, F. (1997) – “A última fase de ocupação do Almaraz”, in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 30 de Fevereiro de 1997)*, Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus, Monografias-Arqueologia, Almada, pp. 97-107.

BELTRÁN, M. (1990) – “*Guía de la Ceramica Romana*”, Libros Pórtico, Saragoça.

BÉMONT, C. (1976) – “*Recherches Methodologiques sur la Céramique Sigillée. Les vases estampillés de Glanum*”, Escola Francesa de Roma, fascículo 125, Paris e Roma.

BERGAMINI, M. (2005) – “Matrici per la Terra Sigillata da Scoppieto. Studio preliminare dei motivi iconografici”, *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 39, Abingdon, pp. 133-144.

BILOU, F. (2005) – “*Sistema viário antigo na região de Évora*” – Edições Colibri, Lisboa.

BORASO, M.; KENNY, J. M. (2005) – “Matrici per Terra Sigillata da Scoppieto. Risultati delle analise archeometriche”, *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 39, Abingdon, pp. 81-89.

BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) – “Les Sigillées”, *Fouilles de Belo*, IV, Casa de Velázquez, Collection de La Casa de Velázquez, Archéologie XIV, Madrid.

BRANCO, F. C. (1961) – “Problemas de Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole?”, *Revista Municipal*, 91, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

BUGALHÃO, J. (2001) – “*A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo*”, *Trabalhos de Arqueologia*, 15, IPA, Lisboa.

BUGALHÃO, J. (2003) – “Mandarim Chinês, Lisboa – Contextos Romanos”, in *Actas do IVº Encontro de Arqueologia Urbana (Amadora – 10 a 12 de Novembro de 2000)*, Câmara Municipal da Amadora/Museu Municipal de Arqueologia, ARQA – Associação de Arqueologia e Protecção do Património da Amadora, Amadora, pp.127-146.

BUGALHÃO, J.; SABROSA, A.; MONTEIRO, J. L. (1994) – “BCP – Rua Augusta (Rua dos Correiros, campanha de 1993-94)”, *Al-madan*, II-3, Especial Arqueologia na Região de Lisboa, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 110.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2010) – “*El comercio de Terra Sigillata altoimperial en el círculo del Estrecho – Balance historiográfico y líneas de investigación*”, British Archaeological Reports, International Series 2148, pp. 43-86.

CANTOS CARNICER, A. (2000) – “La Terra Sigillata itálica del Foro de Caesaraugusta”, *SALDVIE, Estudios de Prehistoria y Arqueología*, nº 1, Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Universidade de Saragoça, Saragoça, pp. 203-240.

CANTOS CARNICER, A. (2002) – “Terra Sigillata itálica e gálica de la quinta campaña de excavaciones en el Palao (Alcañiz, Teruel)”, *SALDVIE, Estudios de Prehistoria y Arqueología*, nº 2, Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Universidade de Saragoça, pp. 267-282.

CARREÑO GASCÓN, M. C. (1997) – “*Marcas de Alfarero sobre Terra Sigillata halladas en Lucus Augusti*”, Anejos de Larouco 3, Ediciós de Castro, Lugo.

CARVALHO, A. F.; ALMEIDA, F. J. N. S. (1996) – “Aspectos económicos da ocupação romana na foz do Tejo”, in *Ocupação Romana no Estuário dos Estuários do Tejo e Sado (Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e Sado, Seixal, 1991)*, Col. Nova Enciclopédia, 54, Câmara Municipal do Seixal e Publicações D. Quixote, Seixal, pp. 137-155.

CARVALHO, P.; MORAIS, R. (2010) – “Terra Sigillata de tipo itálico”, in ALARCÃO, J.; CARVALHO, P.; GONÇALVES, A. Dir., *Castelo de Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*, Studia Lusitana 5, Mérida, pp. 139-151.

CHASE, G. H. (1908) – “*The Loeb collection of Arretine pottery catalogued with introduction and descriptive notes*”, New York.

CHASE, G. H. (1916) – “*Catalogue of Arretine Pottery*”, Boston: Museum of Fine Arts

CLARIANA i ROIG (1998) – “La Sigillata Itálica-Arretina decorata proveniente de la Vila Romana de Torre Llauder (Mataró – El Maresme)”, *Laietania*, 11, pp. 97-107.

COMFORT, H. (1959) – “Some Roman pottery in the Museu Etnológico, Belém”, *Conimbriga*, 1, Coimbra, pp. 1-12.

DELGADO, M.; SANTOS, L. (1984) – “Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga”, *Cadernos de Arqueologia*, II-1, Braga, pp. 49-69.

DESBAT, A.; GENIN, M.; LASFARGUES, J. (1997) – “Les productions des ateliers de poitiers antiques de Lyon. Premiere Partie; Les ateliers précoces”, *Galia*, 53, 1996, Lyon, pp. 1-249.

DIAS, L. F. (1978) – “As marcas de ‘terra sigillata’ do Castelo de Alcácer do Sal”, *Setúbal Arqueológica*, 4, Setúbal, pp. 145-154.

DIOGO, A. M. D. (1980) – “*Marcas de terra sigillata itálica em Portugal*”, Grupo de Estudos de Cultura Antiga, Lisboa.

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000a) – “Elementos sobre o cemitério do adro da Igreja de São Domingos”, in *Estudos de Lisboa – Séculos XV a XIX, Iº Colóquio Temático (6-7 Novembro de 1998)*, *Arqueologia e História*, 52, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 59-71.

DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000b) – “Vestígios de uma Unidade de Transformação de Pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3-1, IPA, Lisboa, pp.181-204.

DRAGENDORFF, H. (1895) – “*Terra sigillata*”, *Bonner Jahrbücher*, Bonn, 96/97, pp. 18-155.

DRAGENDORFF, H.; WATZINGER, C. (1948) – “*Arretinische Reliefkeramik mit Beschreibung der Sammlung in Tübingen*”, Reutlingen, Gryphius Verlag.

DUARTE, A. L.; AMARO, C. (1986) – “Casa dos Bicos”, in *A Cidade e a Arqueologia, I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1995)*, *Trabalhos de Arqueologia*, 3, IPPC, Lisboa, pp. 143-154.

ENCARNAÇÃO, J. (2009) – “Termas dos Cássios em Lisboa – Ficção ou realidade?”, in *Lusitânia Romana – Entre o mito e a realidade, Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana (4 a 6 de Novembro de 2004)*, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, pp. 481-493.

ETTLINGER, E. *et al* (2002) – “*Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*”, Dr. Rudolf Habelt GmbH, Bonn (Materialen zur romisch-germanischen Keramik, Heft 10).

FABIÃO, C. (1993) – “As actividades económicas”, in *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias, O Mundo Luso-Romano*, vol. II, Ediclube, Alfragide, pp. 242-248.

FABIÃO, C. (1994a) – “Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa”, *Penélope – Ler e Desfazer a História*, 13, Cooperativa Penélope, Edições Cosmos, Lisboa, pp. 147-162.

FABIÃO, C. (1994b) – “O Monumento Romano da Rua da Prata”, in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp. 67-69.

FABIÃO, C. (2009) – “A dimensão atlântica da Lusitânia. Periferia ou charneira do Império Romano?”, in *Lusitânia Romana – Entre o Mito e a Realidade, Actas da IV Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana (4 a 6 de Novembro de 2004)*, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, pp. 53-74.

FABIÃO, C.; GUERRA, A.; LAÇO, T.; MELRO, S.; e RAMOS, A. C. (1998) – “A necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1-1, IPA, Lisboa.

FERNANDES, L. (2007) – “Teatro Romano de Lisboa – Os caminhos da descoberta e os percursos de investigação arqueológica”, *Al-madan*, II-15, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 28-39.

FERREIRA, F. A. R. B. (1962) – “*Diário das escavações sistemáticas na Praça da Figueira em Lisboa (partes I a III)*”, Junta Nacional de Educação, Lisboa.

FERREIRA S. V. (1969) – “Marcas de Oleiro em território português”, *O Arqueólogo Português*, III-3, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, pp. 131-177.

FILIPE, V. (2008) – “Importação e exportação de produtos alimentares em Olisipo: as ânforas da Rua dos Bacalhoeiros”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11-2, IPA, Lisboa, pp. 301-324.

FILIPE, V.; CALADO, M. (2007) – “Ocupação romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama, *Al-madan*, II-15, Almada, pp. IX-1 a 10 (adenda electrónica).

FRANÇA, J.- A. (2008) – “*Lisboa – História Física e Moral*”, Livros Horizonte, Lisboa, pp. 31-45.

FÜLLE, G. (1997) – “The international organization of the Arretine Terra Sigillata industry: problems of evidence and interpretation”, *Journal of Roman Studies*, 87, Society of Roman Studies, Londres, pp. 111-155.

GAMITO, M. T.; MAIA, M. G. P. (1976) – “Um prato da oficina de *Cn. Ateius* achado em Faro”, *Anais do Município de Faro*, 6, Faro, pp. 147-158.

GANDOLFI, D. (2005) – “*La ceramica e i materiali di età romana. Classi, produzioni, commerci e consumi.*”, Istituto Internazionali di Studi Liguri, Scuola Interdisciplinare delle Metodologie Archeologiche, 2, Bordighera.

GASPAR, A.; GOMES, A. (2007) – “As muralhas de Olisipo – O troço junto ao Tejo”, in *Muralhas de Ciudades Romanas en el Occidente del Imperio, Lucus Augusti como paradigma, Actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29.XI.2005), en el aniversario de la Declaración por la UNESCO, de la muralha de Lugo como Património de la Humanidad*, Serviço de Publicaciones de la Departación Provincial de Lugo, 1ª Edição, pp. 687-697.

GOMES, N. F. S. (2002) – “*Terra Sigillata Itálica Decorada: Escavações da Praça da Figueira (1999-2001)*”, tese de licenciatura, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

GOUDINEAU, C. (1968a) – “Céramique arétine à reliefs de Bolsena”, in *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire*, Tomo 80, p. 167-200.

GOUDINEAU, C. (1968b) – “*La ceramique aretine lise*”, Fouilles de l'École Française de Rome à Bolsena (Poggio Moscini), 1962-1967, Tome IV, Mélanges de l'École Française de Rome, 4, Paris.

GUERRA, A. (1994) – “Lisboa - Mitos e realidades da sua fundação”, *Almadan*, II-3, Especial Arqueologia na Região de Lisboa, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 105.

GUERRA, A. (1995) – “*Plínio-o-Velho e a Lusitânia*”, Edições Colibri, Col. Arqueologia e História Antiga, 1, Lisboa.

GUERRA, A. (2006) – “Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de São Jorge, Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9-2, pp. 271-297.

GUERY, R. (1987) – “*Les marques de poitiers sur Terra Sigillata découvertes en Algérie: II – Sigillée Tardo-italique*”, *Antiquités Africaines*, Paris, pp. 149-191.

GUÉRY, R. (1992) – “IV/1 – Sigillée Italique (A () à C.M () R())”, *Antiquités Africaines*, 28, pp. 15-131.

GUÉRY, R. (1994) – “ IV/2 – Sigillée Italique (ME () à C. VOLVSENVS (NESTOR?))”, *Antiquités Africaines*, 30, pp. 89-187.

HAUSCHILD, T. (1994) – “O Teatro Romano de Lisboa”, in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp. 64-66.

HAYES, J. (1997) – “*Handbook of Mediterranean Roman Pottery*”, Londres.

HEDINGER, B. (1999) – “*Die frühe Terra Sigillata aus den Grabungen des Deutschen Archäologischen Instituts in Karthago, 1974-1991*”, in *Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago*, Deutsches Archäologisches Institut, Institut National du Patrimoine, Tunis (Karthago Band 3), Mainz, pp. 289-402.

HELENO, M. (1965) – “A Estação Lusitano-Romana da Praça da Figueira”, *Ethnos*, 4, Lisboa, pp. 305-308.

HOFMANN, B. (1986) – “*La céramique Sigillée*”, Collection dès Hesperides, Editions Errance, Paris.

JEREZ LINDE, J. (1996) – “El comercio de Terra Sigillata en la Cuenca media del Guadiana”, *Actas de las II Jornadas de Historia de Montijo*, Montijo, Badajoz.

JEREZ LINDE, J. (2000) – “Eros y Psyque en un fragemento de Terra Sigillata arretina del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida”, *Anas*, 13, Mérida.

JEREZ LINDE, J. (2005) – “*La Terra Sigilata Itálica del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida*”, Cuadernos Emeritenses, 29, Mérida.

KENRICK, P. M. (1997) – “Cn. Ateius – The inside story”, *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 35, Abingdon, pp. 179-190.

KENRICK, P. M. (2000) – “Part 1”, in *Corpus Vasorum Arretinorum* (2ª Ed. Revista e ampliada), Dr. Rudolf Halbert GMBH, Bona, pp. 3-50.

LASFARGUES, A. ; VERTET, H. (1976) – “Les estampilles sur sigillée lisse de l’atelier augustéen de la Muette à Lyon”, *Figlina*, 1, Lyon, pp. 39-87.

LAVIZZARI PEDRAZZINI, M. P. (1973) – “Ceramica Arretina. Terra Sigillata tardo-italica”, in FROVA, A. – “*Scavi di Luni, I: Relazione preliminare delle campagne di scavo 1970-71*”, Roma, pp. XXIII-XXIV e 283-306.

LAVIZZARI PEDRAZZINI, M. P. (1977) – “Terra Sigillata italica e sudgalica”, in FROVA, A. – “*Scavi di Luni, Relazione sulle campagne di scavo 1972-1973-1974*”, Roma, pp. 118-143, 369-373, 455-465.

LAVIZZARI PEDRAZZINI, M. P. (1979) – “La ceramica arretina di Luni”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 19/20, Abingdon, pp. 136-139.

LAVIZZARI PEDRAZZINI (1984) – “Terra Sigillata italica”, in BONGHI IOVINO, M. – “*Ricerche a Pompei*”, I, Roma, pp. 214-234.

LEMOS, F. S.; MARTINS, M. (1992) – “A Arqueologia Urbana em Portugal”, *Penélope – Fazer e Desfazer a História*, 7, Edições Cosmos, Cooperativa Penélope, Lisboa, pp. 93-103.

LOBATO, M. J. F. (1995) – “A necrópole romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia)”, *Portugália*, Nova Série, Vol. XVI, pp. 31-110.

LOPES, M. C. (1994) – “A Sigillata de Represas – Tratamento Informático”, *Conimbriga – Anexos*, 2, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Coimbra.

MANTAS, V. G. (1990) – “As cidades marítimas da Lusitânia”, in *Les Villes Romaines en Lusitanie, Hiérarchies et Territoires (Table Ronde Internationale du CNRS, 8-9 Décembre 1988)*, Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, pp. 15-41.

MANTAS, V. G. (1994) – “Olisiponenses: Epigrafia e sociedade na Lisboa Romana” - in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp. 70-74.

MANTAS, V. G. (1999) – “Olisipo e o Tejo”, in *Actas das Sessões do IIº Colóquio Temático “Lisboa Ribeirinha” (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*, Departamento de Património Cultural, Divisão de Arquivos, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, pp. 15-41.

MARTIN, A. (1997) – “Sigillata wasters from Ostia?”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 35, Abingdon, pp. 199-202.

MARTINS, M.; DELGADO, M. (1990) – “As necrópoles de Bracara Augusta. A. Os dados arqueológicos”, *Cadernos de Arqueologia*, 2ª Série, 6-7, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Museu D. Diogo de Sousa, Braga, pp. 41-186.

MATA, V. (2006) – “A Terra Sigillata Sud-Gálica da Praça da Figueira: os vasos lisos”, tese de licenciatura, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

MATOS, J. L. (1994) – “Escavações arqueológicas nos Claustros da Sé de Lisboa”, *Al-madan*, II-3, Especial Arqueologia na Região de Lisboa, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 108-109.

MENCHELI, S. (1997) – “Terra Sigillata Pisana. Forniture militari e ‘libero mercato’”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 35, Abingdon, pp. 191-198.

MENCHELI, S.; PASQUINUCCI, M. (2006) – “Territorio e produzione ceramiche - Paesaggi, economia e società in Etá Romana”, in *Instrumenta*, 2, Universidade de Pisa, Pisa.

MIRANDA, J. A.; ENCARNAÇÃO, G. (1998) – “Villa Romana da Quinta da Bolacha, Campanha de Abril/Maio de 1997”, Relatórios – 4, Gabinete de Arqueologia Urbana, Associação de Arqueologia da Amadora, Amadora.

MARABINI MOEVS, M. T. (2006) – “Cosa – The Italian Sigillata”, University of Michigan Press, Michigan.

MOITA, I. (1964-66) – “Hospital Real de Todos-os-Santos (relatório das escavações a que mandou proceder a CML de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960)”, *Revista Municipal*, 101-102, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, pp. 76-97.

MOITA, I. (1968) – “Achados de Época Romana no subsolo de Lisboa”, *Revista Municipal*, 116-117, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, pp. 37-71.

MOITA, I. (1994a) – “O Hospital Real de Todos-os-Santos”, in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp. 118-125.

MOITA, I. (1994b) – “O Livro de Lisboa”, Expo '98, Lisboa '94, Livros Horizonte, Lisboa.

MOITA, I.; LEITE, A. C. (1986) – “Recuperar Olisipo a partir de Lisboa. Possibilidades e limitações”, in *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1995)*, *Trabalhos de Arqueologia*, 3, IPPC, Lisboa, pp. 55-58.

MONTESINOS i MARTINEZ, J. (1988) – “Terra Sigillata italica decorada da Peninsula Ibérica: Valencia y Ilici”, *Boletín de Seminario de Arte y Arqueología*, Valladolid, 54, pp. 253-266.

MORAIS, R. (1997/1998) – “Importações de cerâmicas finas em Bracara Augusta: da fundação até à época Flávia”, *Cadernos de Arqueologia*, II-14/15, Braga, pp. 47-97.

MORAIS, R. (2005) – “Autarcia e comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade”, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.

MUNSELL (1975) – “*Munsell Soil Color Charts*”, MD: Kollmorgen Corporation, Baltimore.

MURALHA, J.; COSTA, C.; CALADO, M. (2002) – “Intervenções arqueológicas na Encosta de Santana (Martim Moniz, Lisboa)”, *Al-madan*, II-11, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 245-246.

OLCESE, G. (2003) – “Terra Sigillata Itálica a Roma e in area romana: produzione, circolazione e analisi di laboratorio”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 38, Abingdon, pp. 11-16.

OXÉ, A. (1968) – “*Materialien zur Römisch-Germanischen Keramik – Arretinische Reliefgefäße vom Rhein*”, Heft 5, Römisch-Germanische Kommission des Deutschen Archäologischen Instituts zu Frankfurt A. M., Rudolf Habelt Verlag GmbH, Bonn.

OXÉ, A.; COMFORT, H.; KENRICK, P. (2000) – “*Corpus Vasorum Arretinorum*” (2ª Edição), Dr. Rudolf Habelt GmbH, Bonn.

PATURZO, F. (1996) – “*Arretina Vasa: La ceramica aretina da mensa in Etá Romana – Arte, Storia e Tecnologia*”, Ed. Calosci, Cortona.

PEACOCK, D. (1982) – “*Pottery in the Roman World: an ethnoarchaeological approach*”, Longman, Londres e Nova Iorque.

PEÑA, J. T. (2007) – “*Roman pottery in the archaeological record*”, Cambridge University Press, Cambridge.

PERA i ISERN, J. (2005) – “La Terra Sigillata itálica de Iesso (Guissona, La Segarra)”, *Empúries*, 54, Museu d’Arqueologia de Catalunya, pp. 177-211.

PEREIRA, C. (2001) – “A Terra Sigillata da Necrópole Romana da Praça da Figueira (escavações efectuadas por Irisalva Moita e Bandeira Ferreira)”, tese de licenciatura, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

PEREIRA, V. S. (2001) – “Leituras da Antiguidade: Os dois Plínios de Júlio de Castilho”, *Ágora – Estudos Clássicos em debate*, 3, Aveiro, pp. 157-181.

PICON, M. *et al* (1975) – “Composition of the La Graufesenque, Banassac and Montans Terra Sigillata”, *Archeometry*, 17-2, Antiquarian Society, Londres, pp. 191-199.

PIMENTA, J. (2003) – “Contribuição para o estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Lisboa) ”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6-2, IPA, Lisboa, pp. 341-362.

PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) – “Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem nº2 da Rua de São João da Praça”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8-2, IPA, Lisboa, pp. 313-334.

PINTO, I. VAZ (2003) – “A cerâmica comum das Villae romanas de S. Cucufate (Beja)”, Colecção Teses, Universidade Lusíada, Lisboa, pp. 73-86.

POBLOME, J. *et al.* (2004) – “Early Italian sigillata: the chronological framework and trade patterns”, First International ROCT Congress, Leuven.

POLAK, M. (2000) – “South Gaulish Terra Sigillata with potter’s stamps from Vechten, Nijmegen”, *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, Supplementum 9, Nijmegen.

POLITO, A. (2009) – “La terra sigillata italica liscia dal quartiere ellenistico-romano di Agrigento”, Gangemi Editore, Roma.

PORTEN PALANGE, F. P. (1995) – “Fälschungen aus Arezzo. Die Gefälschten Arretinischen Punzen und Formen und Ihre Geschichte”, *Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums Mainz*, 37, Jahrgang, Teil 2, Mainz, pp. 521-649.

PORTEN PALANGE, F. P. (2004) – “*Katalog der Punzenmotive in der arretinischen Reliefkeramik*”, Kataloge vor- und frühgeschichtlicher Altertümer / Römisch-Germanisches Zentralmuseum Mainz, Band 38.

PORTEN PALANGE, F. P. (2009) – “*Die Werkstätten der arretinischen Reliefkeramik*”, Römisch-Germanisches Zentralmuseum, M76,1 e M76,2, Darmstadt.

PUCCI, G. (1981) – “La ceramica italica (Terra Sigillata)”, in *Merci, Mercati e Scambi nel Mediterraneo* (a cura di Andrea Giardina e Aldo Schiavone), vol. II, Società Romana e Produzione Schiavistica, Editori Laterza, pp. 99-121.

PUCCI, G. (1985) – “Terra Sigillata Italica”, in *Enciclopedia dell’Arte Antica Classica e Orientale, II, Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e Primo Imperio)*, Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma, pp. 359-406.

PY, M. (1993) – “*Dicocer – Dictionnaire de Céramiques Antiques (VII^{ème} s. av. n. è. - VII^{ème} s. de. n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*”, Lattara, 6, Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental, Lattes.

QUARESMA, J. C. (2009) – “*Economia antiga a partir de um centro de consumo Lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga?)*”, tese de doutoramento, Departamento de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

RIBEIRO, I. A. (2010) – “*A terra sigillata hispânica da Praça da Figueira*”, tese de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

RIBEIRO, J. C. (1994) – “Felicitas Iulia Olisipo – Algumas considerações em torno do catálogo ‘Lisboa Subterrânea’”, *Al-madan*, II-3, Especial Arqueologia na Região de Lisboa, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 75-92.

RIBERA i LACOMBA, A. (2002) – “El urbanismo de la primera Valencia”, in *Valencia y las primeras ciudades romanas de Hispania*, Valencia, pp. 299-313.

RITTERLING, E. (1913) – “*Das Frühromisch Lager bei Hofheim in Taunus. Wiesbaden*”, *Annalen des Vereins für nassauische Altertumskunde und Geschichtsforschung*, 40.

RIZZO, G. (2003) – “Roma e le ultime produzioni “tardo-italiche” di vasi in Terra Sigillata”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 38, Abingdon, pp. 35-42.

ROCA ROUMENS, M.; FERNANDEZ GARCÍA, M. I. (2005) – “*Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*” – CVDAS n°1, Revista de Arqueología e História, Málaga: Universidade de Málaga.

ROCA ROUMENS, M. R.; PRINCIPAL, J. (2007) – “*Les imitacions de Vaixela Fina importada a la Hispania Citerior (segles I a.C. – I d.C.)*” – Institut Català d’Arqueologia Clàssica, Documenta 6, Tarragona.

RODRIGUEZ MARTIN, G.; JEREZ LINDE, J. (1995) – “Terra Sigillata itálica padana procedente de la Villa Romana de Torre Águila (Barbaño, Badajoz)”, *Revista de Estudios Extremeños*, LI – II, Badajoz, pp. 345-362.

ROTH-RUBI, K. (2001) – “La sigillée de Dangstetten: question de chronologie”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, acta 37, Abingdon, pp. 211-215.

SAA, M. (1959) – “*As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio. Tomo II*” – Lisboa.

SAA, M. (1960) – “*As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio. Tomo III*” – Lisboa.

SAA, M. (1963) – “*As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio. Tomo IV*” – Lisboa.

SAA, M. (1964) – “*As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio. Tomo V*” – Lisboa.

SÁNCHEZ BARRERO, P. D.; GÓMES NIEVES, B. (1998) – “Camino per-urbanos de Mérida”, in *Mérida Excavaciones Arqueológicas 1998 – Memoria*, Mérida: Consorcio Mérida Ciudad Monumental, pp. 549-569.

SANTOS, P. (2003) – “*A Via Norte de Olisipo – a cronologia da ‘fossa 8936’ da Praça da Figueira (1999-2001) – um contributo?*”, tese de licenciatura, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

SCHINDLER KAUDELKA, E.; FASTNER, U.; GRUBER, M. (2001) – “*Italische Terra Sigillata mit Appliken in Noricum*”, Österreichischen Akademie der Wissenschaften, Archäologische Forschungen, Band 6, Viena.

SCHNURBEIN, S. V. (1982) – “*Die unverzierte Terra Sigillata aus Haltern*” (com contributo de J. Lasfargues e M. Picon), *Aschendorff Münster, Bodenaltertümer Westfalens*, 19, Munique.

SEPÚLVEDA, E. (1996) – “Terra Sigillata tardo-italica (padana) proveniente de Tróia de Setúbal”, *Al-madan*, II-5, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 13-17.

SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2000) – “Cerâmicas Romanas do lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: a Terra Sigillata”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3-2, IPA, Lisboa, pp. 119-152.

SEPÚLVEDA, E.; VALE, A.; SOUSA, V.; SANTOS, V.; GUERREIRO, N. (2002) – “A cronologia do Circo de Olisipo: a Terra Sigillata”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5-2, IPA, Lisboa, pp. 245-275.

SEPÚLVEDA, E.; GOMES, N.; SILVA, R. B. S. (2003) – “A intervenção arqueológica urbana da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Lisboa): 1- A Terra Sigillata”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6-2, IPA, Lisboa, pp. 401-414.

SEPÚLVEDA, E.; AMARO, C. (2007) – “Casa dos Bicos 25 anos depois – Marcas de oleiro em terra sigillata”, *Al-madan*, II-15, Almada, pp. VIII- 1 a 9 (adenda electrónica).

SEPÚLVEDA, E., FERREIRA, M., MATA, V. (2008) – “O espólio cerâmico romano do Alto de São Miguel (Alcácer do Sal): intervenção arqueológica urbana de emergência”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11-2, IGESPAR, Lisboa, pp. 271-300.

SEPÚLVEDA, E.; FERNANDES, L. (2009) – “As marcas de Terra Sigillata de tipo itálico do Teatro Romano de Lisboa (campanhas 2005/2006)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12-1, IGESPAR, Lisboa, pp. 139-168.

SILVA, A. A. V. (1944) – “*Epigrafia de Olisipo (Subsídios para a História da Lisboa Romana)*”, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

SILVA, A. A. V. (1987) – “*A Cerca Moura de Lisboa. Estudo Histórico descritivo*”, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

SILVA, R. B. (1997) – “Sepulturas da Calçada do Garcia (Lisboa) e o urbanismo de Olisipo”, in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a*

30 de Fevereiro de 1997), Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus, Monografias-Arqueologia, Almada, pp. 193-205.

SILVA, R. B. (1999) – “Urbanismo de Olisipo: A zona ribeirinha”, in *Actas das Sessões do IIº Colóquio Temático “Lisboa Ribeirinha” (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*, Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Património Cultural, Divisão de Arquivos, Lisboa, pp. 43-67.

SILVA, R. B. (2005) – “As ‘marcas de oleiro’ em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.)”, dissertação de mestrado, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho (policopiado).

STENICO, A. (1958a) – “Aretini o Arretini, Vasi”, in *Enciclopedia dell’Arte Antica Classica e Orientale*, Vol. 1 (acura di Rancio Bianchi Bandeli), Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma, p. 608-616.

STENICO, A. (1958b) – “Terra Sigillata”, in *Enciclopedia dell’Arte Antica Classica e Orientale*, Vol. VII (acura di Aldo Ferrabino), Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma, p. 726-728.

STENICO, A. (1960a) – “La ceramica arretina I – Rasinius I”, Museo Archeologico di Arezzo, Cisalpino.

STENICO, A. (1960b) – “La ceramica arretina II – Punzioni, modelli, calchi, etc.”, Collezione Diverse, Cisalpino.

STENICO, A. (1960c) – “Revisione critica delle pubblicazioni sulla ceramica arretina – Liste de attribuzioni del vasellame decorato com rilievi edito fotograficamente”, Istituto di Archeologia, Università – Milano.

STENICO, A. (1974) – “I problemi della ceramica romana di Ravenna, della Valle padana e dell’alto Adriatico”, Istituto di antichità Ravenna e Bizantine, Istituto di Archeologia dell’Università di Bologna, Arnaldo Forni Editore, Bolonha, pp. 15-23.

TELLA, C. R. (1996) – “La Terra Sigillata Tardo-Italica decorata nel Museo Nazionale Romano”, L’Erma di Bretschneider, Studia Archaeologica, Roma.

TILLARD, J-L. (2003) – “Les estampilles sur sigillée italique de Poitiers (Vienne, France) (Lemonum Pictonum)”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 38, Abingdon, pp. 339-348.

TORRES, C. (1994) – “Lisboa Muçulmana. Um espaço urbano e o seu território”, in *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, Electa, Lisboa, pp. 80-85.

TROSO, C. (1991) – “*Il ceramista aretino Publius Cornelius. La produzione decorata a rilievo*”, La Nuova Italia Editrice, Pubblicazioni della Facoltà di lettere e filosofia dell'Università di Pavia, 63, Florença.

ULBERT, G. (1960) – “*Die römische Keramik aus dem Legionslager Augsburg=Oberhausen*”, Materialheft zur Bayerischen vorgeschichte, Heft 14.

VALE, A. L., FERNANDES, L. (1994) – “Intervenção arqueológica no Largo de St.º António da Sé”, *Al-madan*, II-3, Especial Arqueologia na Região de Lisboa, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp. 109.

VALE, A.; FERNANDES, L. (1997) – “Intervenção Arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa”, in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 30 de Fevereiro de 1997)*, Divisão de Museus, Monografias-Arqueologia, Câmara Municipal de Almada, Almada, pp. 109-121.

VALE, A.; SANTOS, V. (2003) – “A barreira do Circo de Olisipo”, in *Actas do IVº Encontro de Arqueologia Urbana (Amadora – 10 a 12 de Novembro de 2000)*, Câmara Municipal da Amadora/Museu Municipal de Arqueologia, ARQA – Associação de Arqueologia e Protecção do Património da Amadora, Amadora, pp. 177-183.

VASCONCELOS, J. L. (1900a) – “Analecta Epigraphica lusitano-romana, 9. Inscrição de Olisipo”, *O Archeólogo Português*, 5, Lisboa: Museu Ethnologico Português, Lisboa, pp. 170-175.

VASCONCELOS, J. L. (1900b) – “Antiguidades Romanas de Lisboa. Últimos descobrimentos. 1. Largo de São Domingos”, *O Archeólogo Português*, 5, Lisboa: Museu Ethnologico Português, pp. 282-287.

VASCONCELOS, J. L. (1900c) – “Antiguidades de Cárquere”, *O Archeólogo Português*, 5, Museu Ethnologico Português, Lisboa, pp. 206-212.

VIEGAS, C. (2003a) – “*A Terra Sigillata da Alcáçova de Santarém – Cerâmica, economia e comércio*”, Trabalhos de Arqueologia, 26, IPA, Lisboa.

VIEGAS, C (2003b) – “Terra Sigillata imports in Santarém (Portugal)”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 38, Abingdon, pp. 323-330.

VIEGAS, C. (2006a) – “*A Cidade Romana de Balsa (Torre de Ares, Tavira), 1: A Terra Sigillata*”, Município de Tavira, Tavira.

VIEGAS, C. (2006b) – “Castro Marim no período romano”, *Xelb, 6, Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005), Vol.1 – Comunicações e conferências*, Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, pp. 241-260.

VIEGAS, C. (2009) – “*A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*”, tese de doutoramento, Departamento de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

VITRÚVIO (2006) – “*Tratado de Architectura*” (tradução do Latim, introdução e notas por M. J. Maciel), IST Press, Lisboa.

WALTERS, H. (1908) – “*Catalogue of the Roman Pottery in the Departments of Antiquities, British Museum*”, British Museum, Department of Greek and Roman Antiquities, University of Harvard.

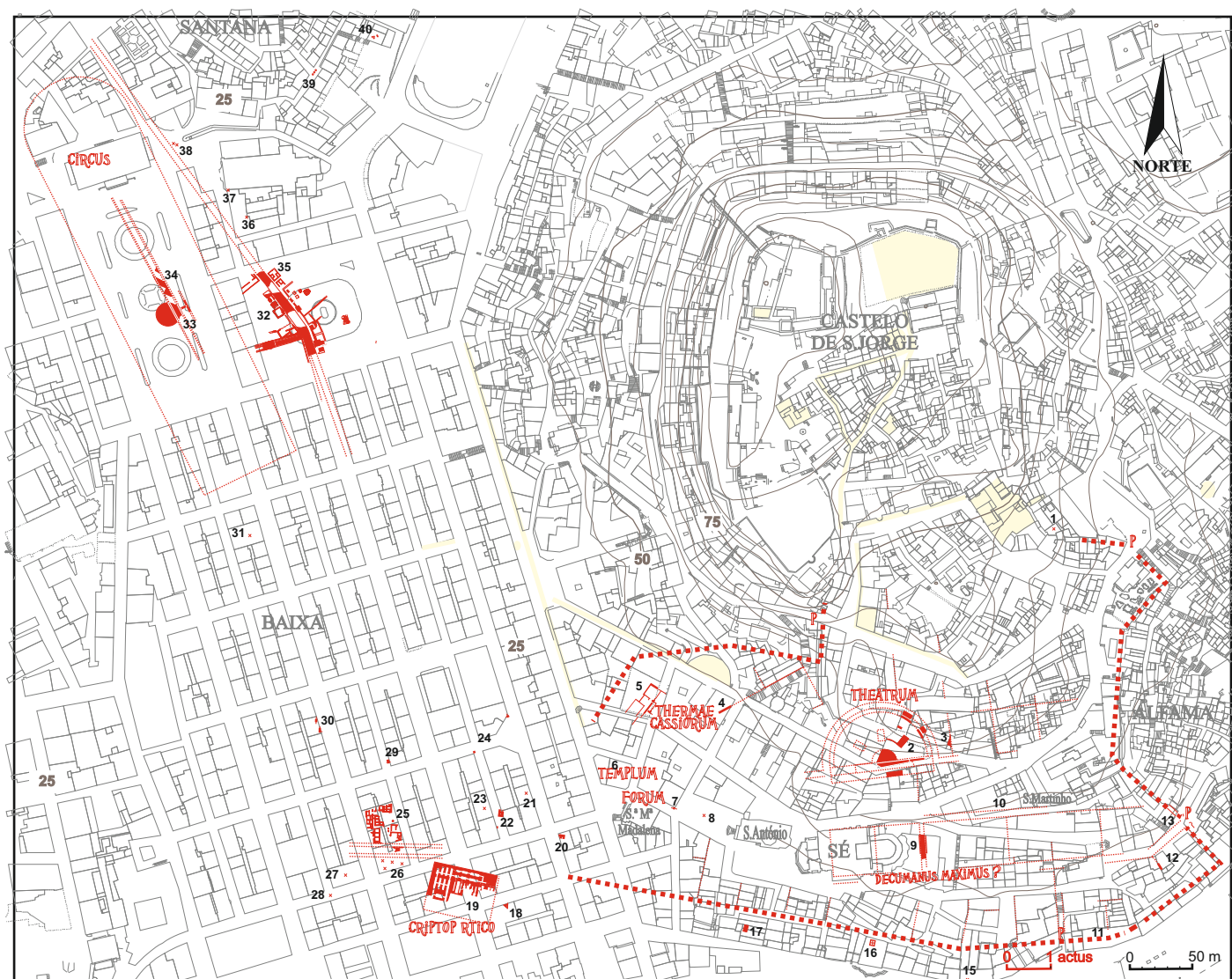
WELLS, C. M. (2000) – “The earliest Italian terra sigillata at Carthage”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 36, Abingdon, pp. 503-504.

WETTER, C. (1993) – “*The Ludström collection of Terra Sigillata in the Museum of the Department of Classical Archaeology and Ancient History*”, *Skrifter Utgivna av Svenska Institutet i Rom*, 8º, XIX, Göteborg University, Stockholm.

ANEXO 1

Mapas e plantas

Figura 1



Legenda


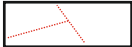



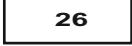
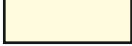


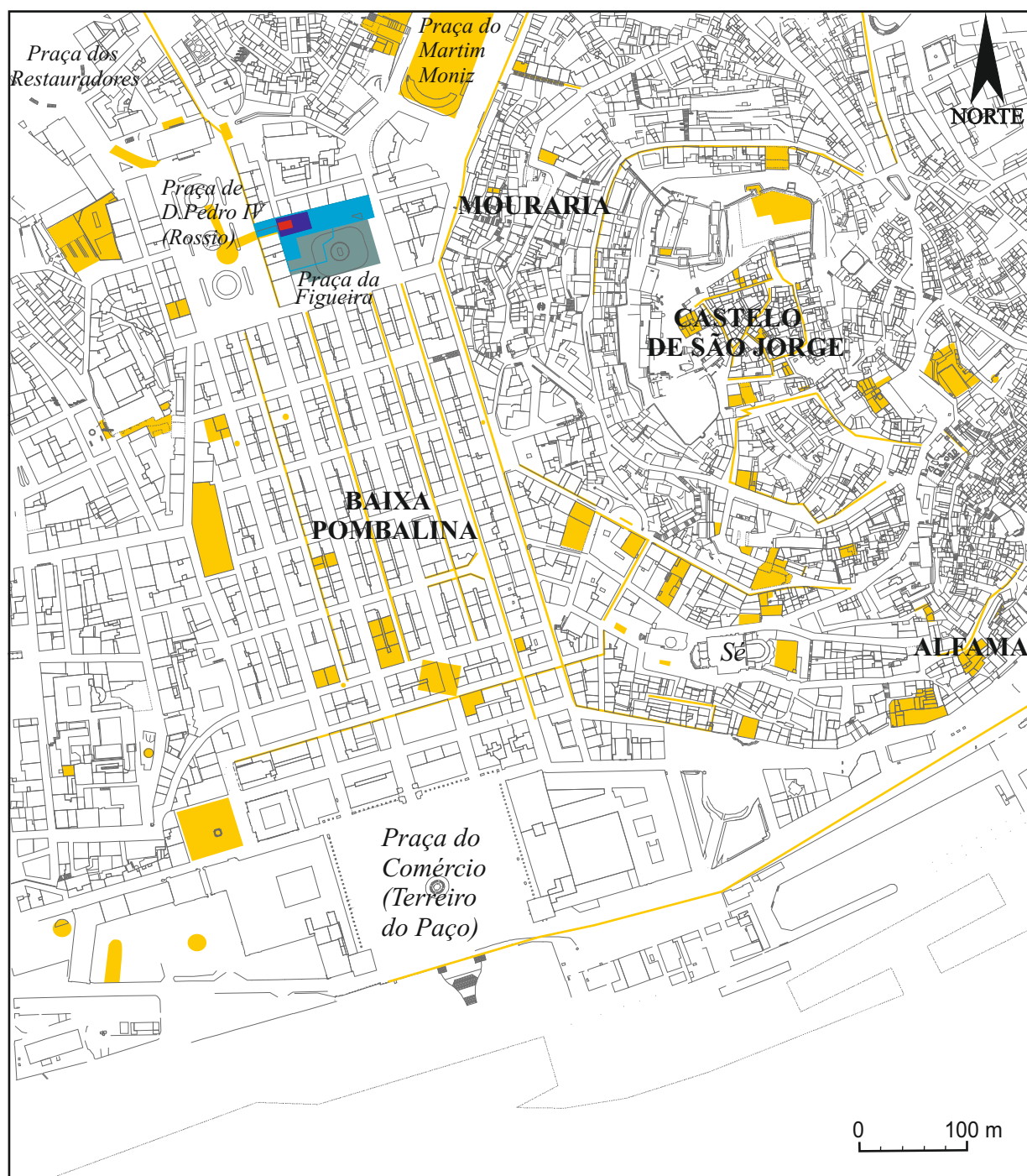
-  Construções de cronologia romana imperial detectadas
-  Suposições urbanísticas de cronologia romana imperial
-  Traçado hipotético da muralha alto-imperial romana
-  Porta hipotética da muralha alto-imperial romana
-  Intervenções onde se localizaram construções de cronologia romana imperial, insuficientemente localizadas
-  Identificação das intervenções arqueológicas urbanas que revelaram construções de cronologia romana imperial
-  Identificação das intervenções que proporcionaram evidência negativa de ocupação alto-imperial romana
-  Edificado actual
-  Curvas de nível actuais (equidistâncias de 5 m)

Figura 1 - Planta da Lisboa Romana (SILVA, 2005).

Figura 2



Legenda:

- Intervenção Arqueológica de 1960 (Hospital Real de Todos-Os-Santos)
- “Acompanhamento” arqueológico de 1961/2 (Necrópole Noroeste)
- Intervenção Arqueológica de 1962 (Necrópole Noroeste)
- Intervenção Arqueológica de 1999/2001 (Necrópole Noroeste)
- Outras Intervenções Arqueológicas Urbanas em Lisboa

Figura 2 - Enquadramento das Intervenções Arqueológicas Urbanas na Praça da Figueira (com especial referência às que incidiram sobre a Necrópole Noroeste de *Olisipo*) no núcleo histórico central da cidade de Lisboa (SILVA, 2005).

Figura 3



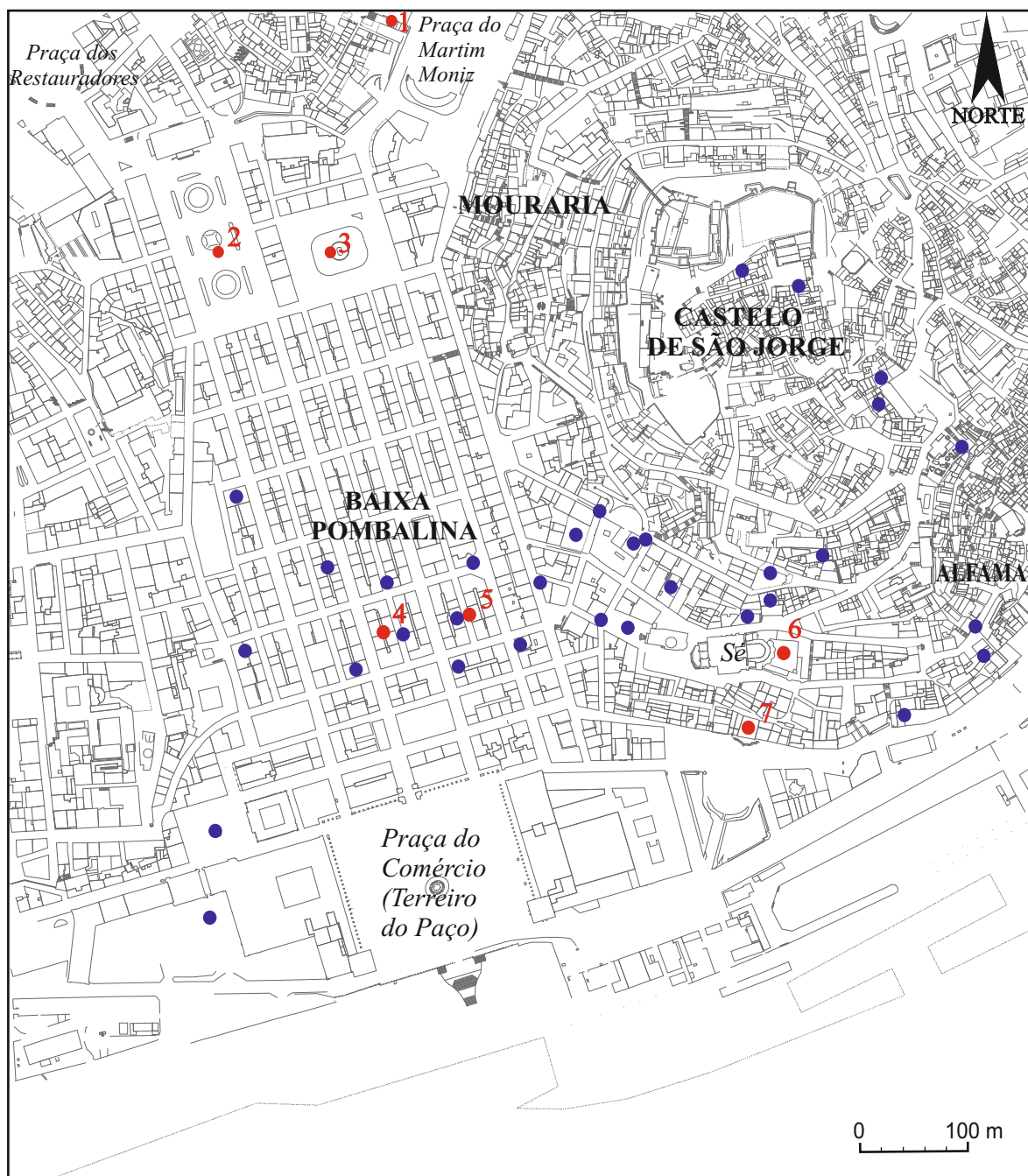
Figura 3 - Unidade Estratigráfica correspondente à ocupação romana da Fase II detectada na Praça da Figueira (SILVA, 2005).

Figura 4



Figura 4 - Unidades Estratigráficas mais relevantes correspondentes à ocupação romana da Fase III detectada na Praça da Figueira (SILVA, 2005).

Figura 5



Legenda:

- Locais de Lisboa com “marcas de oleiro” em *terra sigillata* atestadas
 - 1- Encosta de Santana
 - 2- Rossio
 - 3- Praça da Figueira
 - 4- Rua dos Correiros (NARC)
 - 5- Rua dos Douradores
 - 6- Casa dos Bicos
 - 7- Claustros da Sé Catedral
- Outros locais de Lisboa com presença de *terra sigillata* (séc. I-II d.C.)

Figura 5 - Mapa ilustrativo dos locais em Lisboa onde está atestada a presença de *terra sigillata*, com especial incidência para as marcas de oleiro (SILVA, 2005).

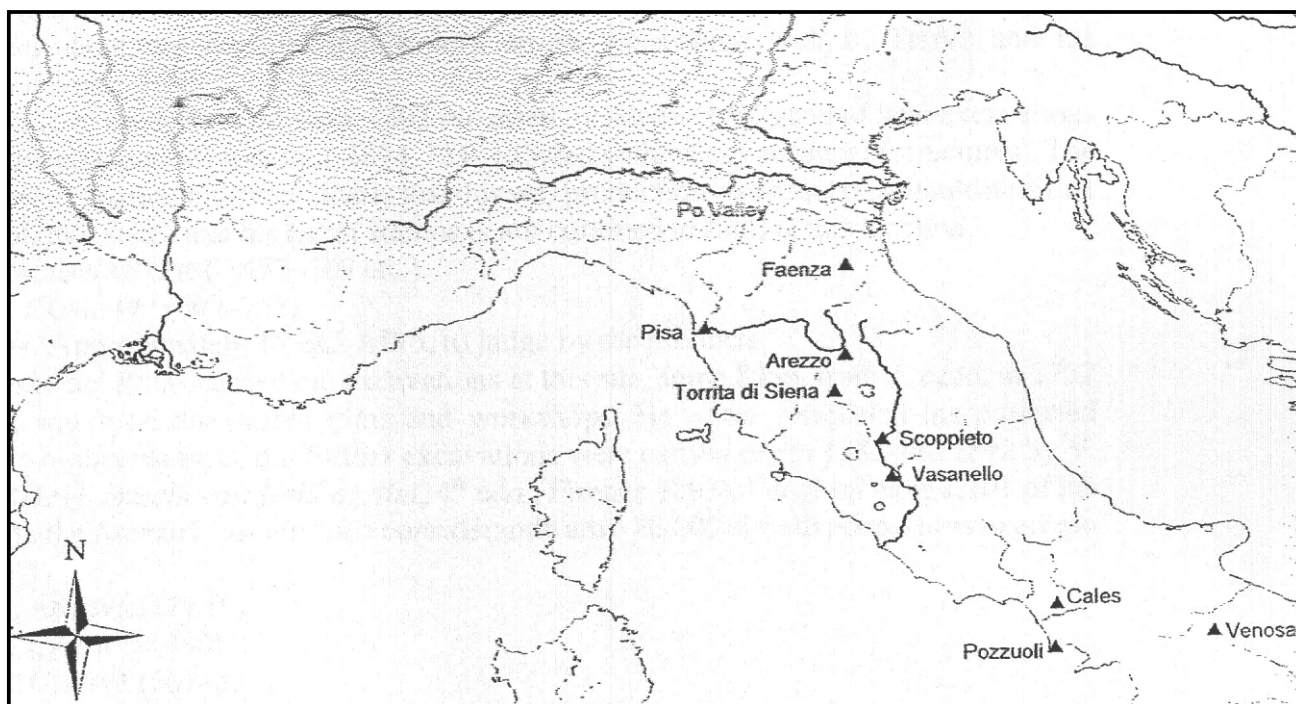
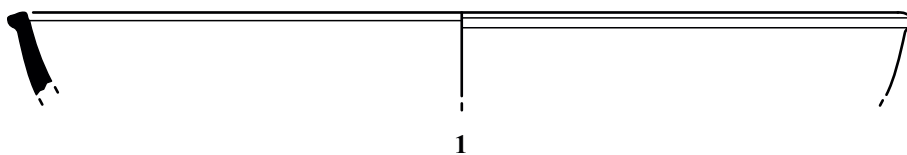


Figura 6 - Mapa dos centros itálicos conhecidos, produtores de *terra sigillata* (OCK, 2000, pp. 25).

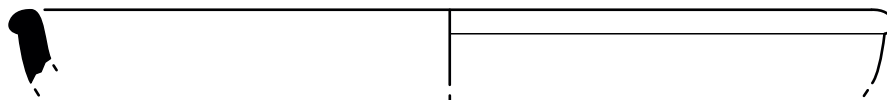
ANEXO 2

Estampas de *terra sigillata* de tipo itálico
da Praça da Figueira

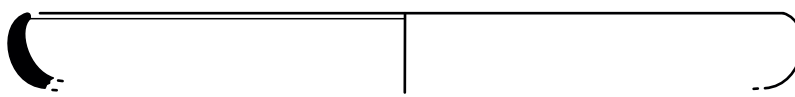
ESTAMPA 1



1



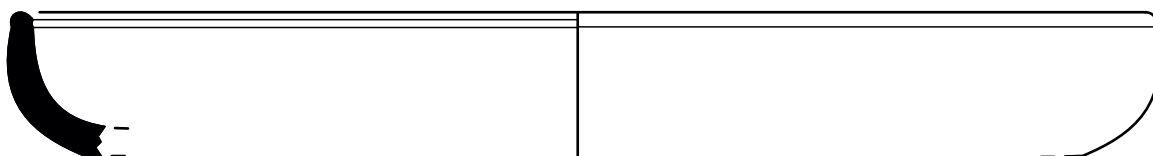
2



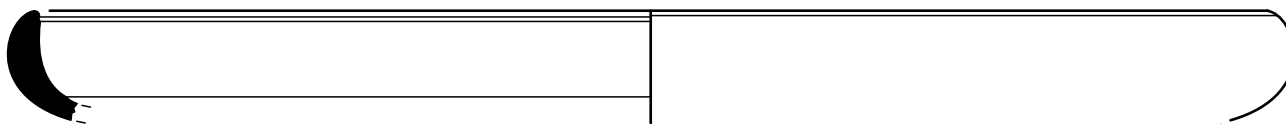
3



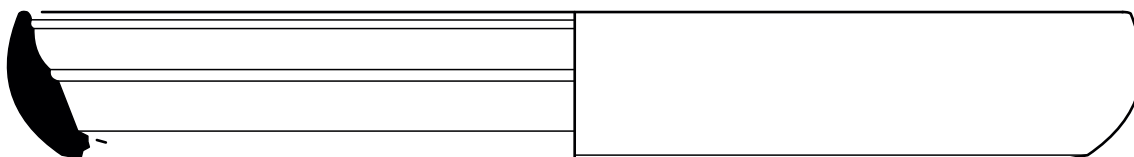
Escala 1/2



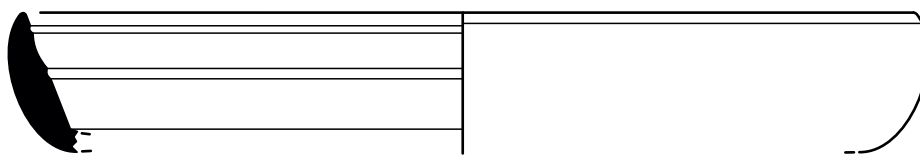
4



5



6



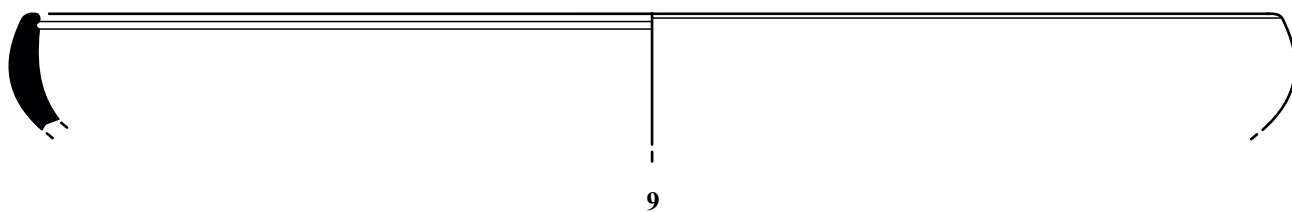
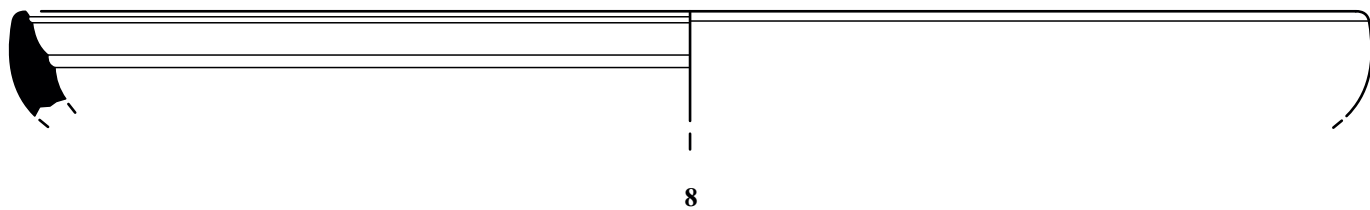
7



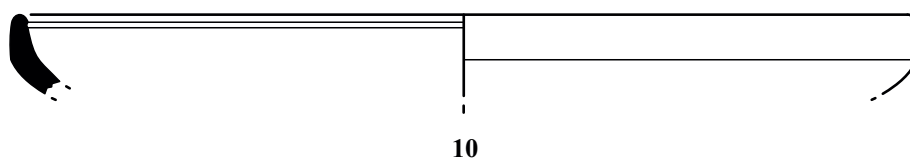
Escala 1/1

ESTAMPA 1 - *Consp.* 3 (nº 1, 2); *Consp.* 4 (nº 3-7).

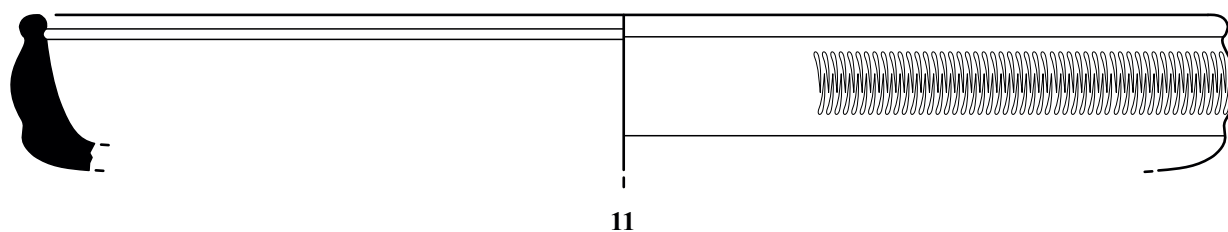
ESTAMPA 2



Escala 1/1



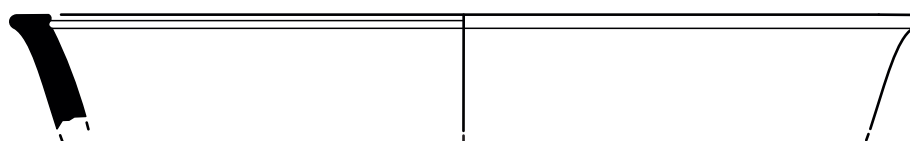
Escala 1/2



?
Ø



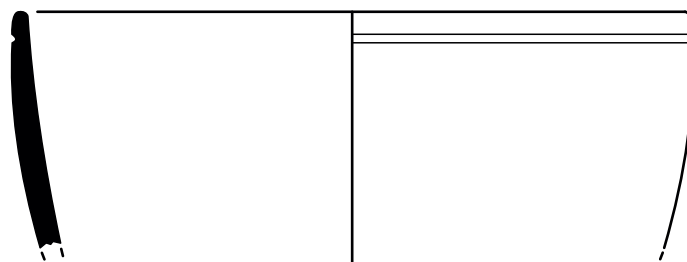
12



Escala 1/1

ESTAMPA 2 - *Consp.* 4 (nº 8, 9); *Consp.* 6 (nº 10, 11); *Consp.* 7 (nº12); *Consp.* 8 (nº 13).

ESTAMPA 3



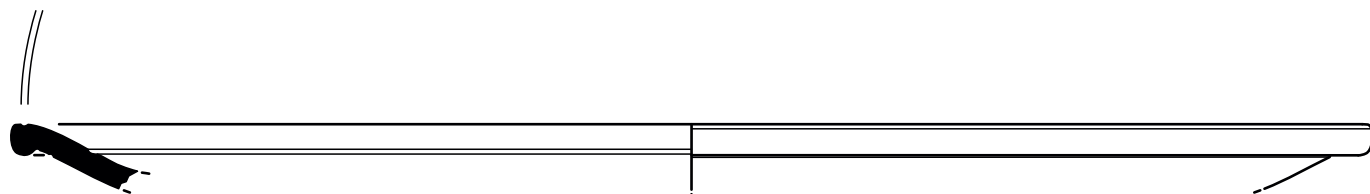
14



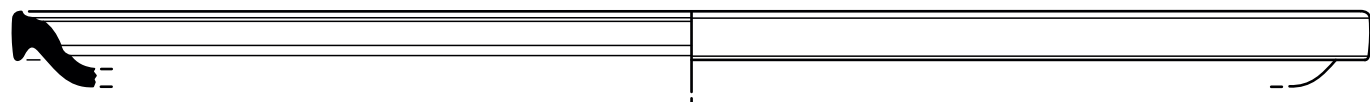
Escala 1/1



15



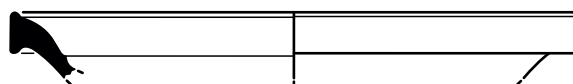
16



17



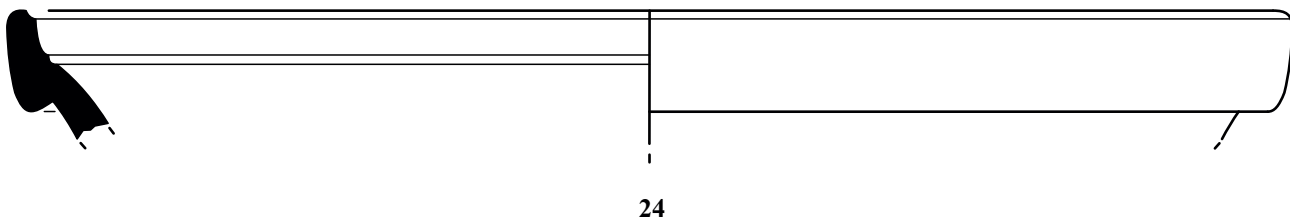
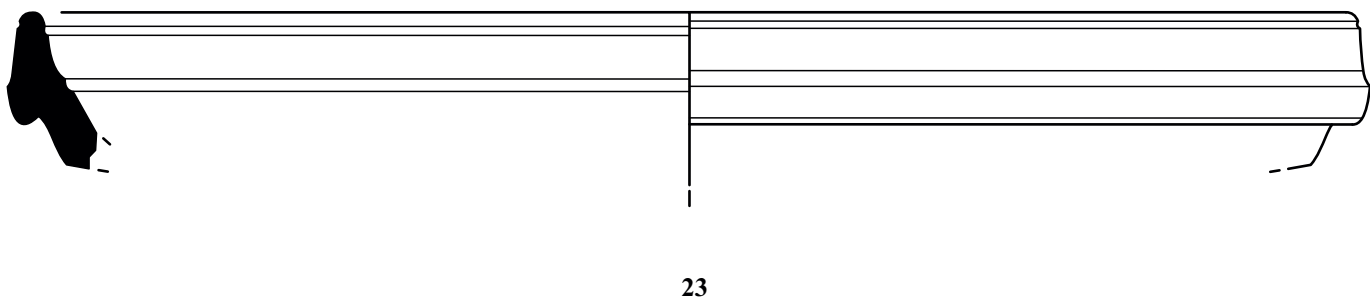
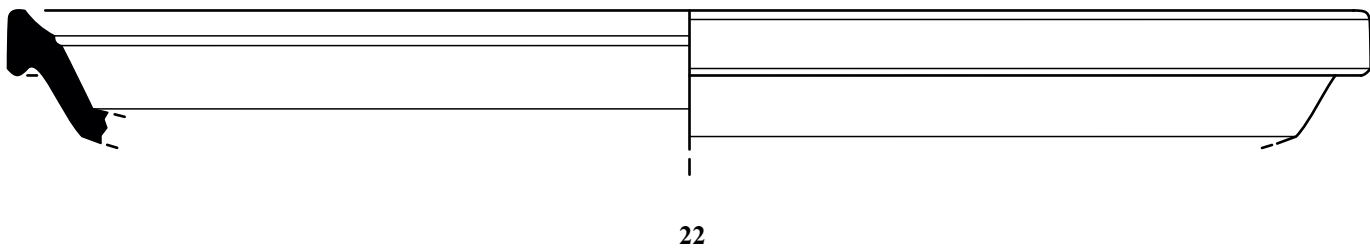
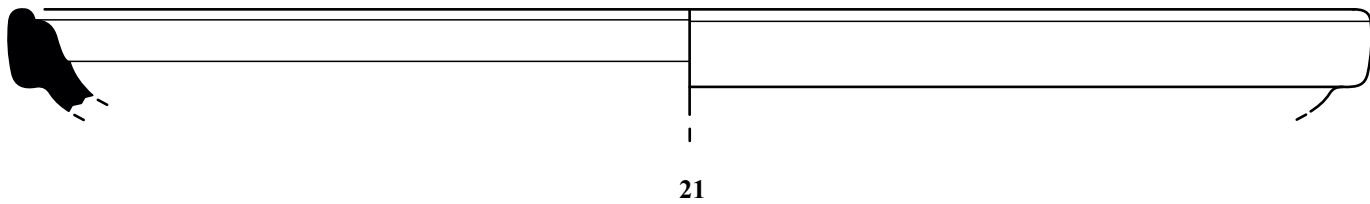
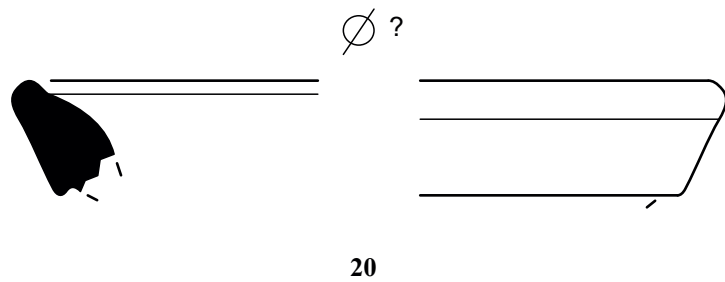
18



19



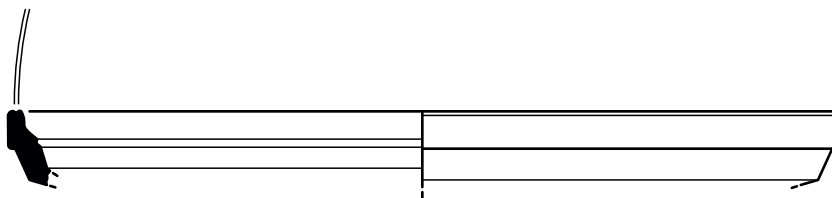
Escala 1/2



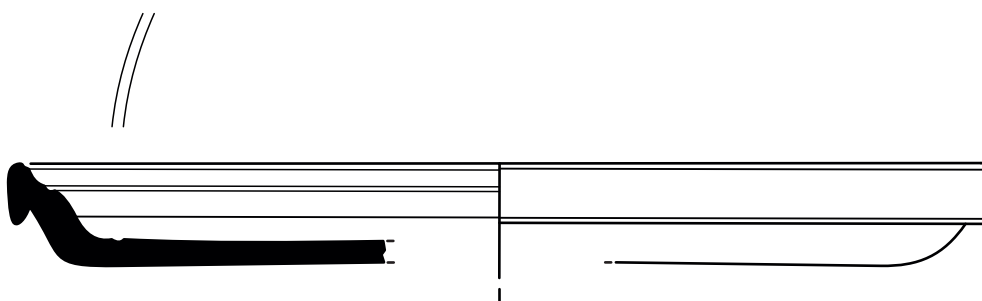
ESTAMPA 5



25



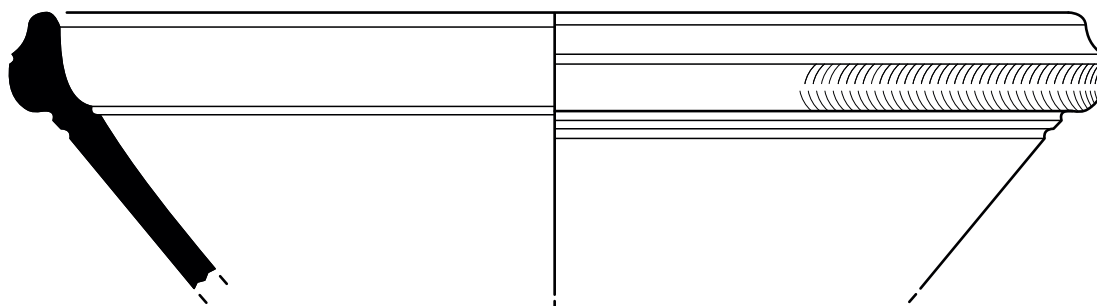
26



27



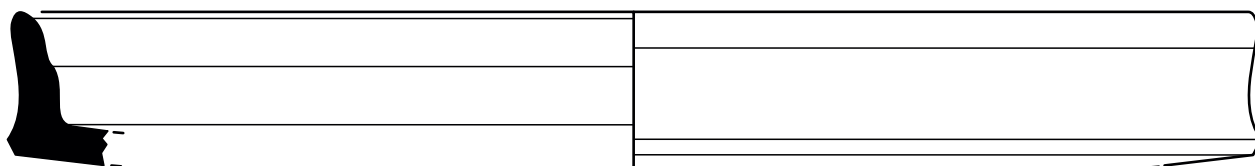
Escala 1/2



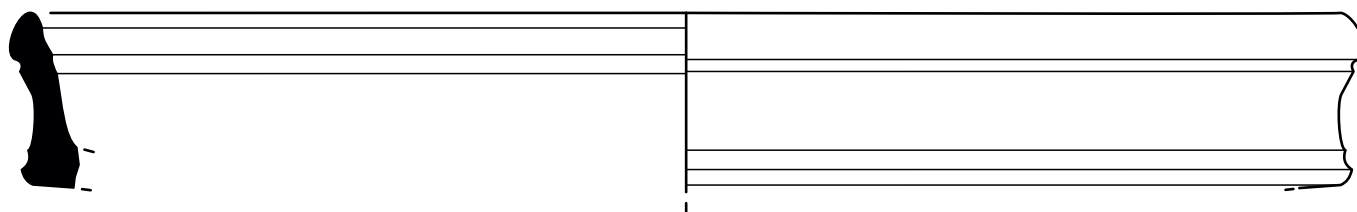
28



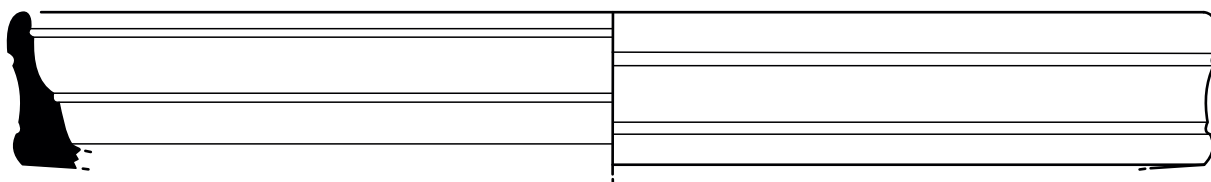
Escala 1/1



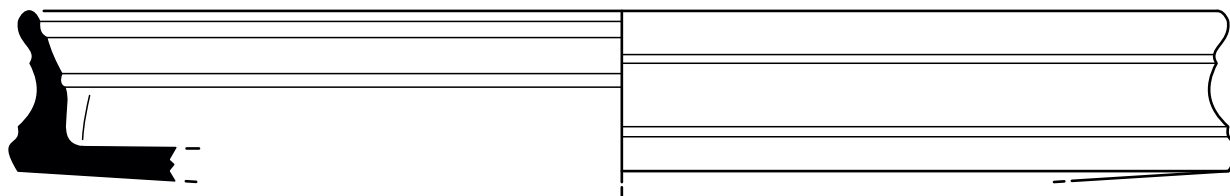
29



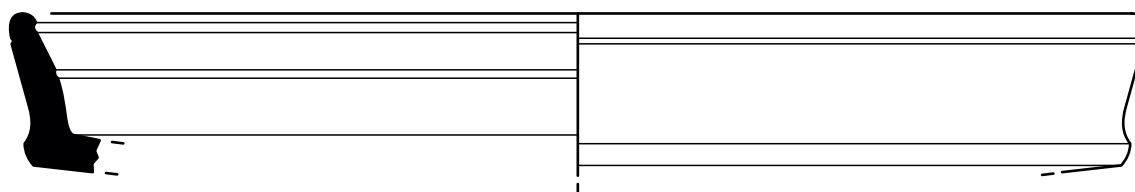
30



31

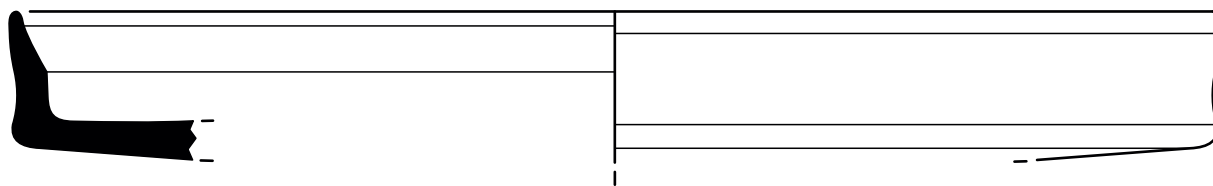


32

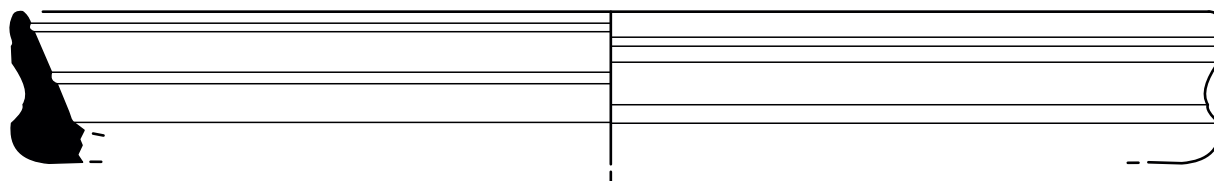


33

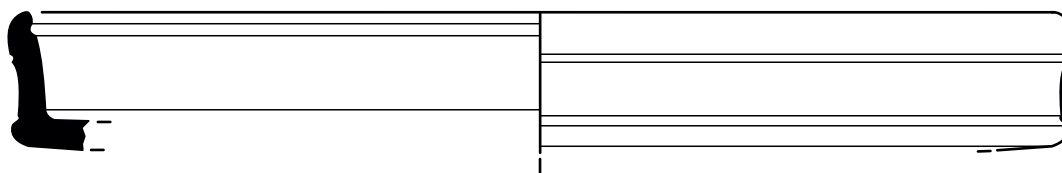




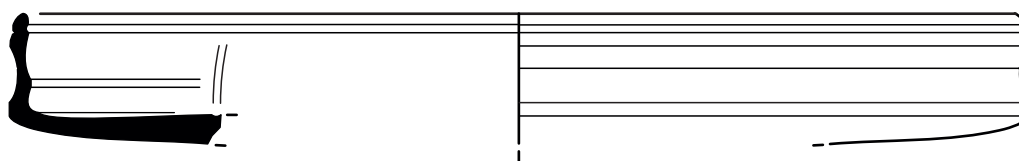
34



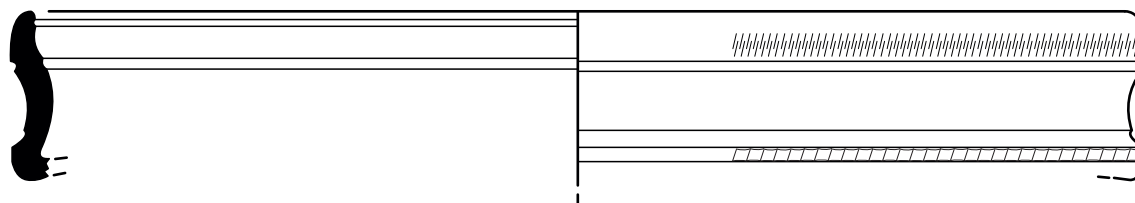
35



36



37

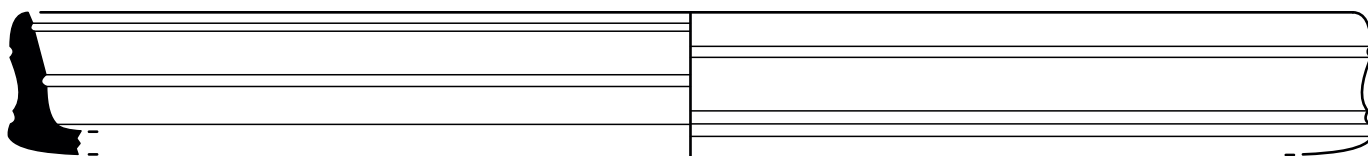


38

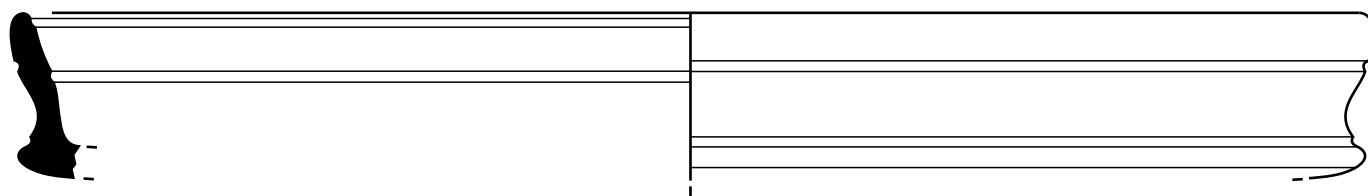




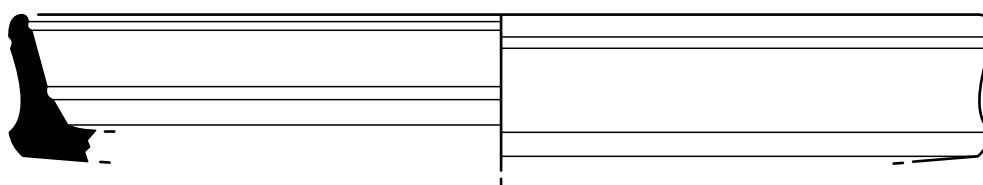
39



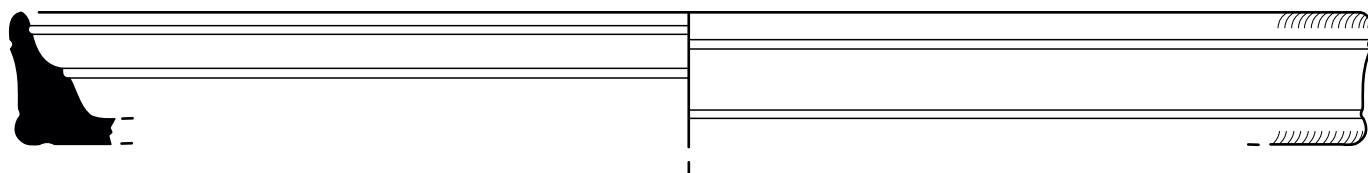
40



41

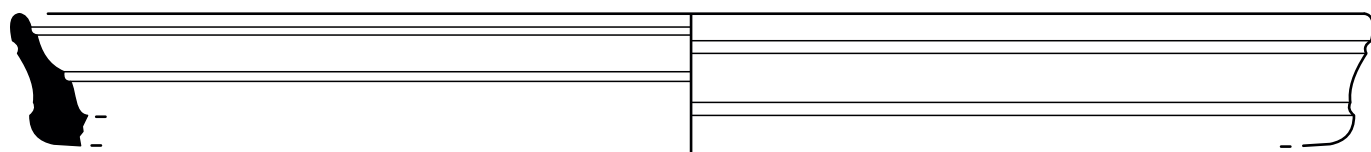


42



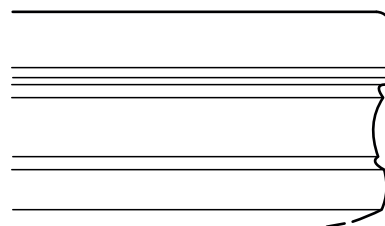
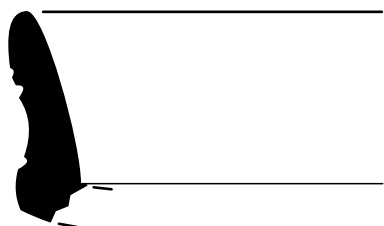
43





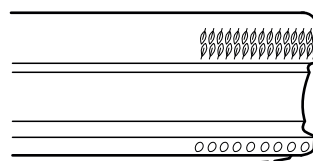
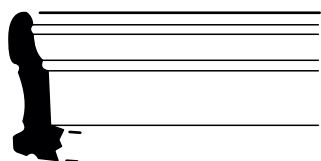
44

?



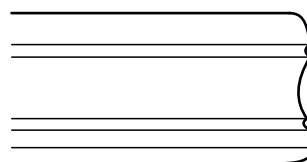
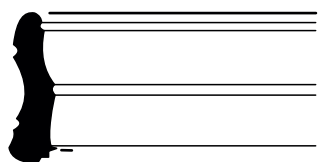
45

?



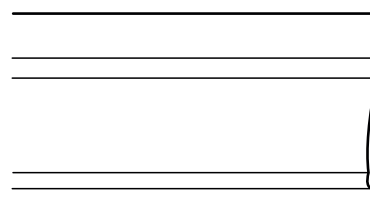
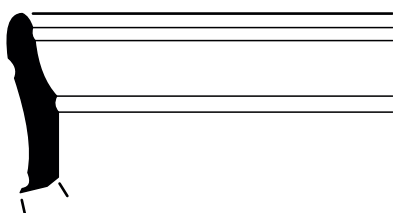
46

?



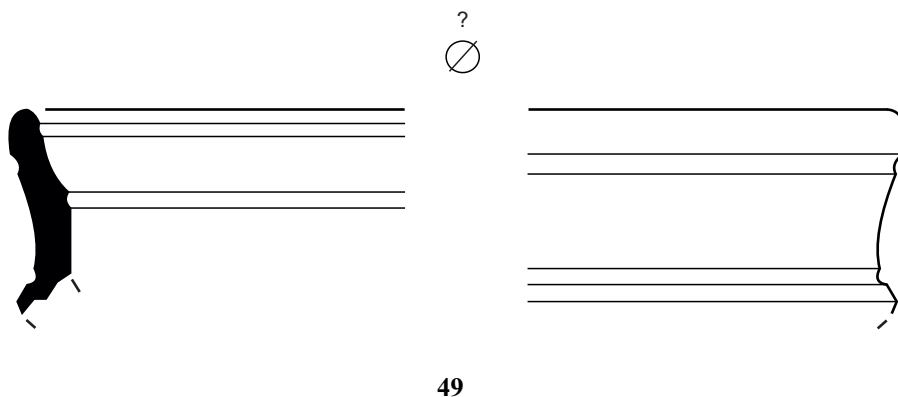
47

?



48





Escala 1/1



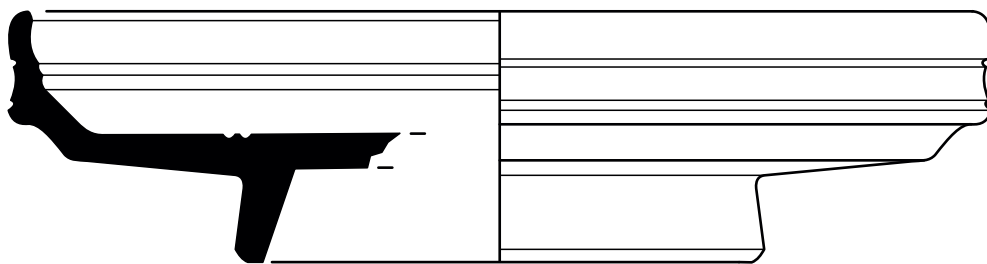
50



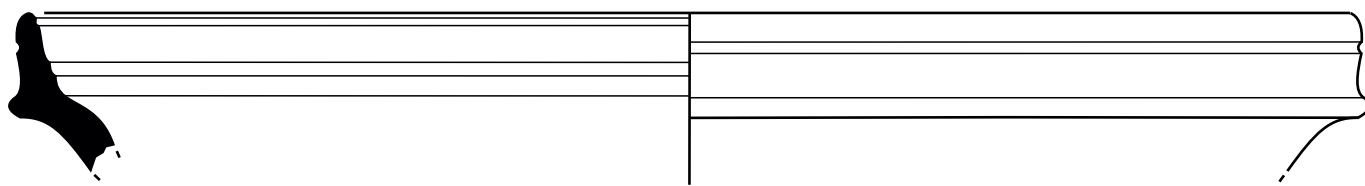
51



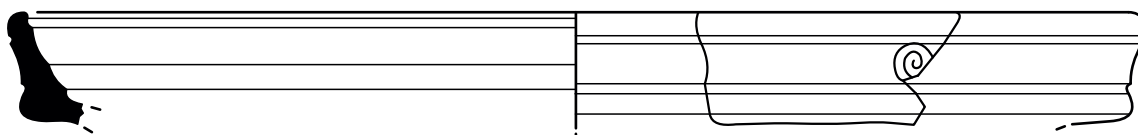
Escala 1/2



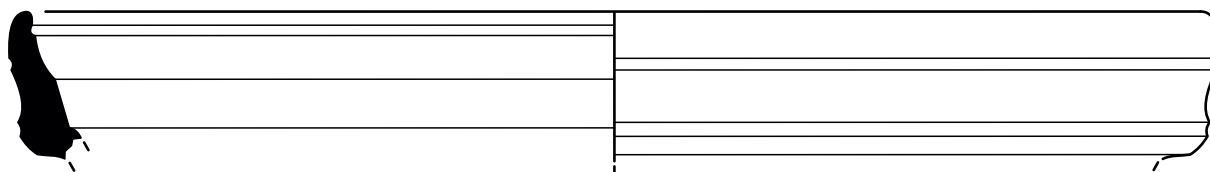
52



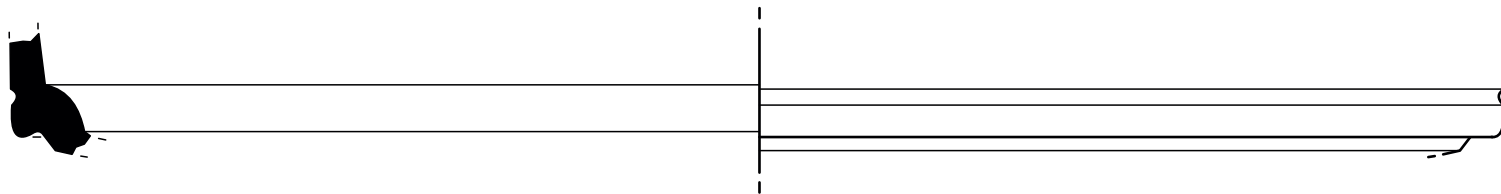
53



54

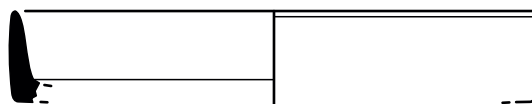


55

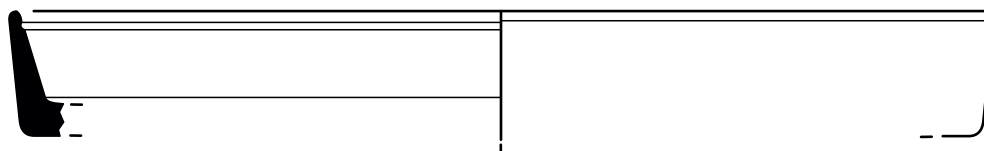


56

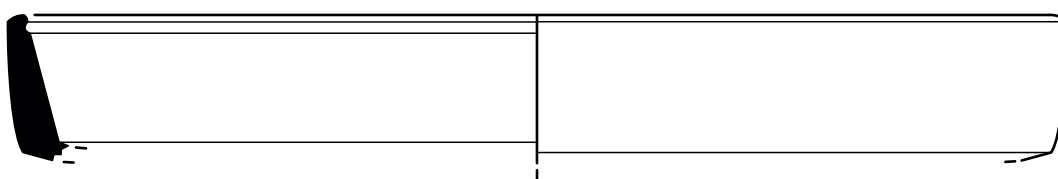




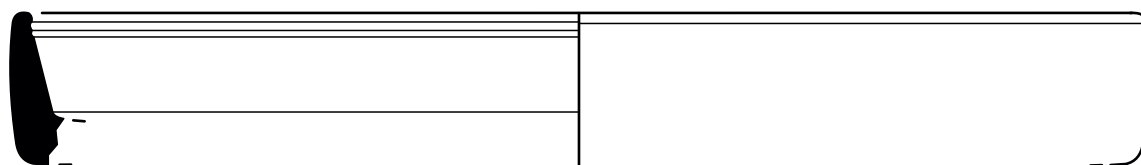
57



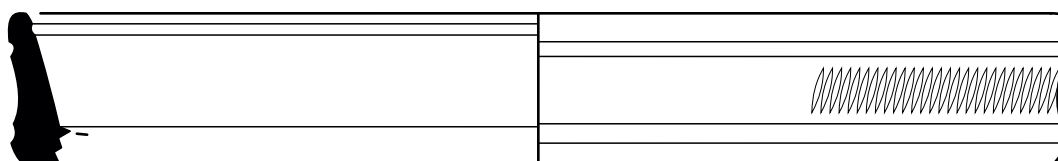
58



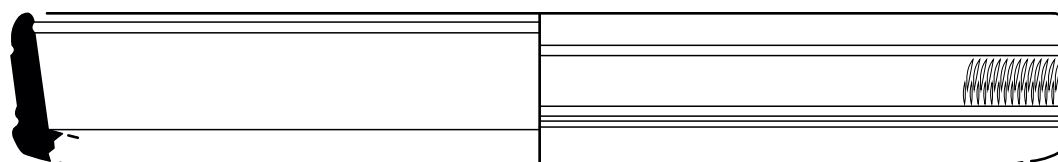
59



60

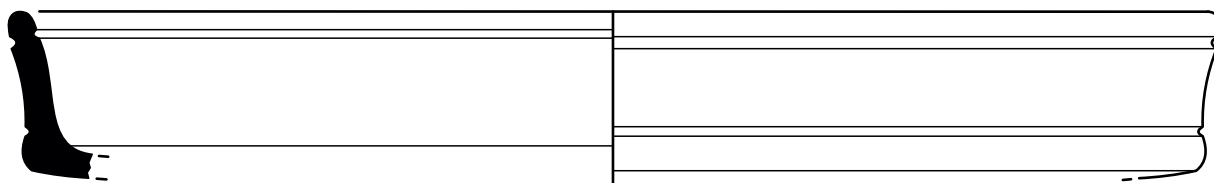


61

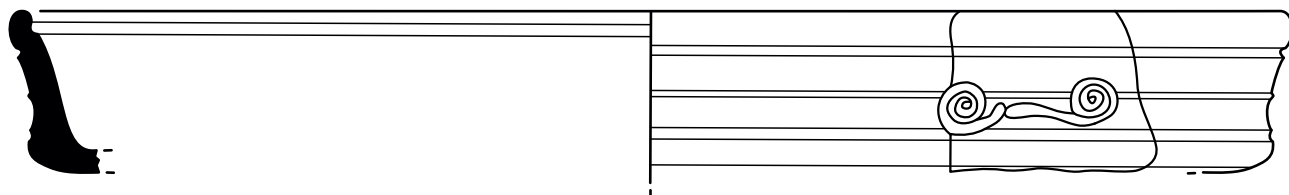


62





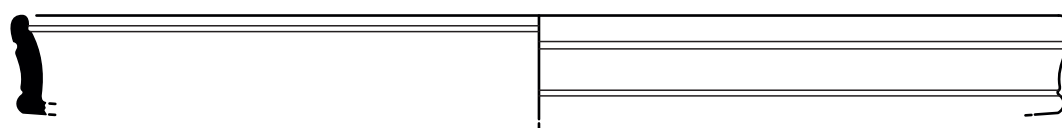
63



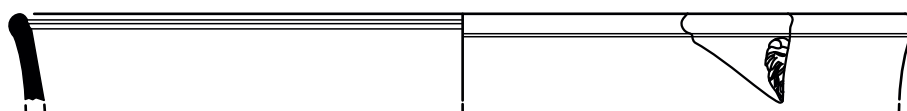
64



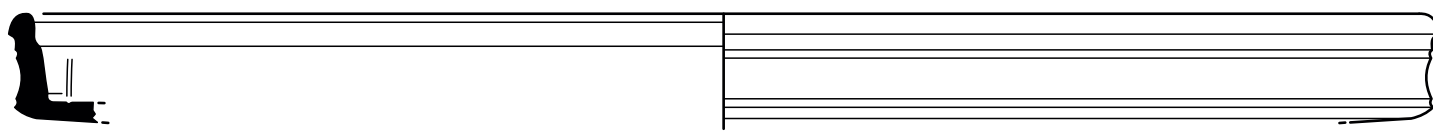
Escala 1/1



65

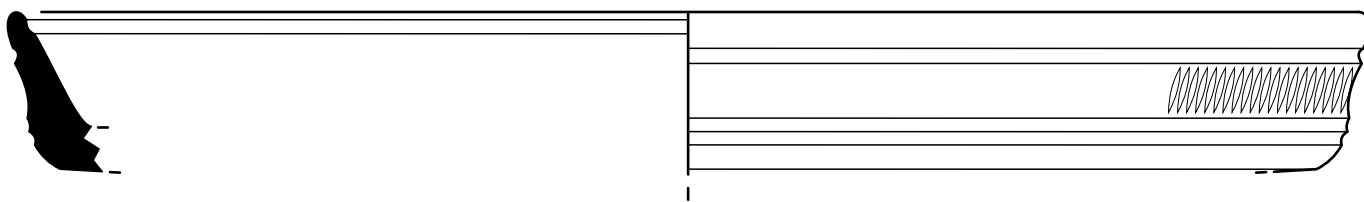


66

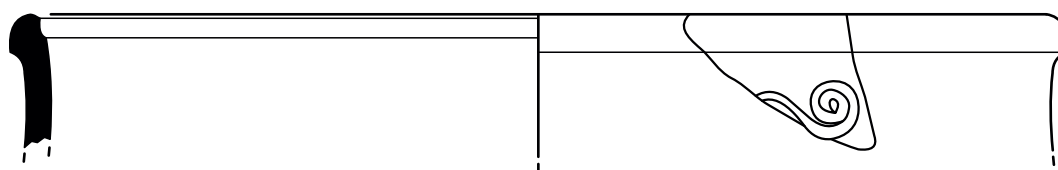


67

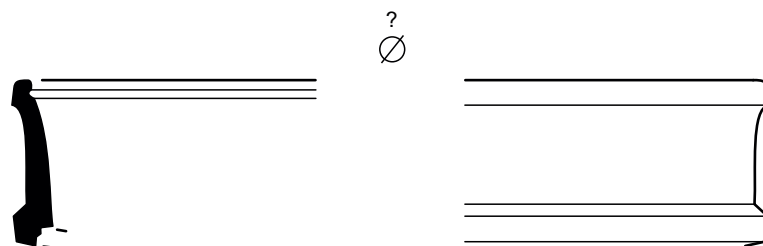




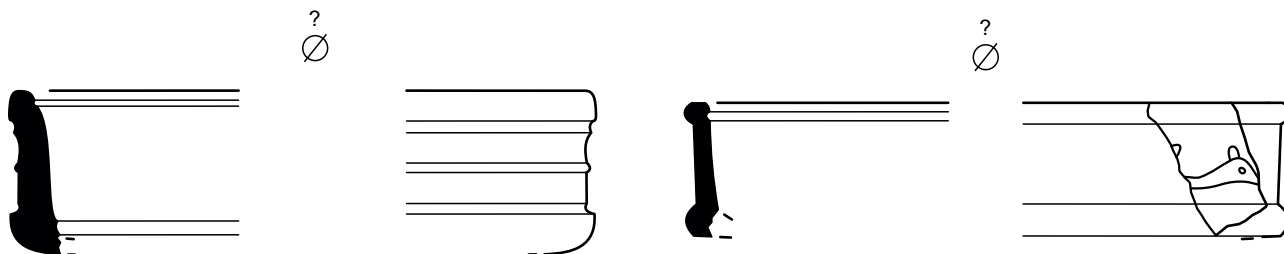
68



69



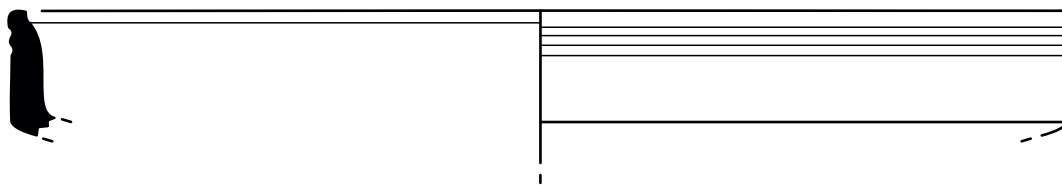
70



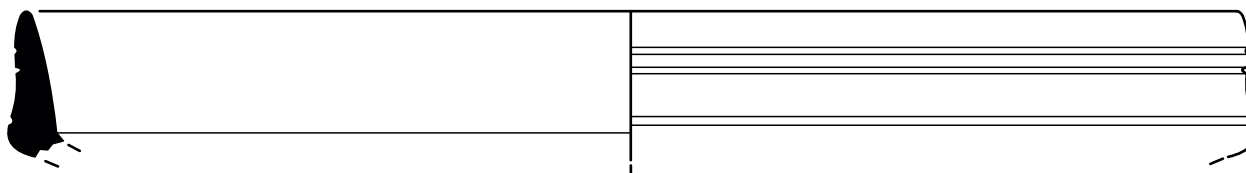
71

72

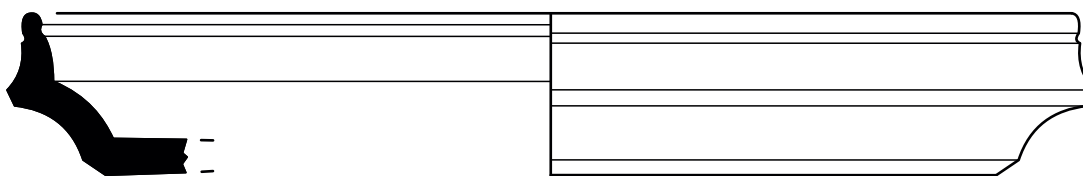




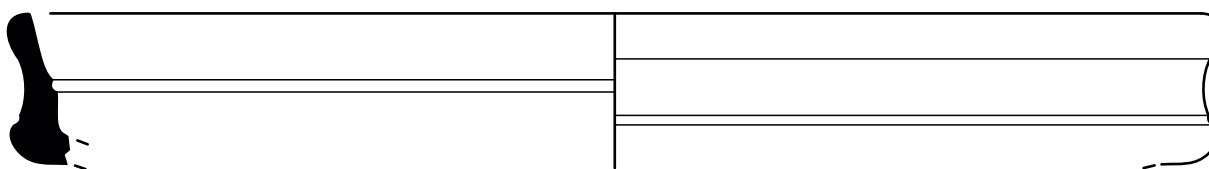
73



74

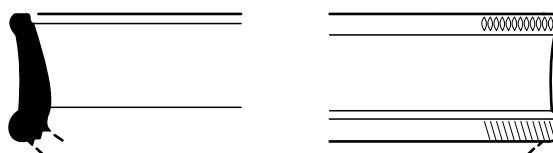


75



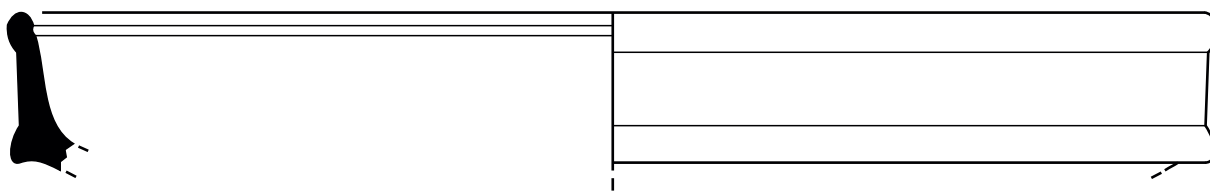
76

?

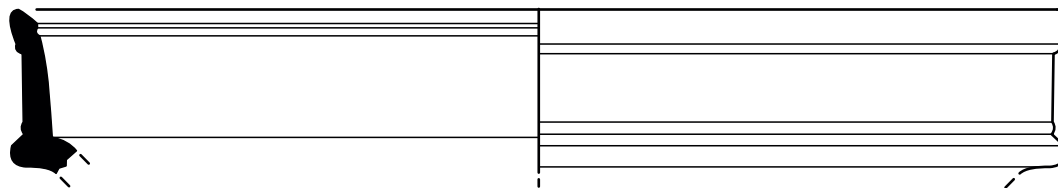


77

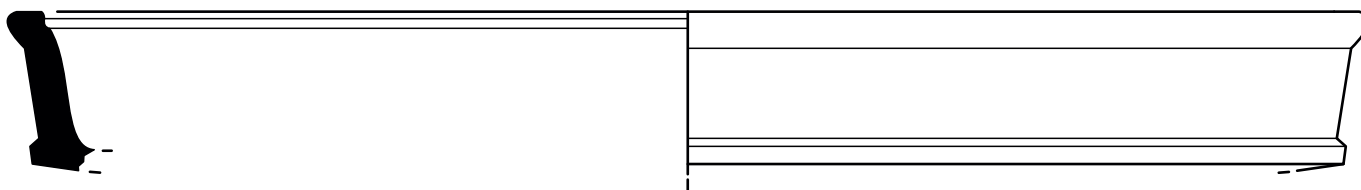




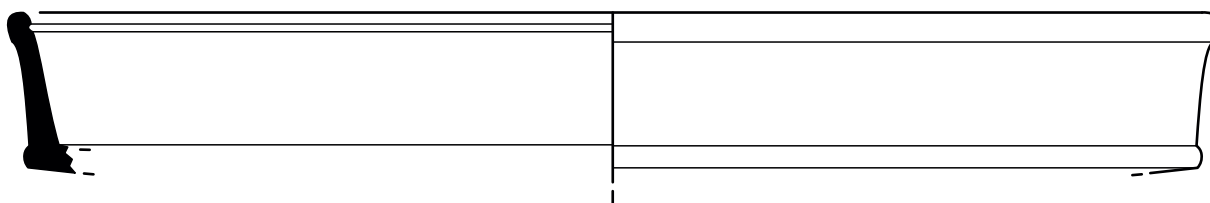
78



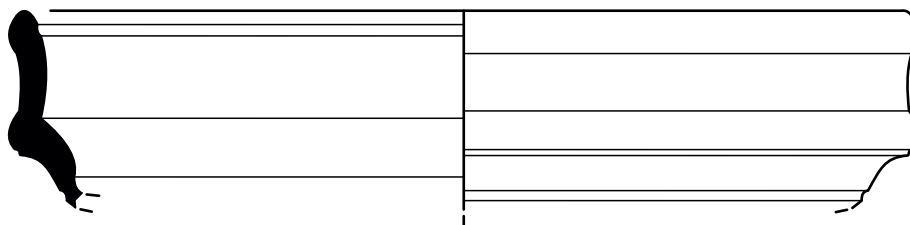
79



80

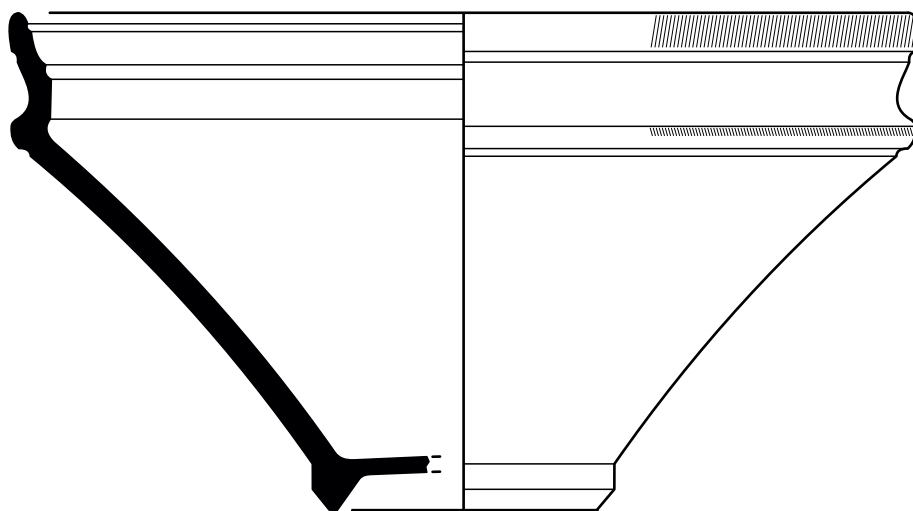


81

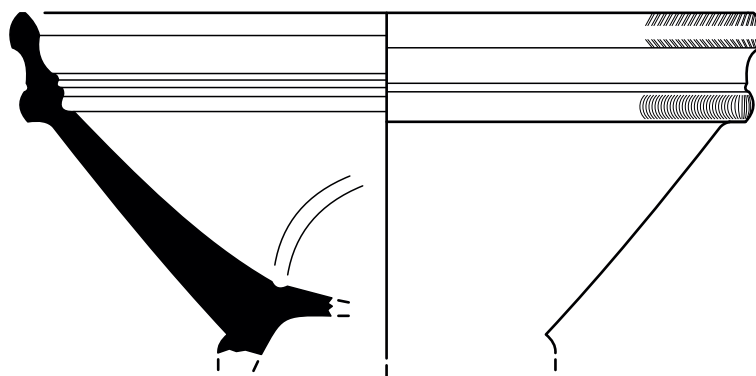


82

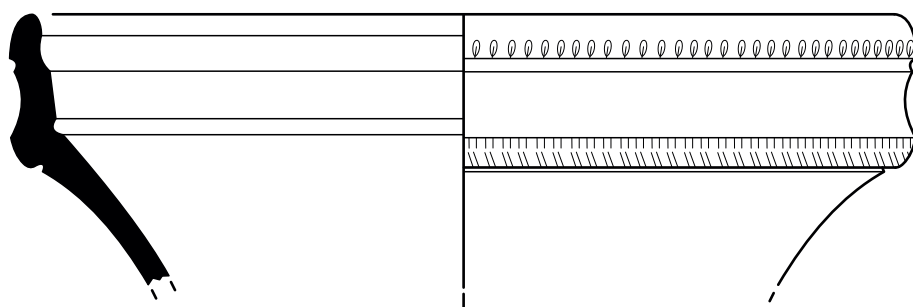




83

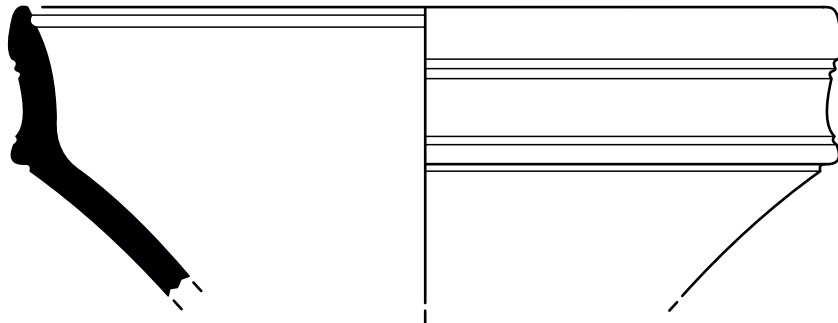


84

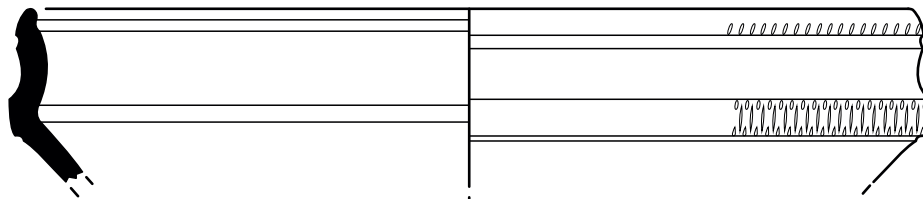


85

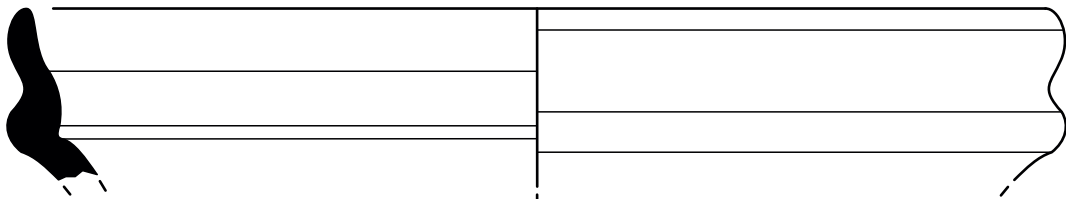




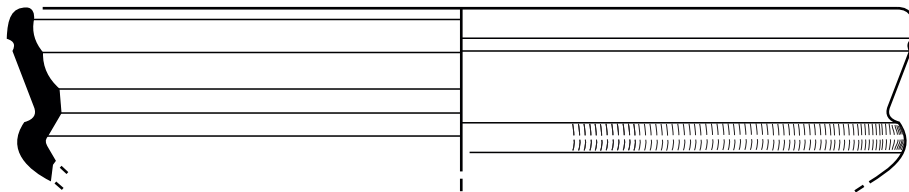
86



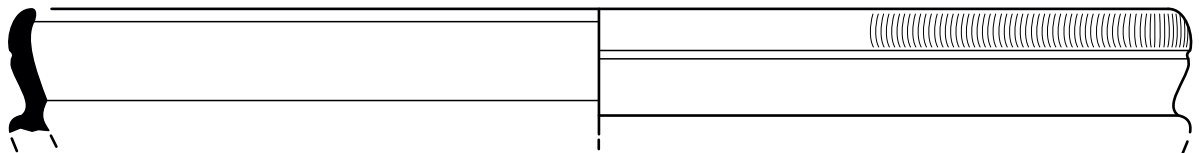
87



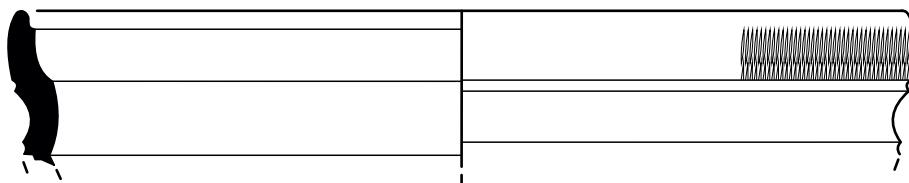
88



89

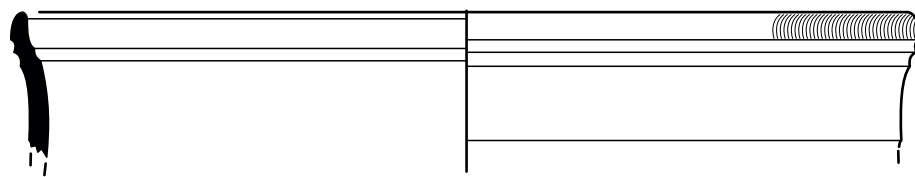


90

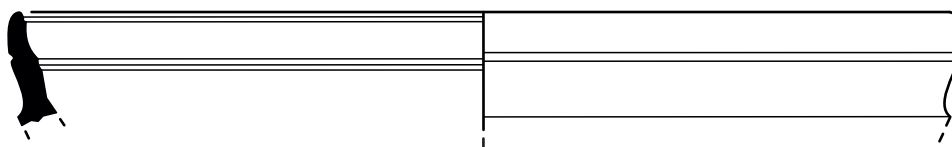


91

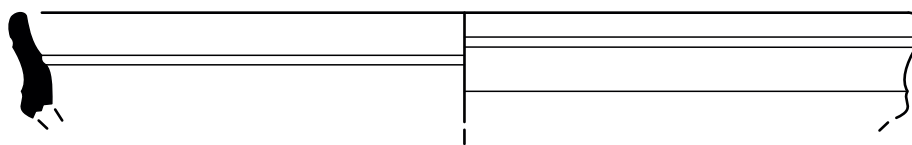




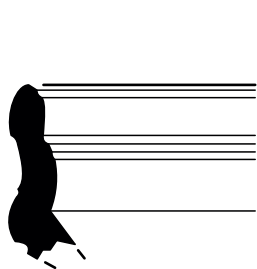
92



93

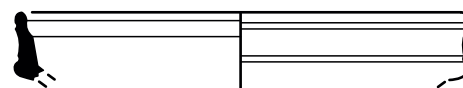
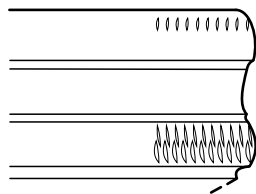


94

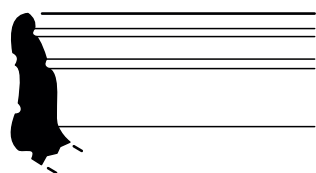


?

95



96



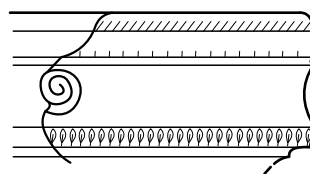
?

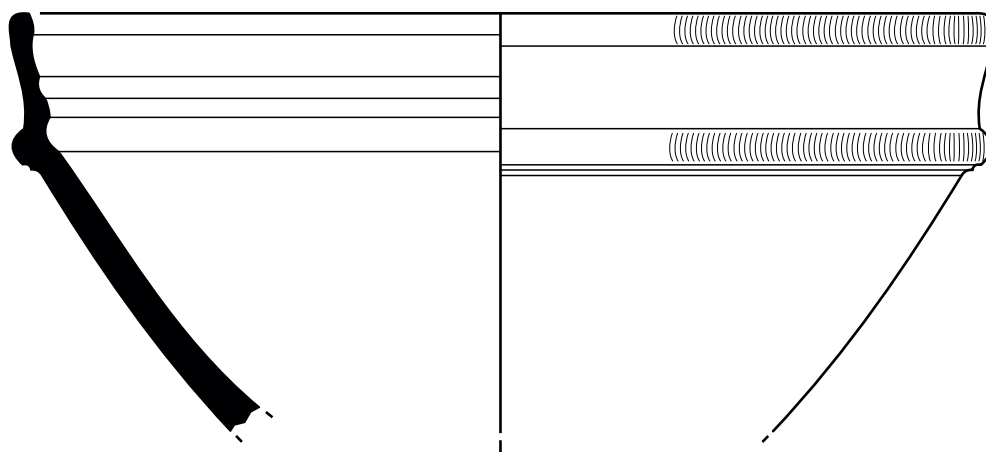
97



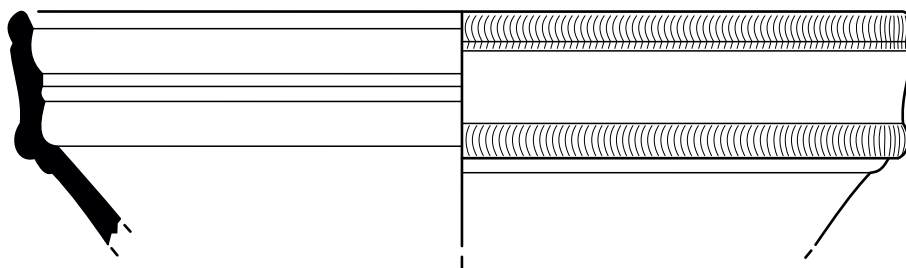
?

98

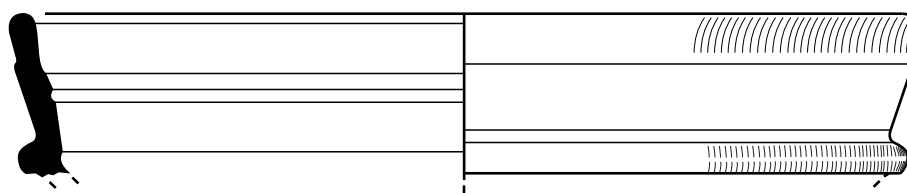




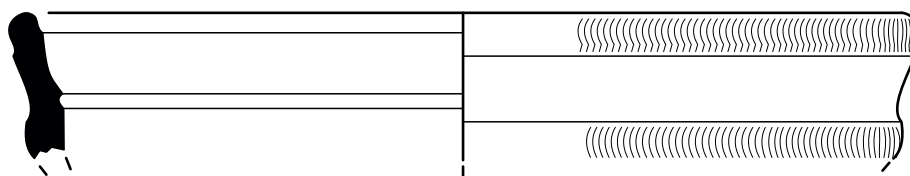
99



100

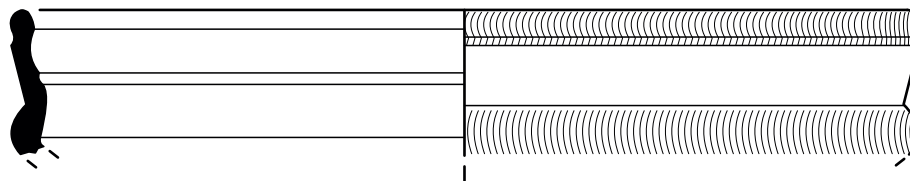


101

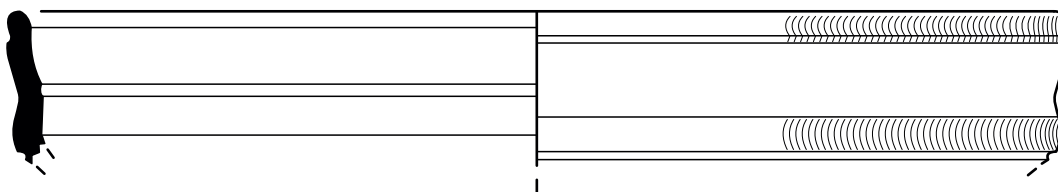


102

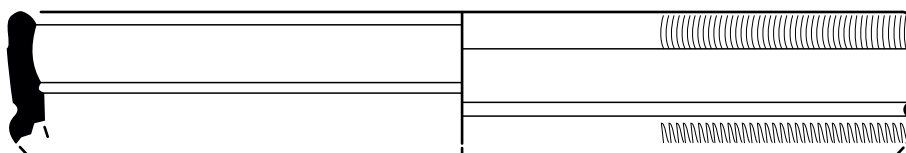




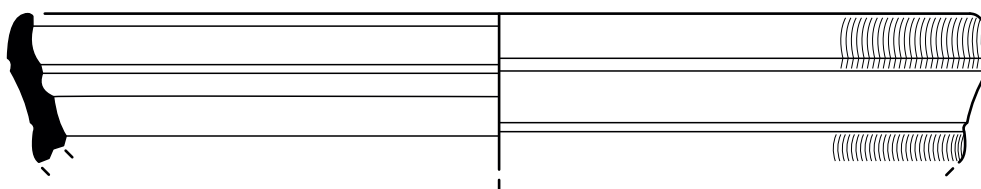
103



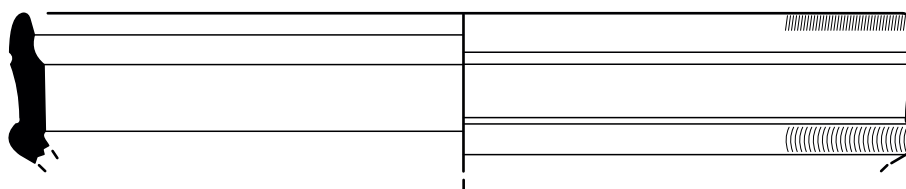
104



105



106

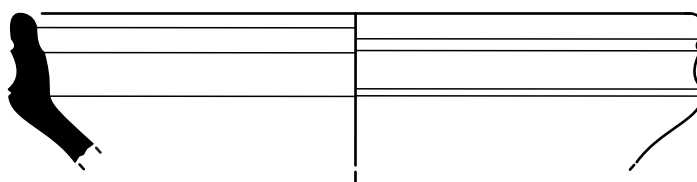


107

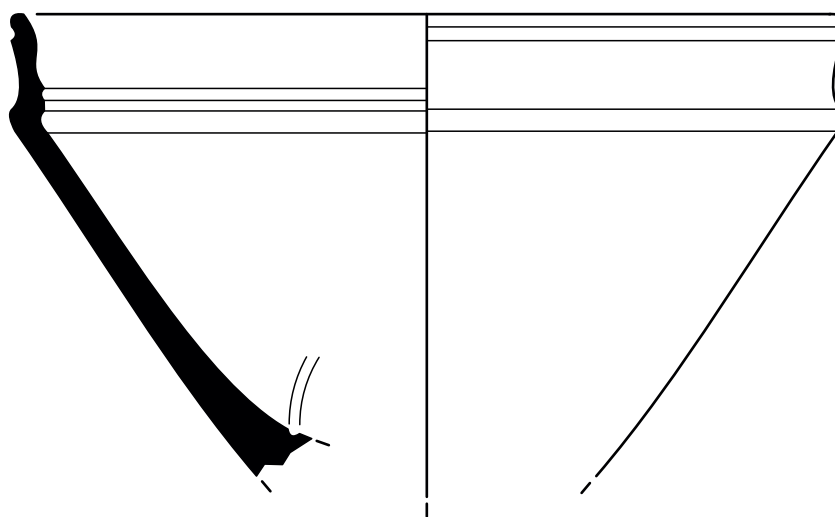




108



109

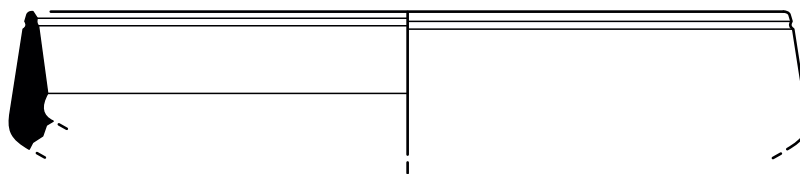


110

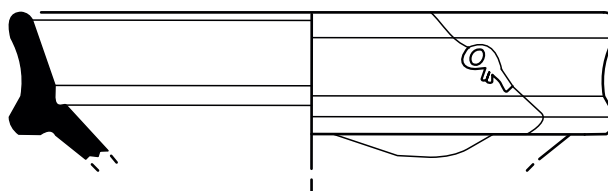




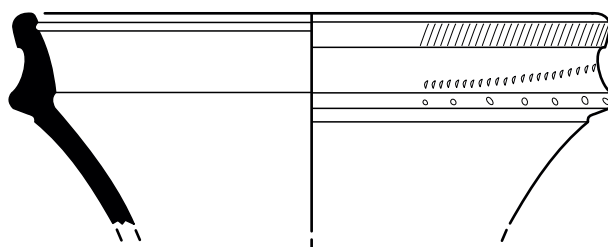
111



112

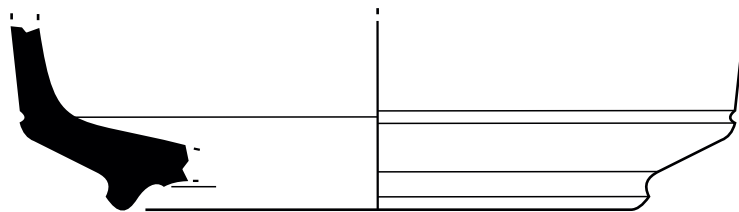


113

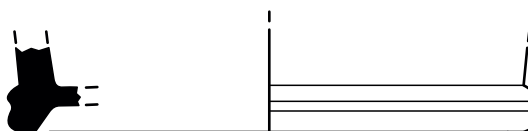


114

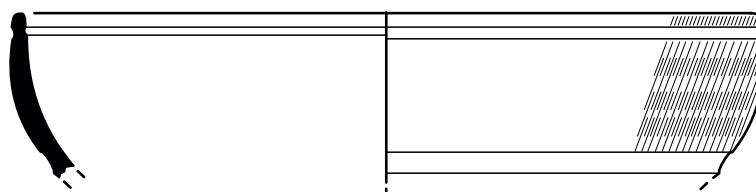




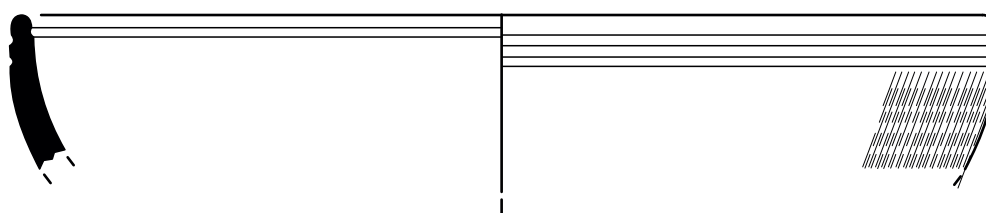
115



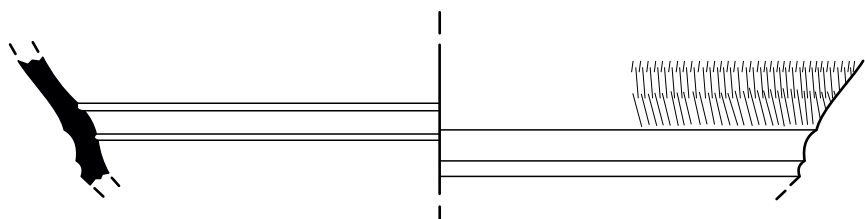
116



117

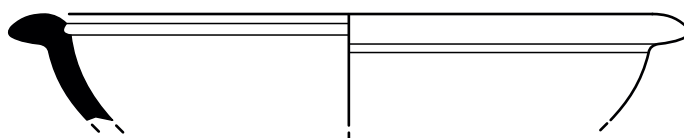


118

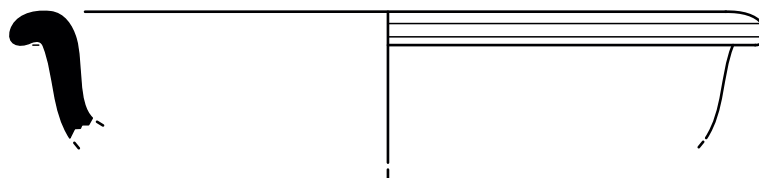


119

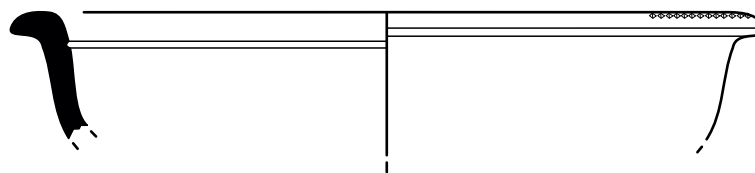




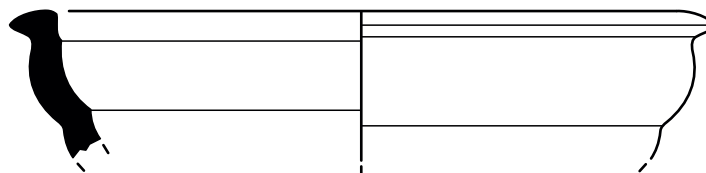
120



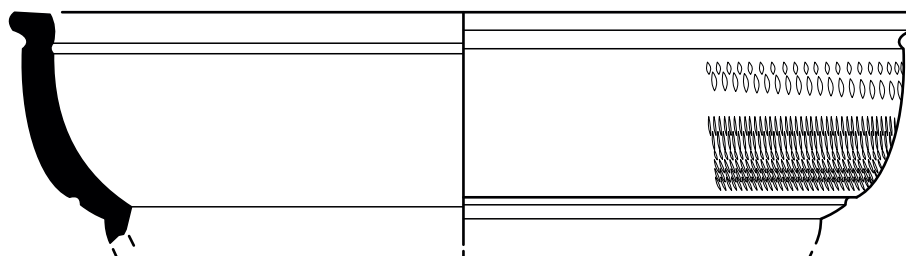
121



122

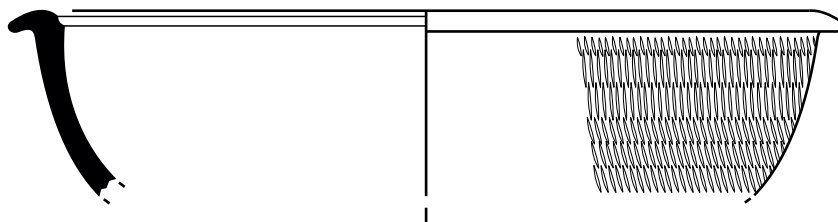


123

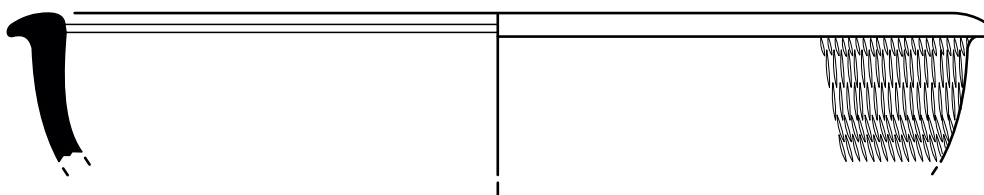


124

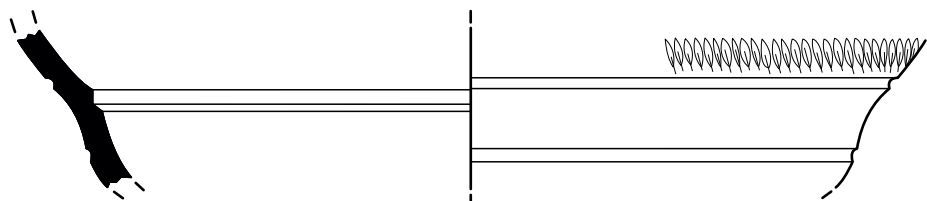




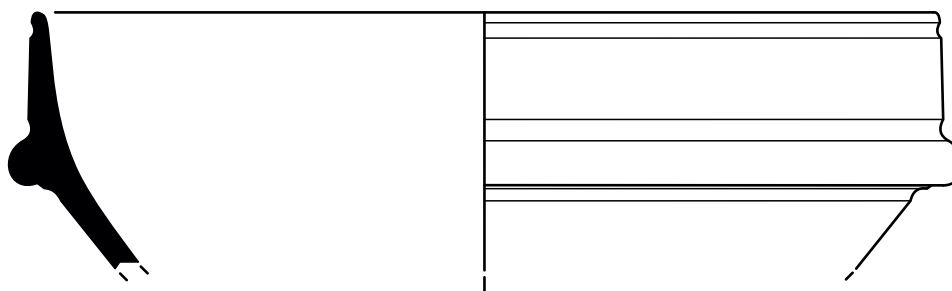
125



126

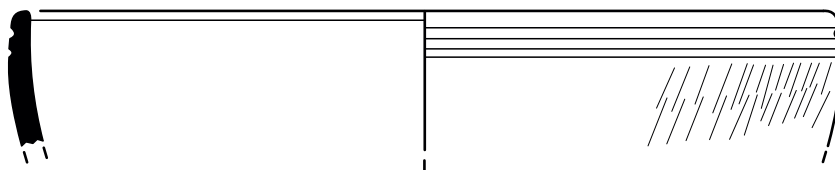


127

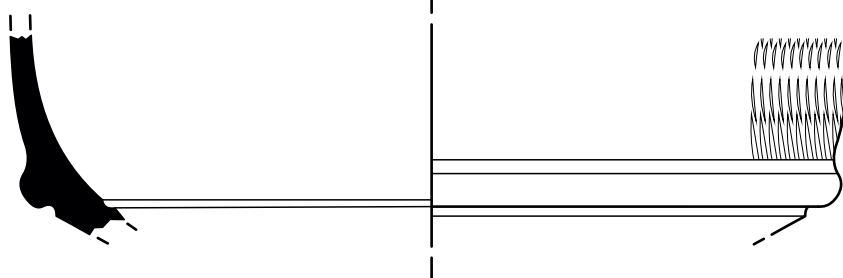


128

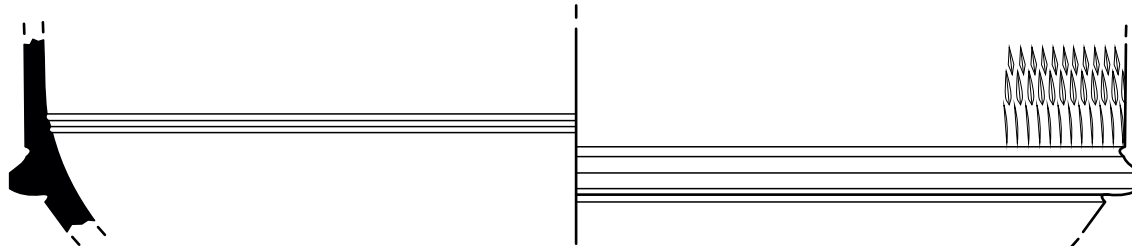




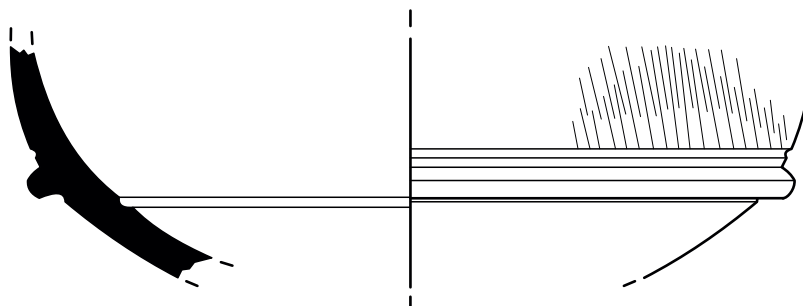
129



130

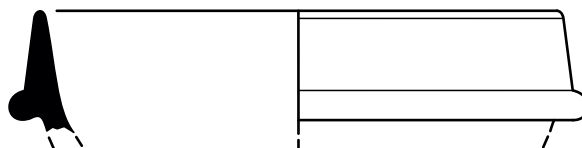


131

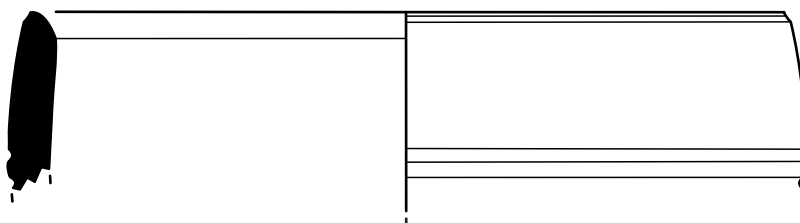


132

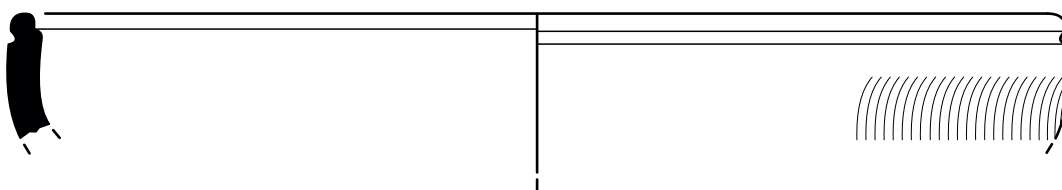




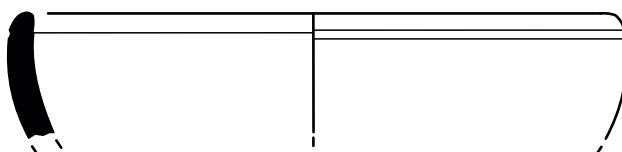
133



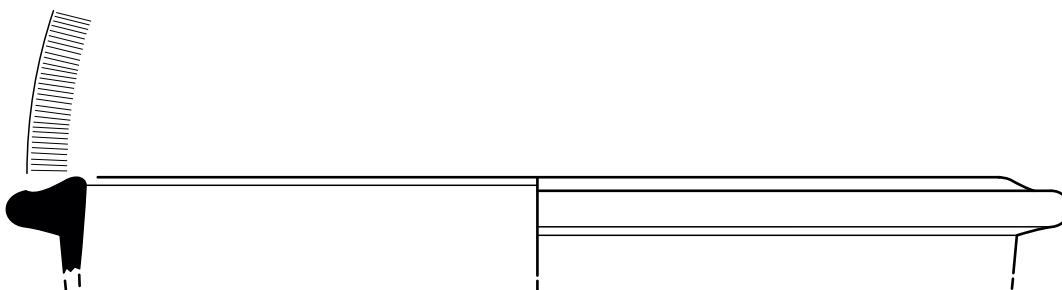
134



135

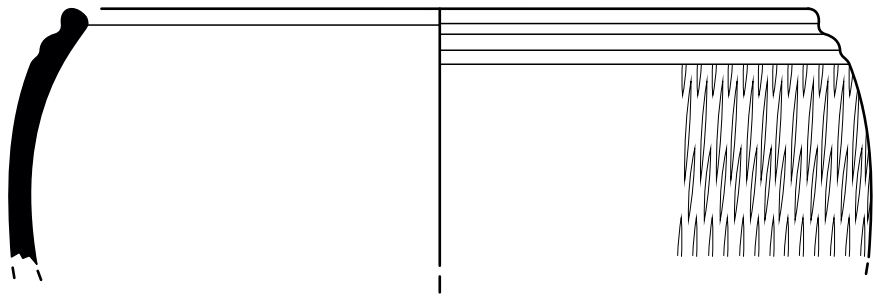


136

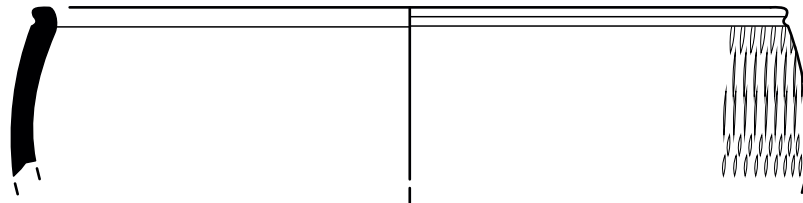


137

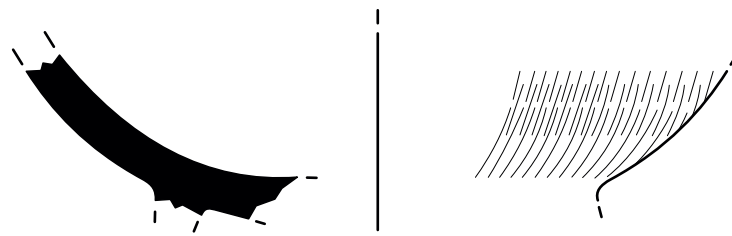




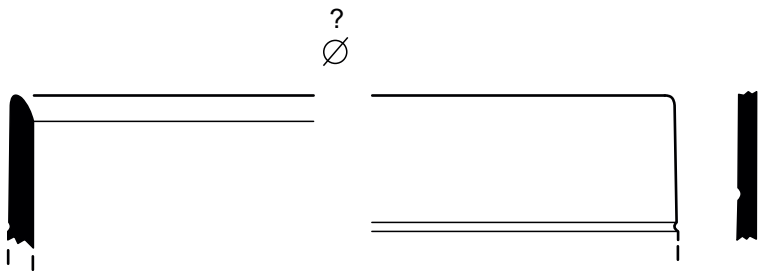
138



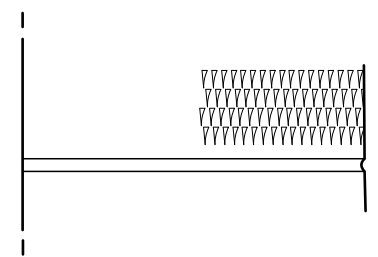
139



140



141

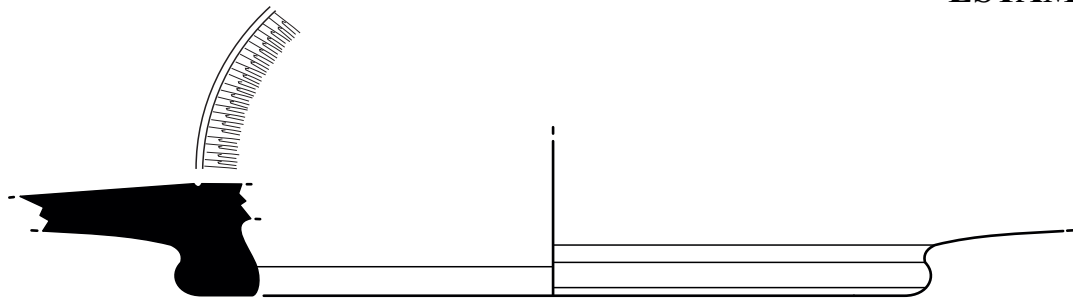


142



143

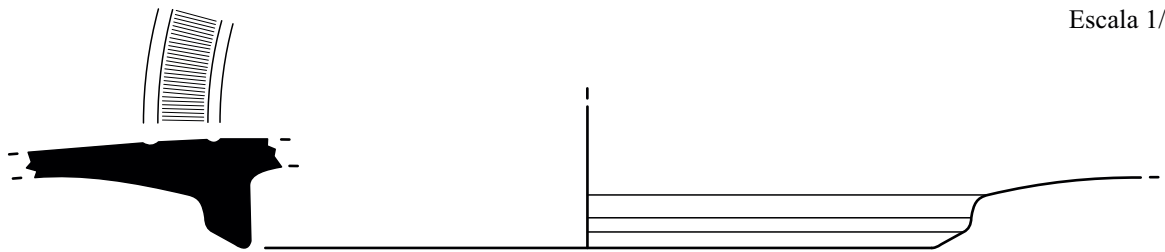




144

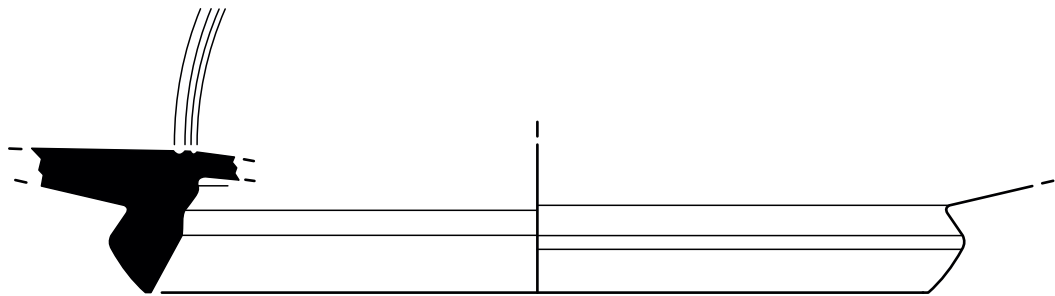


145

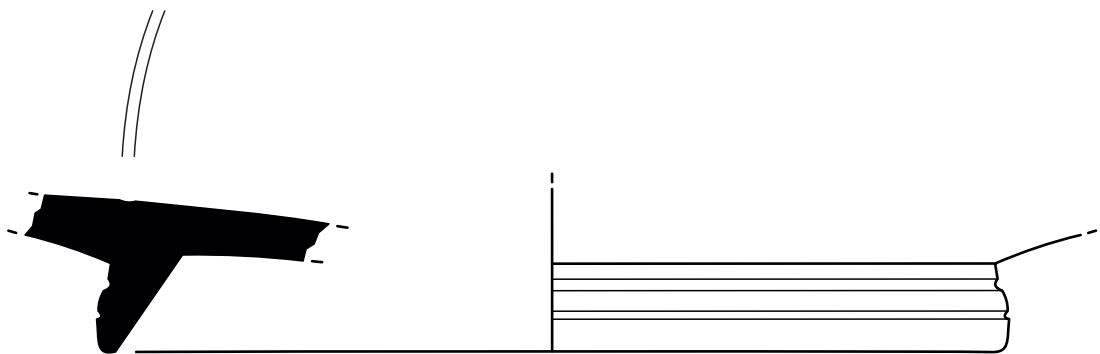


Escala 1/2

146

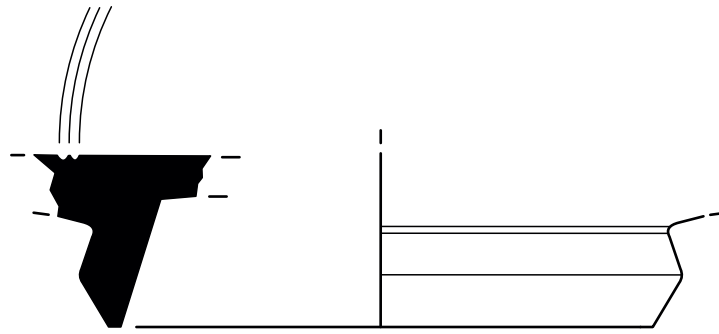


147

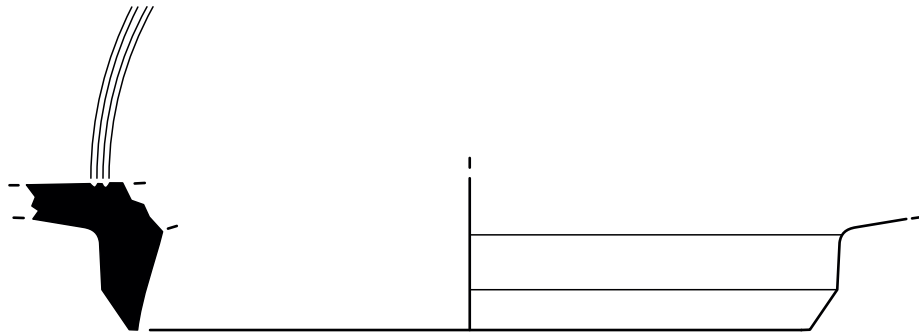


148

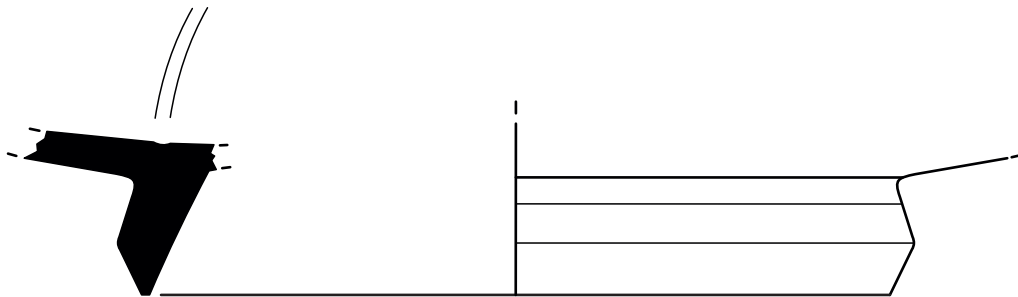




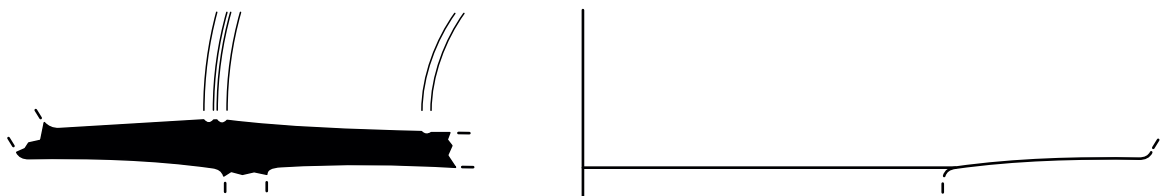
149



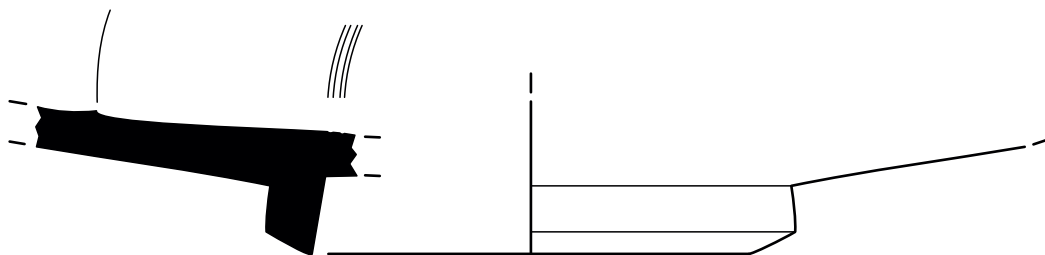
150



151

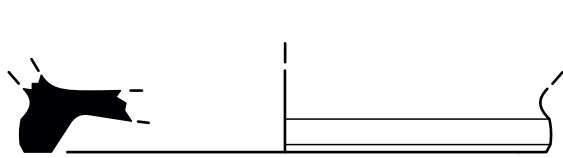


152

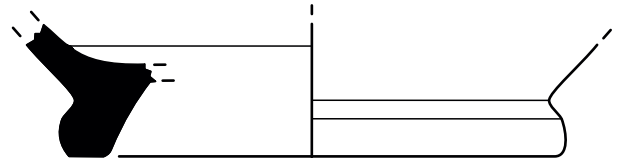


153

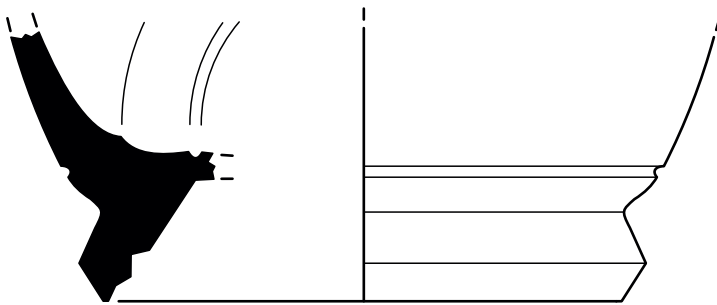




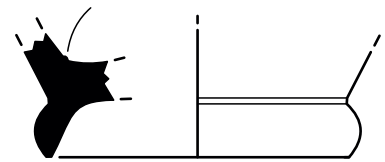
154



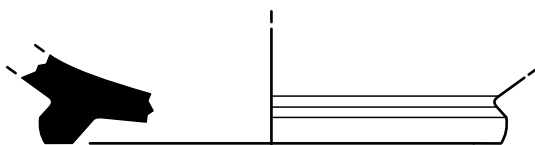
155



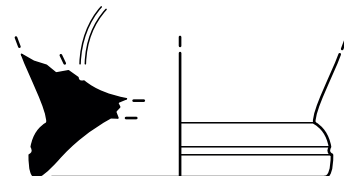
156



157

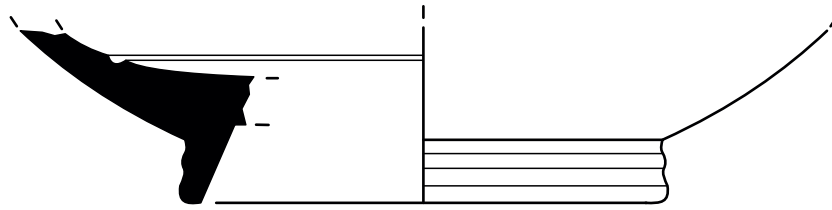


158

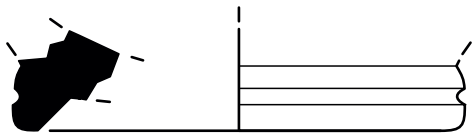


159

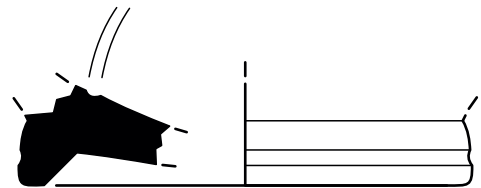




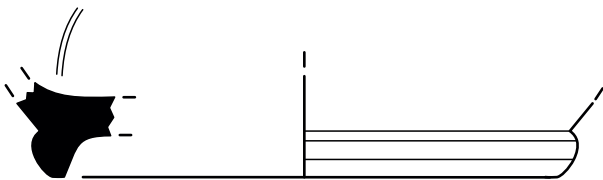
160



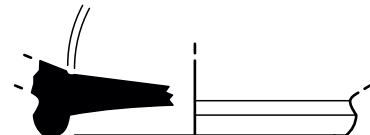
161



162



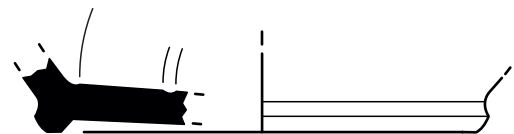
163



164



165

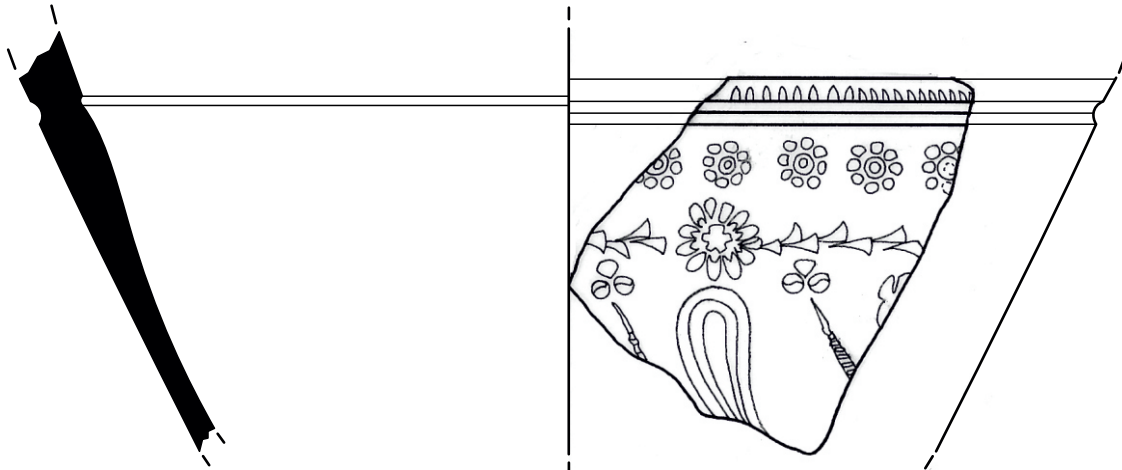


166

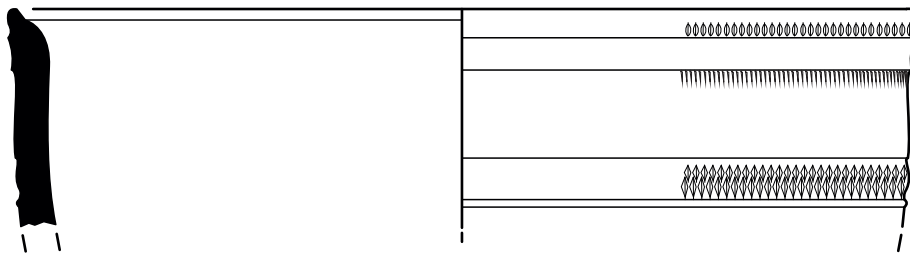




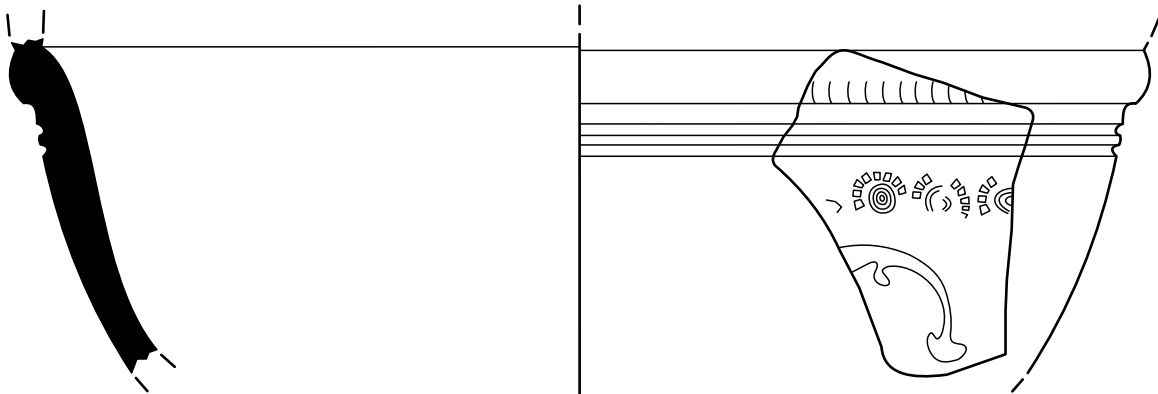
167



168



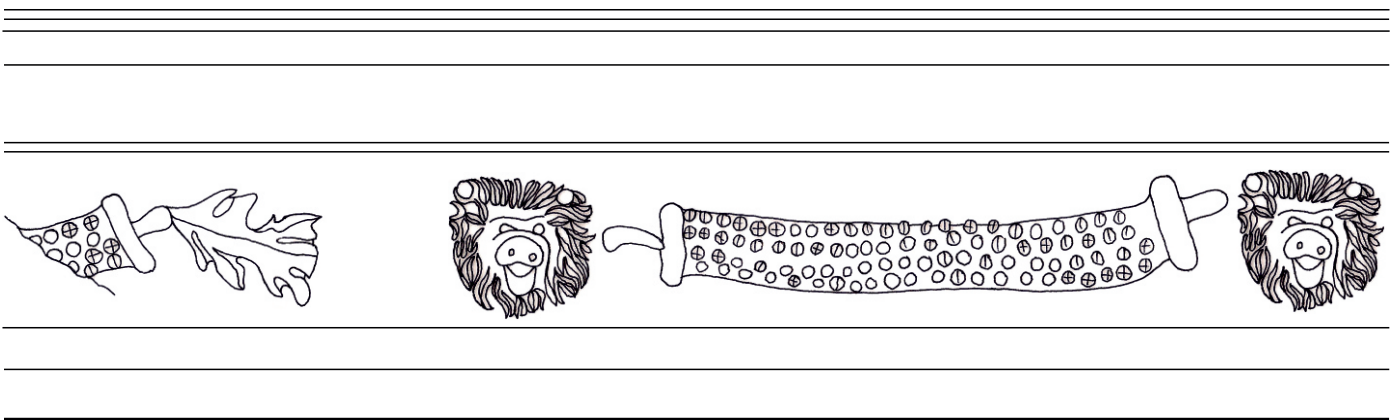
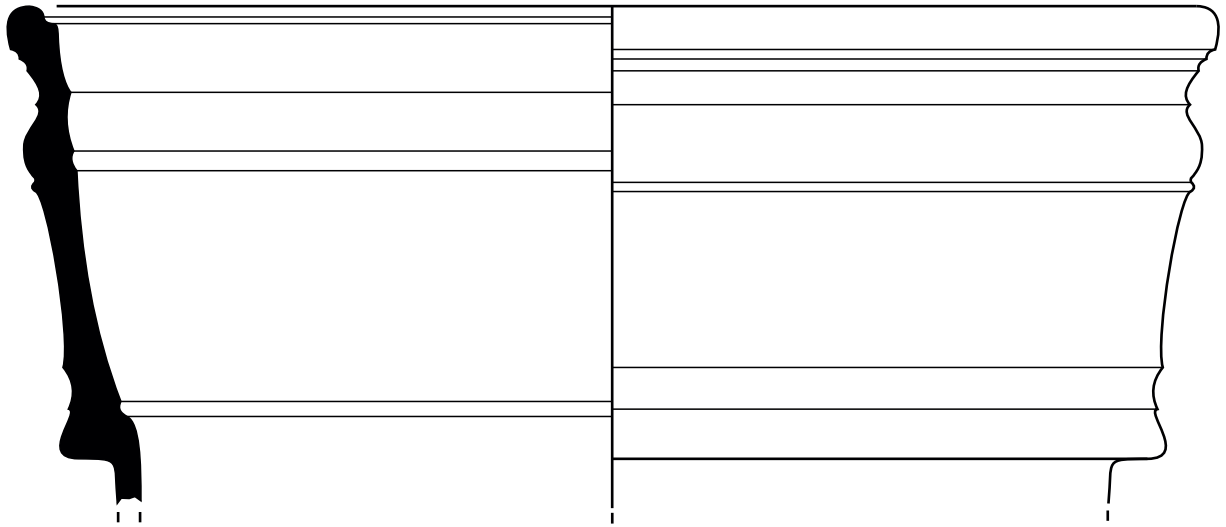
169



170



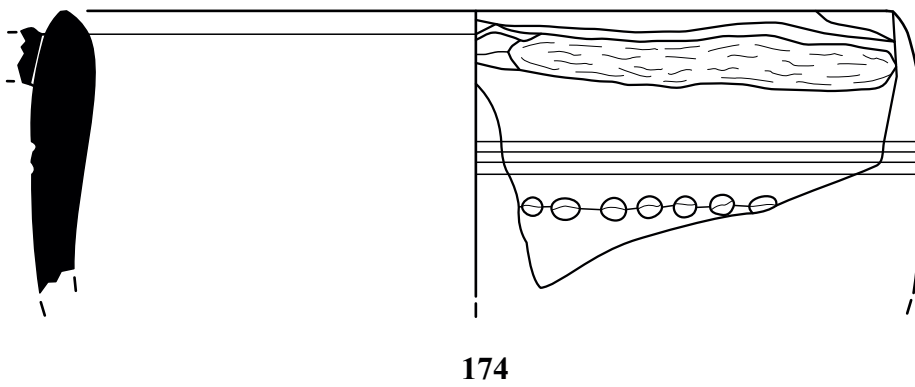
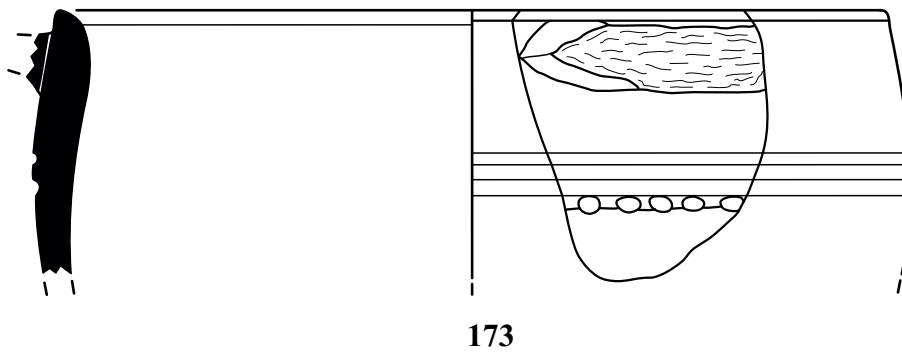
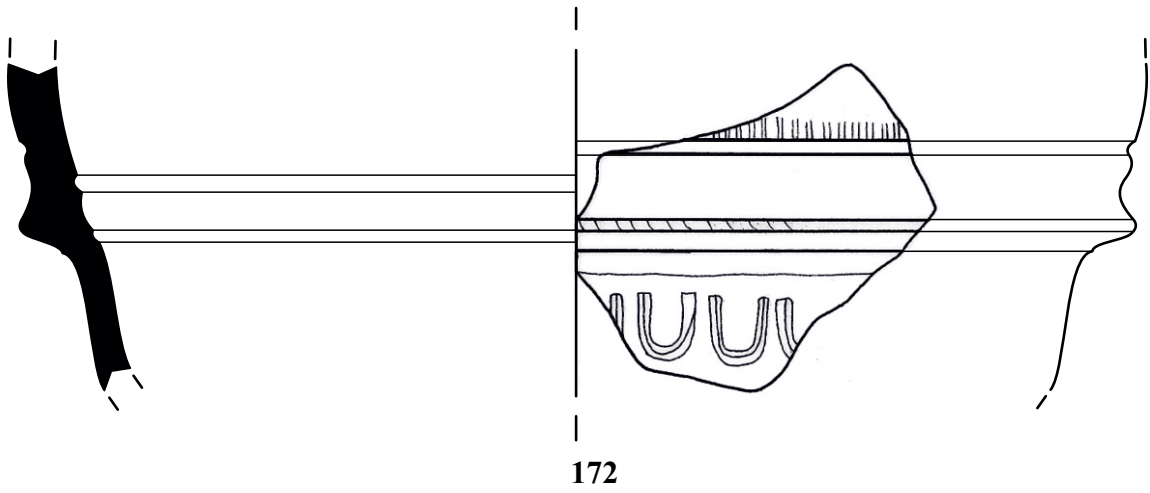
Escala 1/1



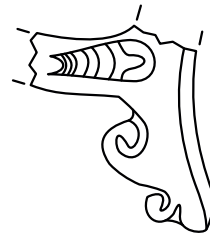
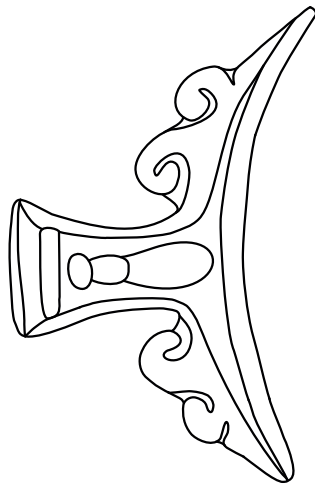
171



Escala 1/1

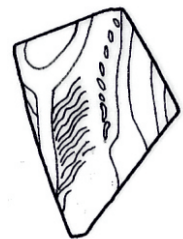
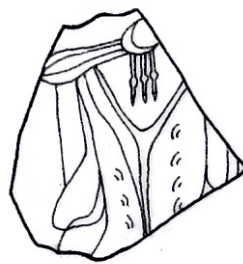
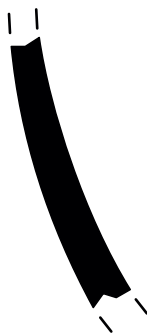


Escala 1/1



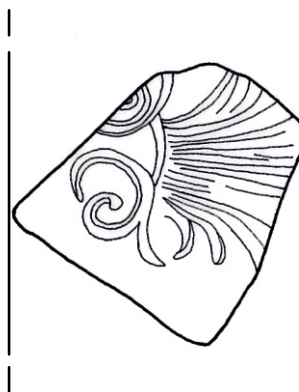
176

175

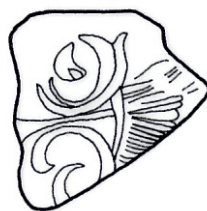
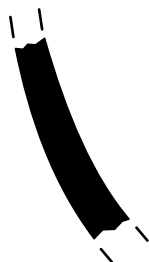


178

177



179

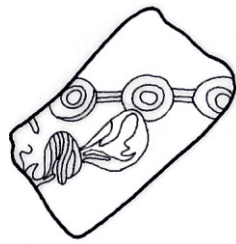
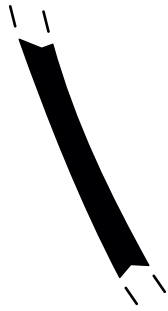


180

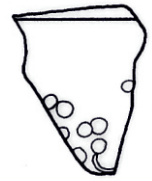


Escala 1/1

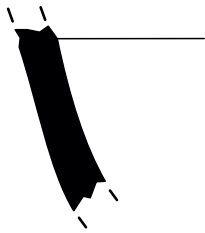
ESTAMPA 37 - D/W VII (n° 175-176), Fragmentos decorados indeterminados, repertório rasiniano (n° 177-180).



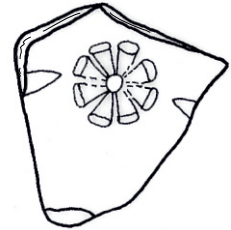
181



182



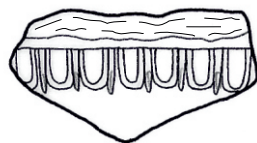
183



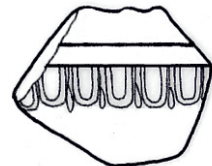
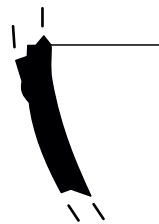
184



185



186



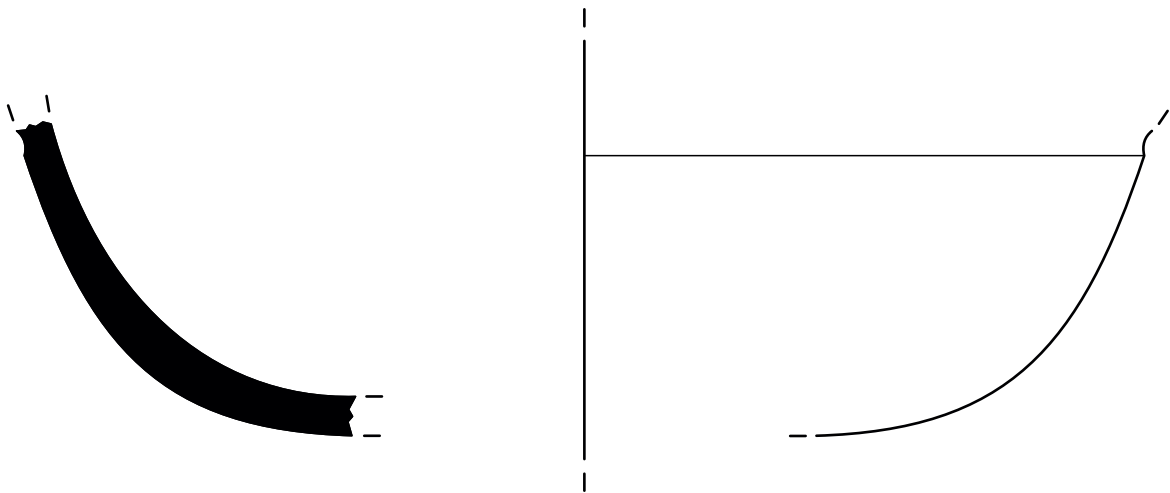
187



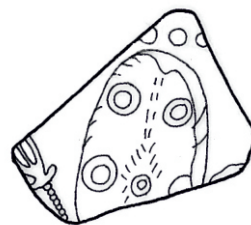
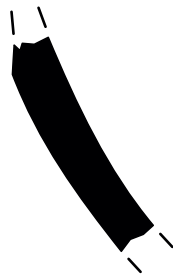
188



Escala 1/1



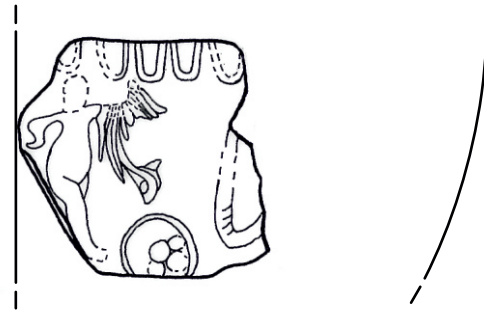
189



190



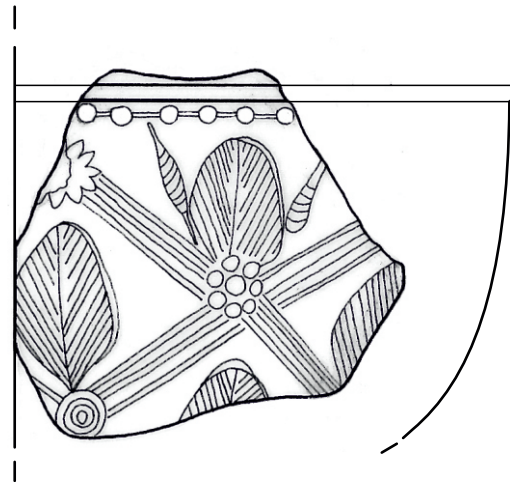
Escala 1/1



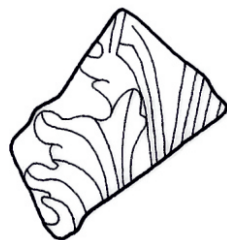
191



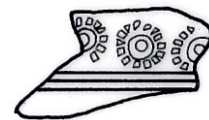
192



193



194

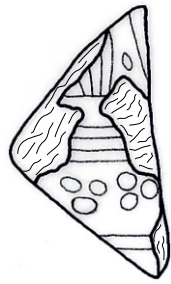


195



Escala 1/1

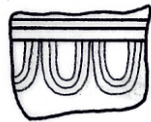
ESTAMPA 40 - Fragmentos decorados indeterminados, repertório perenniano (nº 191- 192);
Fragmentos decorados indeterminados, repertório cornélio (nº 193-195).



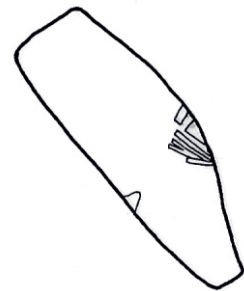
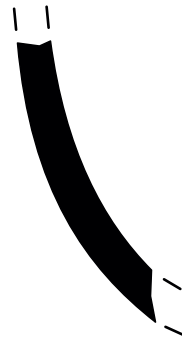
196



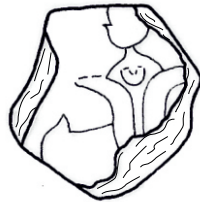
197



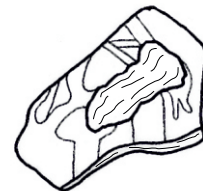
198



199



200



201



202

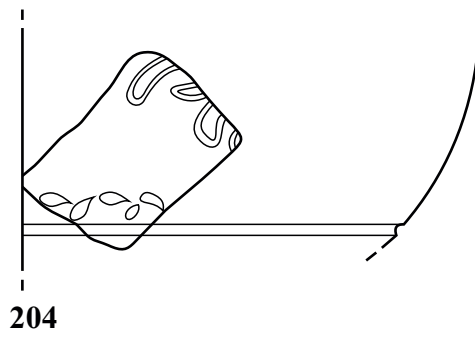
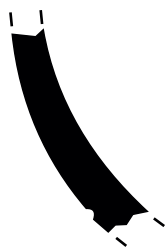


203

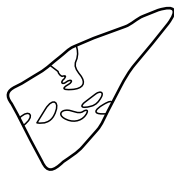


Escala 1/1

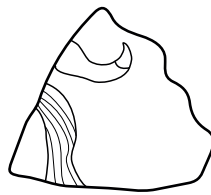
ESTAMPA 41 - Fragmentos decorados indeterminados, repertório cornélio (nº 196-198);
Fragmentos decorados indeterminados (nº 199-203).



204



205



206



207



208



209



210



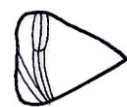
211



212



213



214

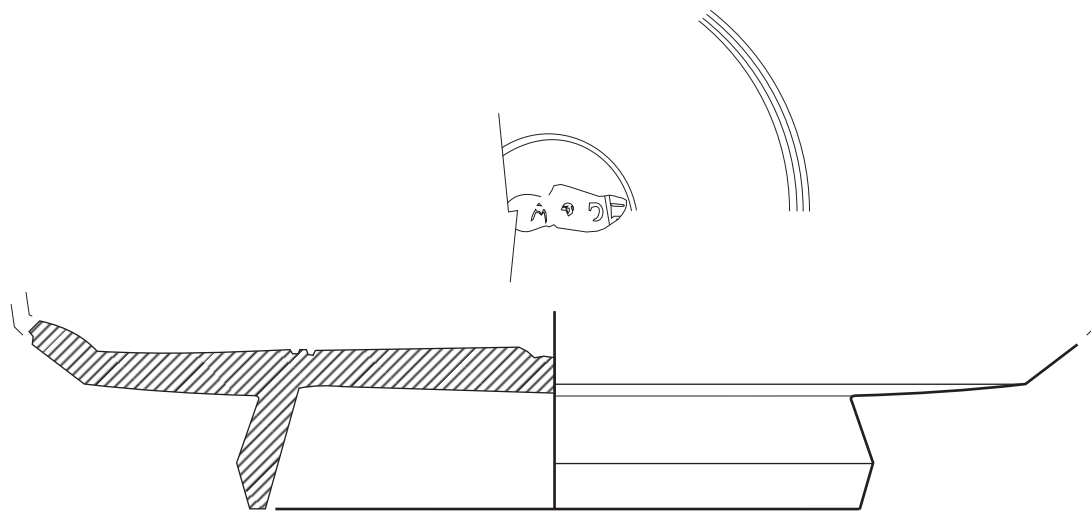


215

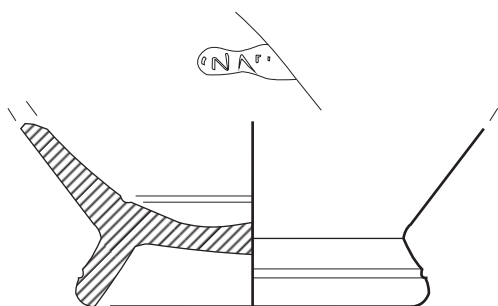


216

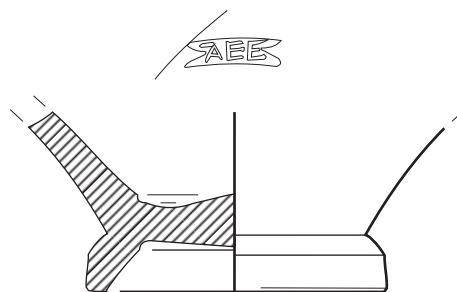




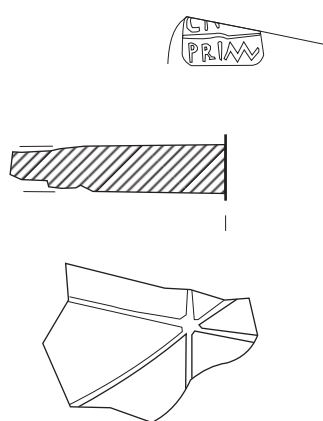
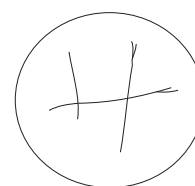
217



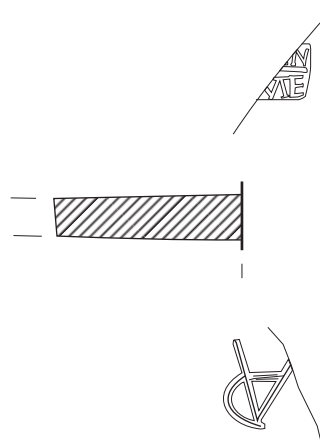
218



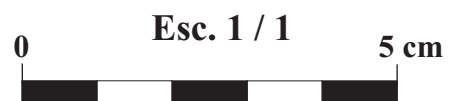
219



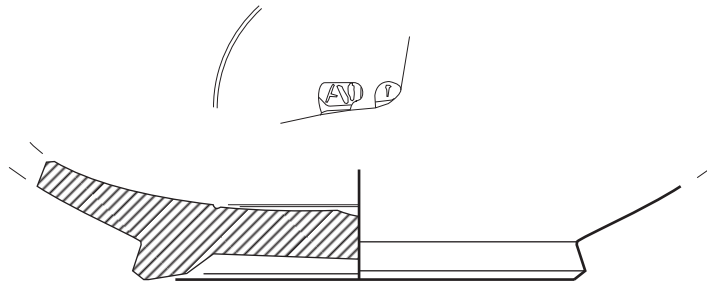
220



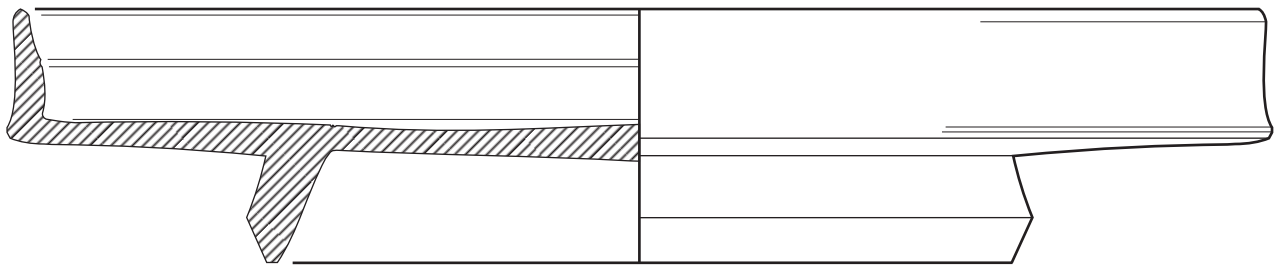
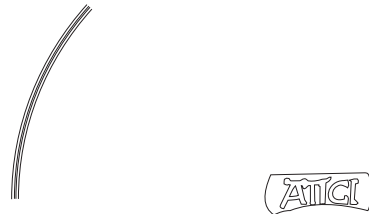
221



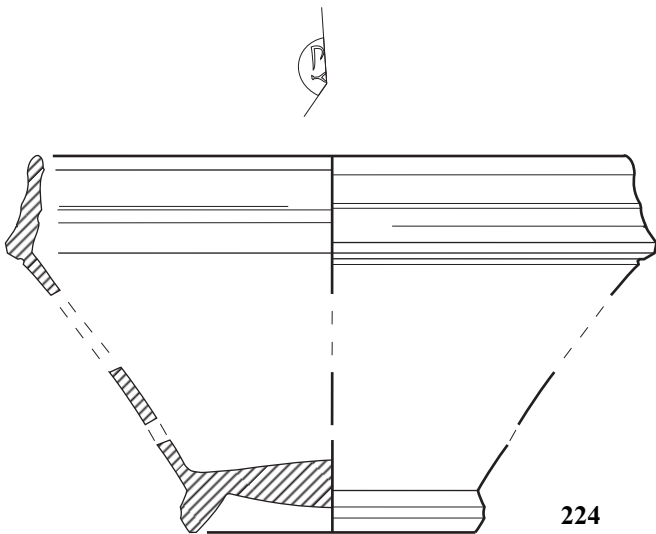
ESTAMPA 43 - Marca de *Amandus i* (nº 217), marca de *Cn. Ateius* (nº 218), marca de *Ateius* (nº 219), marca de *Primus Cn. Ateii* (nº 220), marca de um dependente de *Ateius*, provavelmente *Eros* (nº 221). - SILVA, 2005.



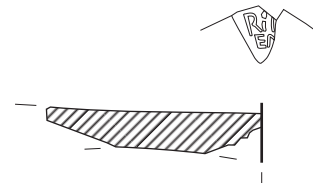
222



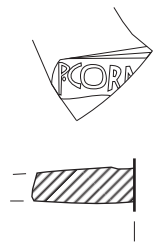
223



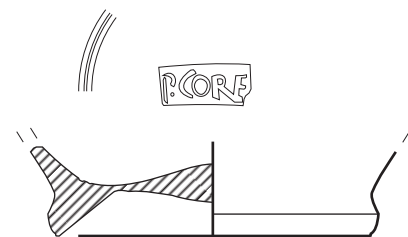
224



225



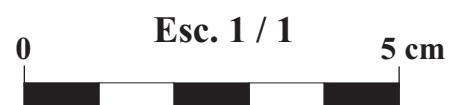
226



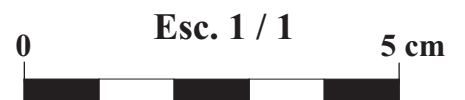
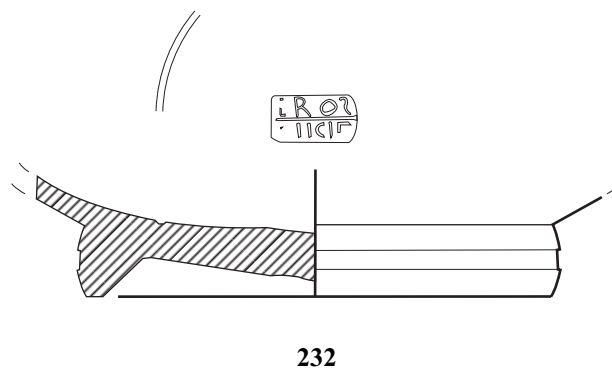
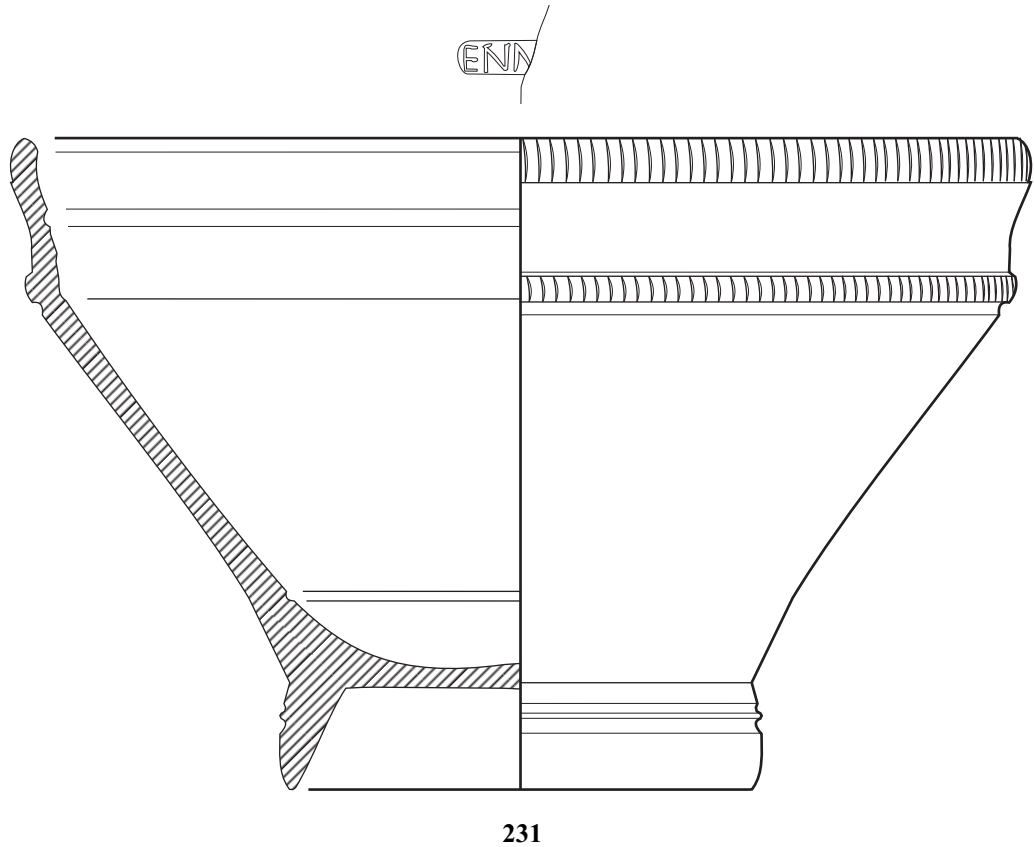
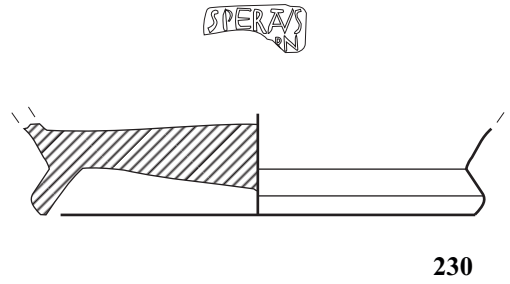
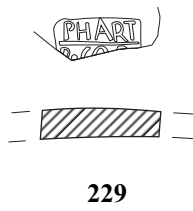
227



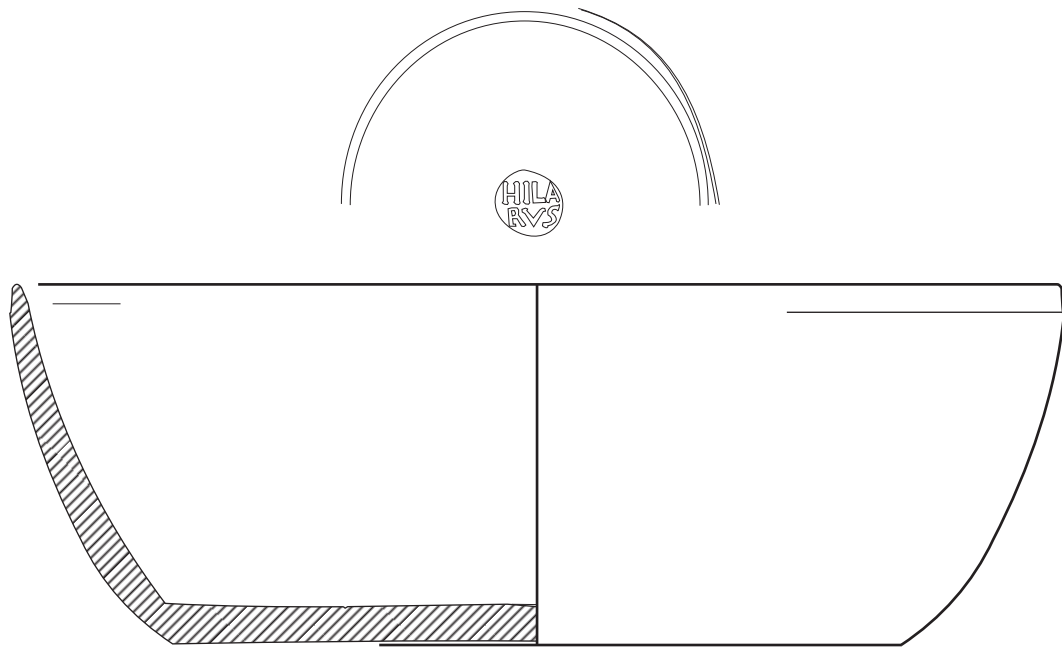
228



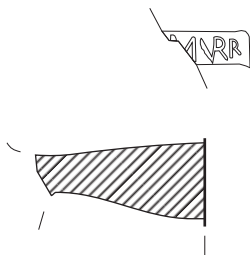
ESTAMPA 44 - Marca de *A. Annius Crispus* (nº 222), marca de *Atticus iii* (nº 223),
 marcas de *Publius Cornelius* (nº 224-228). - SILVA, 2005



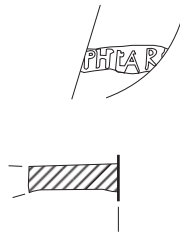
ESTAMPA 45 - Marca de *Phart(enius) Publii Cornelii* (nº 229), marca de *Speratus Publii Cornelii* (nº 230), marca de *Ennius* (nº 231), marca de *Eros*, dependente de outro oleiro (nº 232).
- SILVA, 2005



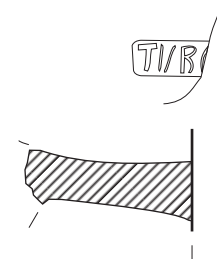
233



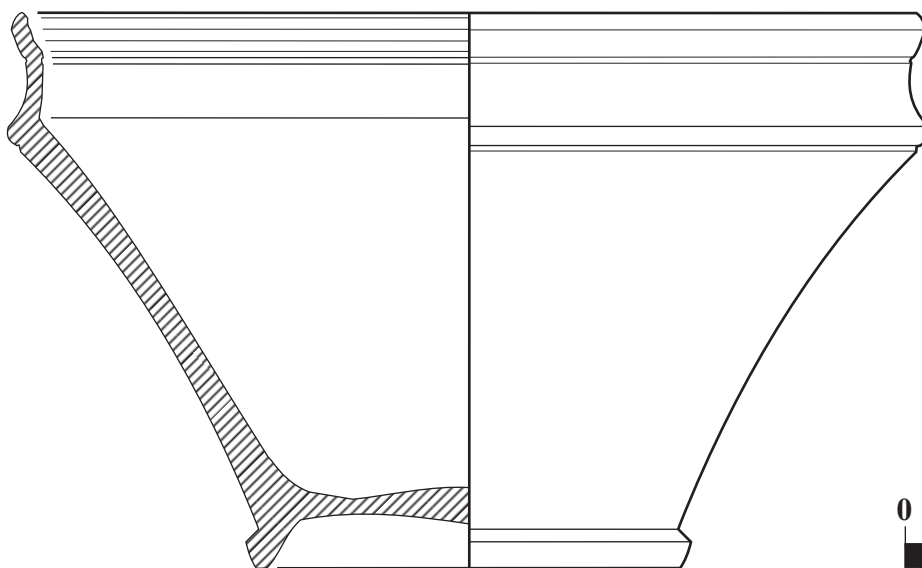
234



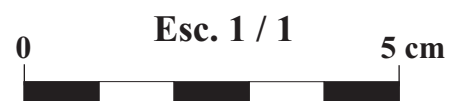
235



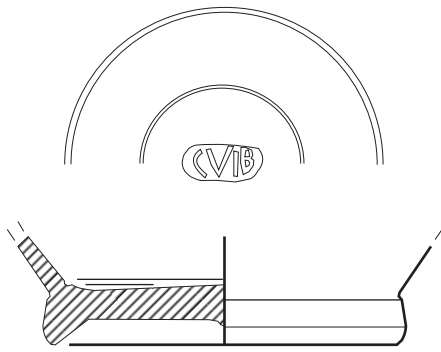
236



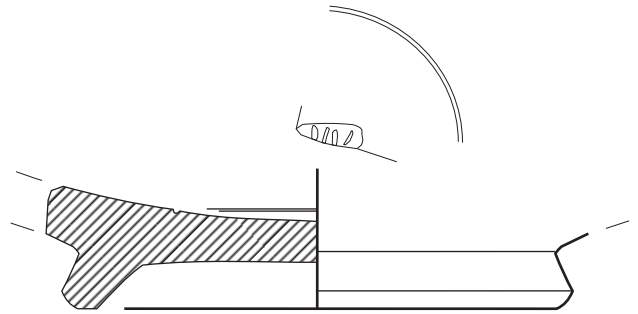
237



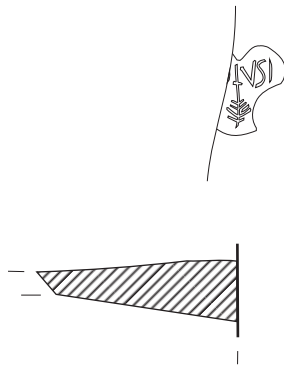
ESTAMPA 46 - Marca de *N. Naevius Hilarus* (n° 233), marca de *Murrius* (n° 234), marca de *Philargurus i* (n° 235), marca de *Tarquitius* (n° 236), marca de *SPE* (n°237). - SILVA, 2005



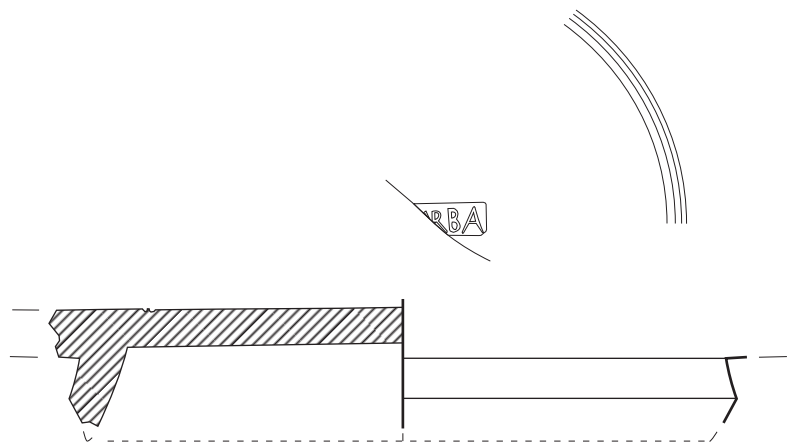
238



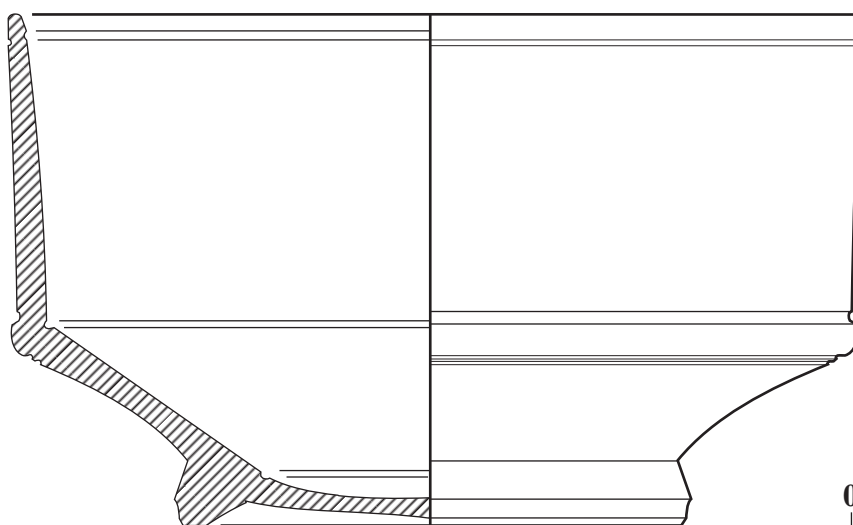
239



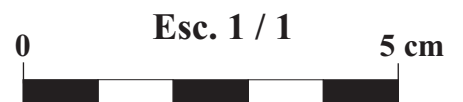
240



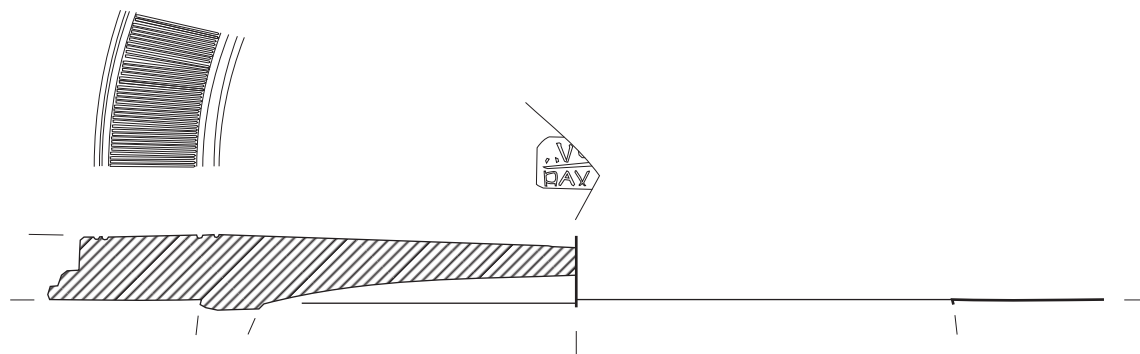
241



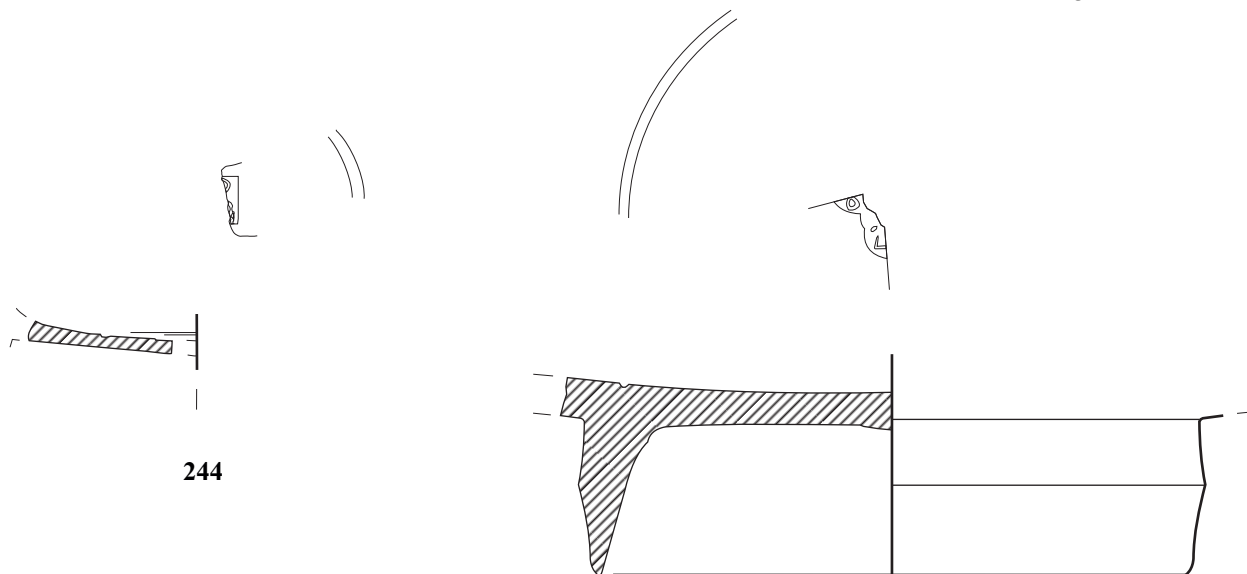
242



ESTAMPA 47 - Marca de *Caius Vibienus* (nº 238), marca de *Lucius Vibius* (nº 239), marca de *Volusus* (nº 240), marca de *Vrbanus i* (nº 241), marca de *Cneus Ateius Xanthus* (nº 242).
SILVA, 2005



243

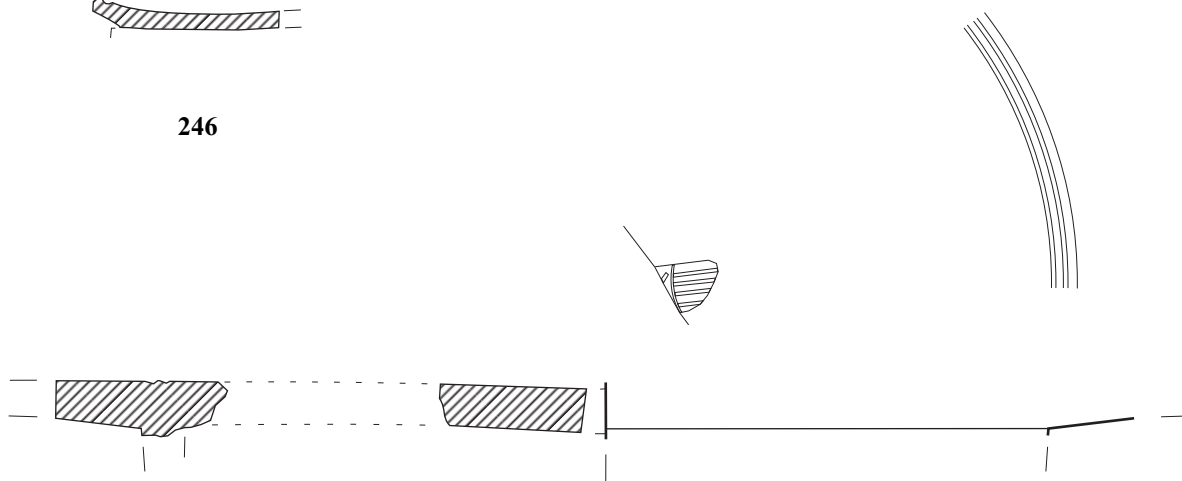


244

245



246



247



ANEXO 3

Inventário formal e tipológico

Número de Inventário	Quadrícula-la	Unidade Estratigráfica	Bor-do	Par-e-de	Fun-do	A-sa	Tipo	Forma	Funcionalidade	Fabri-co	Lisa/Decorada	Nº de Catálogo
PF01/4975-3	H2	[8873] (Ficha 2)		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4386-13	D7	[3911-3958]			X		Consp. B 4.9	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	D	Lisa	164
PF01/4847-7	F6/7	[8516]	X				Consp. 36.3	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	A	Lisa	134
PF01/4847-8					X		Indet.	Cálice	Ingestão de líquidos	A	Decorada	
PF00/4434-7	E6	[3878] Carvões		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4434-8				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4434-21				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4434-24			X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF01/7244-1	H2/3	[8814]	X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4694-2	G7	[8502]	X				Consp. 21.1	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	73
PF01/7201-22	H2	[8873]		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4952-1	L4	[9109]	X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4952-2				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4860-1	K4	[9123]	X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4512-14	C8	[3691]			X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4512-19				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4512-28				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4392-5	E10	[6659]			X		Consp. B 3.7	Taça campaniforme	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	C	Lisa	155
PF00/4392-6					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4459-5	E6	[3928]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4459-11				X			poss. Consp. 19.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	56
PF00/4450-14	D7	[3958]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4450-20				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4450-26				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4966-6	F2/3	Desmonte da banq. E-W	X				Consp. 20.4	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	71
PF00/4966-9				X			Consp. 19.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	53
PF00/4966-10				X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4966-15				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4610-1	L6	[8004]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4513-4	B6/7	[3672]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4513-5				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4920-1	G9	[8229]	X				Consp. 9.1	Taça convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	D	Lisa	14
PF00/4874-1	L3	[9104]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4455-6a/b	D/E8	[3977]			X		Consp. B 4.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	160
PF00/4455-10				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4455-15				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4415-9	D2	[3802]	X				Consp. 7.2	Taça oblíqua	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	C	Lisa	12
PF00/4415-18				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF01/4797-3	F7	[8584-8603]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4498-17	E7	[3952]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	

PF01/7016-5	G/H2	[8911]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa			
PF00/4459-2	E6	[3928]	X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF00/4216-1	K4	[9136]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa			
PF00/4150-7	D2/3	[3802]	X				Consp. 22.1	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	E	Lisa	90		
PF00/4150-8			X				Consp. 12.1	Prato de lábio pendente	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	20		
PF00/4150-9				X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4150-10				X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4150-11				X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4150-12				X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4150-13				X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4150-14				X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4150-15						X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4160-4			E6	[3802-3942]			X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4862-1	L3/4	[9104]			X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF00/4862-2				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF00/4862-3			X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF00/4539-1	E3	[3833]	X				Consp. 20.3	Prato grande de parede vertical	Servir alimentos à mesa	D	Lisa	65		
PF00/4748-1	F7	[8503]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF01/4768-1	F2/3	[8583]		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa			
PF01/4785-1	F6/7	[8659-61]	X				Consp. 21.2	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	D	Lisa	74		
PF01/4810-4	F7	[8581]												
PF01/4681-1	F6/7	[8659-61]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa			
PF00/4855-1	F7	[8522]			X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF01/4805-1	F7	[8547]			X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa			
PF01/4805-2					X		Consp. B 2.5	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	149		
PF01/4805-3				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF01/4805-4				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF00/4432-8	E7	[3993]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF00/4432-9				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa			
PF00/4432-14				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF00/4432-15				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa			
PF00/4432-17						X		Consp. B 4.15	Taça carenada	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	C	Lisa	166	
PF01/4881-1	F6/7	[8516] Banq. do canto do compartimento			X		Consp. B 4.2	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	E	Lisa	161		
PF01/4881-2				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF00/4171-6	D7	[3958]	X				Consp. 38.3	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	D	Lisa	139		
PF00/4171-13				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa			
PF00/7532-1	L4	[9104] Vala do muro			X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF00/4390-3	E3/4	[BANQ. N/S]	X				Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	33		
PF00/4390-6						X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4972-8	F3	[3792]	X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF01/4930-11	G2	[8814]		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa			
PF00/4524-11	B/C7	[BANQ. N/S]		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa			

PF00/4264-5	I8	[8109]			X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4431-7					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4431-25	B7/8	[3713]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4431-28				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4519-1	E7	[3952]			X		Consp. B 2.5	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	150
PF00/4807-2				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4807-3	F6	[8659]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4354-1	L5	[8004]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4546-3	B/C/D9	[3742] Vala	X				Consp. 12.5	Prato de lábio pendente	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	26
PF00/4546-4					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4872-1	K4	[9103]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4665-2	F5	Não identificada			X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4138-1	E4/5	[3826]		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4439-1	C9	[3703]		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4752-1	I8	[3247-73]		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4674-2	G8	[8252]	X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4390-1	E3/4	[BANQ. N/S]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF01/4696-2	G7	[8603]			X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4105-1	D6	[3929]		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4297-3	D6	[3929]		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF01/4629-1	G6	[8661]	X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF01/4629-2				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4529-1				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4529-2	H8	[8218]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4529-3					X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4312-4	E11	[6542]		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4068-2	E6	[3923/8]			X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4698-2	G7	[8541]			X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4842-1	J9	[8120]	X				Consp. 34.2	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	C	Lisa	133
PF00/4306-1	H11	[6575]	X				Consp. 21.2	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	76
PF00/4060-1	K/L5	[8012]		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4515-6	D6	[3991]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4305-1a												
PF00/4305-1b												
PF00/4305-1c	D4	[3860]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4305-1d												
PF00/4305-1e												
PF00/4305-1f												
PF00/4024-1	I2	[9205/6]			X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4525-1	G7/8	[8243]	X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4002-1	J1	[9301]	X				Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4333-48			X				Consp. 50.3	Copo	Ingestão de líquidos	A	Lisa	141
PF00/4333-49					X		Consp. B 3.3	Taça oblíqua	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	A	Lisa	154

PF00/4333-50	E4/5	[3802]	X				Consp. 12.2	Prato de lábio pendente	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	22
PF00/4333-51			X				Consp. 21.3	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	77
PF00/4333-52			X				Consp. 4.5	Prato de parede convexa	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	5
PF00/4333-53			X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4333-54					X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4333-55					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4333-56					X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4333-57					X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4333-58					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4333-59					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4333-60					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4333-61					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4333-62					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4333-63					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4036-3			J2	[9207]	X				Indet.	Indet.	Indet.	C
PF00/4036-4	X						Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4358-1	Não identificada	Não identificada	X				Consp. 36.4	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	D	Lisa	136
PF00/4425-1	Não identificada	Não identificada	X				Consp. 12.3	Prato grande de lábio pendente	Servir alimentos à mesa	A	Lisa	27
PF00/4118-1												
PF00/4831-1												
PF00/4049-1												
PF01/7227-1	G/H2	[BANQ. N/S] Ao lado da via			X		poss. Consp. B 4.13	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	C	Lisa	165
PF00/4123-1	O7 A.X	[5290]		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF01/4823-1	F7	[8631]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF01/4823-3			X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF01/4823-7			X				Consp. 21.3	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	78
PF01/4780-1	G7	[8591]			X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF01/4832-2	F7	[8631]	X				poss. Consp. 3.2	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	1
PF00/4500-1	D/E 1/2	[BANQ. N/S]	X				Consp. 4.6	Prato de parede convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	D	Lisa	7
PF00/4500-2				X				Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa
PF00/4501-13	B8	[3702]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4189-2	I8	[8248]	X				Consp. 37.1	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	C	Lisa	137
PF00/4339-1	D6	[3802]		X			poss. Consp. 33.2	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	C	Lisa	130
PF01/7228-2	F6/7	[8528] Banq. Violação sobre o muro		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF01/7228-3				X				Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa
PF01/4631-3	F6	[8510/13]	X				Consp. 12.1	Prato de lábio pendente	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	21
PF01/4631-4					X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa
PF00/4351-1	I/J9	Por cima da argamassa			X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF01/4646-2	F7	[8583]	X				Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	35
PF00/4038-1				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4038-2				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	

PF00/4038-3	L4	[9103]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4038-4				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4038-5				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF01/4721-2	F/G7	[8500] Banq. revolvimento			X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4640-1	F7	[8528]	X				Consp. 4.4	Prato de parede convexa	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	4
PF00/4762-2	G8	[8213]			X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4520-1	CF	[3701]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4257-2	G8	[8148]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4157-2	E1/2	[3959]			X		Consp. Abb 6.2	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	153
PF00/7280-1	F5 (4)	[9504]			X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4321-1	D2/3	[3826]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF01/4623-1	F7	[8632]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4470-1	B9	[3743] Limite Norte da quad. Perto do "Jet"		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF01/4634-1	G7	[8574]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF01/4634-2			X				Consp. 32.2	Taça bi-convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	E	Lisa	122
PF01/4735-2	F7	[8584]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4536-2	E3/4	[3802]			X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4536-3					X		Consp. B 2.4	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	147
PF00/4536-4					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4536-5					X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4531-1	K4	[9130]	X				Consp. 3.2	Prato de parede alta oblíqua e bordo saliente	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	2
PF01/4789-4	F7	[8542/4]			X		Consp. B 4.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	E	Lisa	162
PF01/4789-5					X		Consp. B 4.7	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	D	Lisa	163
PF01/4789-6			X				Consp. 22.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	E	Lisa	95
PF00/4533-1	E2	[3871]			X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4533-2				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF01/4735-3	F7	[8584]			X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF01/4735-4				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4968-5	Não identificada	Não identificada		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4968-13			X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4510-5	T (2)	Não identificada		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4510-8					X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4510-13			X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4510-15					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4889-1	Não identificada	Não identificada	X				poss. Consp. 21.3	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	82
PF00	Não identificada	Não identificada	X				Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	39
PF00/4404-24	Não identificada	Não identificada	X				Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	36
PF00/4404-47					X		Indet.	Cálice	Ingestão de líquidos	A	Decorada	215
PF00/4557-2	Não identificada	Não identificada		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4966-14	Não identificada	Não identificada	X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	

PF00/4386-9			X				Consp. 33.1	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	A	Lisa	128		
PF00/7530-1	Não identificada	Não identificada	X				Consp. 4.5	Prato de parede convexa	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	6		
PF00/4434-23	Não identificada	Não identificada			X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF00/4529-5	Não identificada	Não identificada	X				Consp. 22.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	91		
PF00/4058-2	Não identificada	Não identificada	X				Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa			
PF00/4058-6a			X				Consp. 12.4	Prato de lábio pendente	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	23		
PF00/4058-6b														
PF00/4058-7a			X					Consp. 22.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	C	Lisa	100	
PF00/4058-7b														
PF00/4058-8a														
PF00/4058-8b														
PF00/4058-8c			X					Consp. 22.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	C	Lisa	99	
PF00/4058-8d														
PF00/4058-8e														
PF00/4058-10							X		Consp. B 3.9	Taça campaniforme	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	A	Lisa	156
PF00/4058-11			X						Consp. 11.1	Prato de lábio pendente vertical	Ingestão de alimentos sólidos	D	Lisa	19
PF00/4058-12						X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-13						X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4058-14					X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4058-15			X						Consp. R 8.1	Cálice	Ingestão de líquidos	A	Decorada	169
PF00/4058-16			X						Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	30
PF00/4058-17						X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4058-18						X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-19					X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-20a														
PF00/4058-20b							X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-20c														
PF00/4058-20d														
PF00/4058-21						X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-22						X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4058-23						X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-24a														
PF00/4058-24b						X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-25					X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4058-26					X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4058-27					X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-28			X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF00/4058-29			X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF00/4058-30				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF00/4058-31				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF00/4058-32				X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa			

PF00/4058-34					Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4058-35					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4058-36					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4058-37					Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-38				X	Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4058-39				X	Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4058-40				X	Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-41				X	Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4058-42				X	Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4058-43				X	Consp. 22.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	C	Lisa	102
PF00/4058-44										
PF00/4058-45										
PF00/4058-46				X	poss. Consp. 22.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	103
PF00/4058-48										
PF00/4058-51										
PF00/4058-47				X	Consp. 22.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	105
PF00/4058-49				X	Consp. 22.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	104
PF00/4058-55				X	poss. Consp. 20.1	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	57
PF00/4101-14				X	Consp. 22.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	88
PF00/4101-15				X	Consp. 12.4	Prato de lábio pendente	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	24
PF00/4101-18				X	Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4101-51				X	Consp. 32.2	Taça bi-convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	C	Lisa	126
PF00/4867-2										
PF00/4007-25				X	Consp. 27.1	Taça carenada	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	E	Lisa	115
PF00/4867-4				X	Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4867-7				X	Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4867-9				X	Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4867-14				X	poss. Consp. 23.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	C	Lisa	112
PF00/4867-18				X	Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4867-19				X	Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4114-21				X	Consp. 20.3	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	61
PF00/4007-8				X	Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4007-11				X	Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4007-13				X	Consp. 22.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	101
PF00/4852-1				X	poss. Consp. 20.4	Prato grande de parede vertical	Servir alimentos à mesa	A	Lisa	67
PF00/4831-3				X	Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4831-5				X	Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4422-1				X	poss. Consp. 22.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	E	Lisa	108
PF00/4149-15				X	Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4149-19				X	poss. Consp. 18.2	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	41
PF00/4149-20										
PF00/4385-15				X	Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	

PF00/4385-24	Não identificada	Não identificada		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4385-50			X				Consp. 20.3	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	62	
PF00/4385-52			X				Consp. 20.4	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	68	
PF00/4385-66a													
PF00/4385-66b			X				Consp. 32.2	Taça bi-convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	B	Lisa	125	
PF00/4030-15	Não identificada	Não identificada	X				Consp. 18.1	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	29	
PF00/4388-1	M6	[8012]			X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4388-3					X		Consp. B 3.9	Taça campaniforme	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	A	Lisa	157	
PF00/4388-4					X						A	Lisa	
PF00/4388-7					X						A	Lisa	
PF00/4388-8						X					A	Lisa	
PF00/4388-9						X					D	Lisa	
PF00/4388-10						X					A	Lisa	
PF00/4388-12						X					A	Lisa	
PF00/4009-2	LM6	[8059]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4009-3				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/4009-4			X				Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4009-5				X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4009-6				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4009-7					X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4009-8			X				Consp. 22.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	D	Lisa	94	
PF00/4009-9				X			poss. Consp. 33.3	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	D	Lisa	131	
PF00/4009-10			X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4009-12				X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4114-3	L5	[8092]	X				Consp. 22.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	93	
PF00/4114-5					X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4114-6				X				Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4114-8				X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4114-9					X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-10			X					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4114-11			X					Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-12				X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-13			X					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4114-14					X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-15				X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-16				X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-18				X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-20				X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-22				X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-23			X					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4114-24				X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4114-25					X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4114-26					X			Consp. B 3.13	Taça Indet.	Indet.	A	Lisa	158

PF00/4114-29			X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4114-30			X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4114-31			X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4114-32				X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4114-33				X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4093-1a	KL 5/6	[8060]				Consp. B 2.4	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	148	
PF00/4093-1b												
PF00/4093-1c												
PF00/4093-1d												
PF00/4102-1a	L5	[8060]	X			Consp. 22.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	87	
PF00/4102-1b												
PF00/4066-1	M6	[8012]		X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4066-2				X		poss. Consp. 50.3	Copo	Ingestão de líquidos	E	Lisa	143	
PF00/4618-1	K5	[8044]			X	Consp. B 3.15	Taça Indet.	Indet.	D	Lisa	159	
PF00/4414-2a	K5	[8012]	X			Consp. 38.3	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	A	Lisa	138	
PF00/4414-2b												
PF00/4414-2c												
PF00/4149-17	Não identificada	Não identificada	X			poss. Consp. 22.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	109	
PF00/4394-2	L6	[8012]			X	Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4407-1	K5	[8059]		X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4030-14	Não identificada	Não identificada	X			Consp. 32.2	Taça bi-convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	C	Lisa	124	
PF00/4401-1a	Não identificada	Não identificada			X	Consp. B 2.5	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	151	
PF00/4394-1												
PF00/4370-1a												
PF00/4370-1b												
PF00/4381-2	K4	[8010]	X			Consp. 32.2	Taça bi-convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	B	Lisa	123	
PF00/4381-5						X	Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4030-17	Não identificada	Não identificada	X			Consp. 11.1	Prato grande de lábio pendente vertical	Servir alimentos à mesa	C	Lisa	16	
PF00/4409-1	L6	[8047]	X			Consp. 18.2	Prato grande de parede côncava	Servir alimentos à mesa	A	Lisa	50	
PF00/4038-13	Não identificada	Não identificada	X			Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	32	
PF00/4063-1	L5	[8060]		X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/4298-1	K6	[8011]			X	Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4675-1	Não identificada	Não identificada	X			Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	D	Lisa	42	
PF00/4838-1	L6	[8037]		X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4838-2			X			Consp. 22.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	E	Lisa	107	
PF00/4030-18a	Não identificada	Não identificada			X	Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4030-18b												
PF00/4159-2	K5	[8012]			X	Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4159-3						X	Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4159-4						X	Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	

PF00/4159-5				X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4079-1	M5	[8059] Revolvimento		X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4079-3				X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/4425-1a			K5	[8013]				Consp. 22.1	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	C	Lisa
PF00/4425-1b												
PF00/4425-1c												
PF00/4425-1d												
PF00/4425-1e												
PF00/4425-1f												
PF00/4425-1g												
PF00/4425-1h												
PF00/4425-1i												
PF00/4425-1j												
PF00/4425-1k												
PF00/4867-12												
PF00/4118-2a												
PF00/4118-2b												
PF00/4118-2c												
PF00/4101-1	L5	[8059]		X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa (aplique)		
PF00/4101-2				X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4101-3				X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4101-4				X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4101-5				X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/4101-6				X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4101-7			X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4101-8				X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4101-9				X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4101-10					X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4101-19					X		Consp. Abb 6.1	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	152
PF00/4101-20					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4101-21					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4101-22			X				poss. Consp. 22.2	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	C	Lisa	106
PF00/4101-23			X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4101-46				X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4101-24				X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4101-25				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4101-26					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4101-27					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4101-30					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4101-32					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4101-33				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4101-34				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4101-35					X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4101-37				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4101-38				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	

PF00/4101-39			X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4101-41			X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4101-43			X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4101-44				X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4101-47				X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4101-48				X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4101-50			X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4377-4	M5	[8004]	X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4377-7			X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4377-8			X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/4377-10			X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/4377-12			X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4377-13			X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4377-14			X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4377-15			X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4377-16				X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4377-18				X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4377-19			X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4377-21			X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4377-26				X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4867-3			LM5	[8059]		X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa
PF00/4867-5	X					Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4867-6	X					Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4867-8	X					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4867-10	X					Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4867-11	X					Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4867-13	X					Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4867-15	X					Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4867-16	X					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4867-17	X					Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4867-20	X					Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4867-21	X					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4867-22	X					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4867-23	X					Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4867-27		X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa				
PF00/4370-1	L6	[8012]	X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4370-2				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4370-3			X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/4370-4			X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/4370-5			X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4370-6			X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4370-9			X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4370-10		X		Consp. 29.1	Taça cilíndrica	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	D	Lisa	116			
PF00/4099-2	M5	[8059]	X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4099-3			X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		

PF00/4099-5				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/10244-1	D5/6	[3802]			X		Indet.	Taça Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/10244-2					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/10244-3			X					poss. Consp. 22.1	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	E	Lisa	92
PF00/10244-4			X					poss. Consp. 31.1	Taça bi-convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou liofilizados	C	Lisa	117
PF00/10244-5					X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/10244-6					X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/10244-7					X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/10244-8					X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/10244-9					X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/10244-10					X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4512-7	C8	[3691]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4512-10					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa		
PF00/4512-11			X					Consp. 19.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	55
PF00/4512-18					X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4512-23					X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4512-24					X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4512-25			X					Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4512-26					X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4512-27					X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4512-29					X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4114-17	Não identificada	Não identificada		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa		
PF00/4527-1	H8	[8299]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF00/4149-2	M6	[8037]	X				poss. Consp. 21.2	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	75	
PF00/4149-3			X				poss. Consp. 22.1	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	C	Lisa	96	
PF00/4149-5					X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4149-6					X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4149-10						X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4149-11					X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4149-16					X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4149-21					X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4149-22					X			poss. Consp. 50	Copo	Ingestão de líquidos	D	Lisa	142
PF00/4149-23					X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4149-25			X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa			
PF00/10243-1	M6	[8009]		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4440-5	D10/11	[6543]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF00/4434-13	E6	[3878] Carvões III		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa		
PF00/4434-17					X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4434-19			X					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4434-22					X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4434-28					X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4434-35					X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF01/9679-3	F2	[8901-8902]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa		
PF01/9679-4					X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	

PF00/4362-3	M6	[8037]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4362-4				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4362-5				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4362-6				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4362-7					X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa
PF00/6607-1	G9	[8229]			X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4444-2	E30	[3802]	X				Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4444-3			X				Consp. 31.1	Taça bi-convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	D	Lisa	118
PF00/4444-4			X				Consp. 20.1	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	D	Lisa	58
PF00/4444-5				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4444-6				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4444-11				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4444-14						X		D/W VII	Skyphos	Ingestão de líquidos	A	Decorada
PF00/4754-2	F7	Sob o muro [8508]	X				poss. Consp. 21.3	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	C	Lisa	79
PF01/9861-8	F3	[8903]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4149-13	Não identificada	Não identificada		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4149-24				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4370-2			X				poss. Consp. 23.1	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	111
PF00/4370-3			X				Consp. 8.1	Taça oblíqua	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	A	Lisa	13
PF00/4370-11			X				Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4172-2					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4172-3				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4377-20			X				Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4377-27			X				Consp. 6.2	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	D	Lisa	10
PF00/4377-32			X				Consp. 4.2	Prato de parede convexa	Ingestão de alimentos sólidos	D	Lisa	3
PF00/4007-2			M5/6	[8059] Desmonte da banq.		X			Indet.	Indet.	Indet.	B
PF00/4007-15		X					Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4007-17					X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4007-19		X					Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4007-22	X						Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4408-4	Não identificada	Não identificada		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/4362-2			X				Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	D	Lisa	31
PF01/7504-2	G7	[8576]	X				Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/9512-2e	H8	[8299]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/9512-2f					X		Consp. B 1.4	Prato grande	Servir alimentos à mesa	A	Lisa	144
PF00/9512-2g			X				Consp. 20.3	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	63
PF00/9512-2h					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/9512-2i			X				Consp. 32.2	Taça bi-convexa	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	B	Lisa	121
PF00/9512-2j						X	Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/9512-2k			X				Consp. 6.5	Prato de parede convexa	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	11
PF00/9512-2l				X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/9512-2m				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	

PF00/9512-2n				X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/9512-2o			X			Consp. 20.4	Prato de parede convexa	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa (aplique)	72
PF00/9512-2p				X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/4524-22	Não identificada	Não identificada	X			Consp. R 1.1	Cálice de bordo pendente	Ingestão de líquidos	B	Decorada	167
PF00/?	K4	[9128]			X	D/W VII	Skyphos	Ingestão de líquidos	C	Decorada	176
PF00/4818-3				X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	A	Decorada	177
PF00/4781-1				X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	A	Decorada	185
PF00/4849-1											
PF00/4783-1											
PF00/4792-1	F/G7	[8632] Ao nível dos canais (fundo da fossa)									
PF00/4798-2				X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	D	Decorada	189
PF00/4818-4											
PF00/4818-4											
PF00/4849-2											
PF00/4511-19	C8	[3672]		X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	E	Decorada	199
PF00/4150-3				X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Decorada	207
PF00/4150-4				X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Decorada	214
PF00/4150-5	D2/3	[3802]		X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Decorada	212
PF00/4150-6			X			Consp. 20.4	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa (aplique)	69
PF00/4185-1	D7	[3958]		X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Decorada	187
PF00/4114-2	L5	[8092]		X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	B	Decorada	190
PF00/4491-1	D6	[3958]		X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	C	Decorada	180
PF01/4633-4	F6	[8659]		X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	C	Decorada	191
PF00/4434-1	E6	[3878]		X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Decorada	188
PF00/4404-57				X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Decorada	210
PF00/4404-61	D6	[3991]		X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Decorada	211
PF00/4880-3	F6	[8563]		X		Indet.	Cálice troncocónico	Ingestão de líquidos	E	Decorada	183
PF00/4270-12	J9	[8120]		X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	A	Decorada	192
PF00/4385-38	L6	[8005]		X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Decorada	208
PF00/4444-1	E3	[3802]		X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	D	Decorada	194
PF00/7166-7	F2	[8936]		X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Decorada	195
PF00/4331-2	B6/7	Violação mecânica		X		Consp. R 9.3	Cálice troncocónico	Ingestão de líquidos	B	Decorada	172
PF00/4157-1	E1/2	[3959]		X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	E	Decorada	206
PF01/7229-1	F3	[9908]		X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Decorada	198
PF00/4390-7	E3/4	[BANQ.N/S]		X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Decorada	203
PF00/4370-7	L6	[8012]		X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Decorada	197
PF00/4386-10	D7	[3991-3958]		X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Decorada	186
PF00/7239-1	J8	[8120]	X			Consp. 20.4	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa (aplique)	66
PF00/4468-4				X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	C	Decorada	184
PF00/4468-5	E6	[3928]		X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Decorada	209
PF00/4468-6				X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	C	Decorada	179
PF00/4149-1				X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	B	Decorada	193
PF00/4149-18	M6	[8037]		X		Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	A	Decorada	181
PF01/4808-1	F6	[8659/611]		X		Indet.	Cálice troncocónico	Ingestão de líquidos	C	Decorada	201

PF01/4808-14		[8059]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa			
PF00/4143-6	L5	[8059]	X				D/W VII	Skyphos	Ingestão de líquidos	C	Decorada	174		
PF00/4143-7				X			Indet.	Cálice troncocónico	Ingestão de líquidos	C	Decorada	178		
PF00/4143-8			X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF00/4143-9				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Decorada	213		
PF00/4143-10				X			Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	C	Decorada	182		
PF00/7207-10	F4	[9911]		X			Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	A	Decorada	196		
PF00/4251-3	J8	[8120]		X			Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	D	Decorada	200		
PF00/4333-4	E4/5	[3802]	X				D/W VII	Skyphos	Ingestão de líquidos	A	Decorada	173		
PF00/4333-5				X			Indet.	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	A	Decorada	202		
PF00/4330-1	M6	[8037]		X			Consp. R 3.1	Modiolus	Ingestão de líquidos	B	Decorada	168		
PF00/4330-2				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF00/4398-2	Não identificada	Não identificada			X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa			
PF/520	Não identificada	Não identificada	X				Consp. 22.1	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	E	Lisa	84		
PF/92					X			Consp. B 2.3	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	146	
PF/630					X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF/516					X			Consp. 20.3	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa (aplique)	64	
PF/503					X			Consp. 23.2	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	A	Lisa (aplique)	113	
PF/541							X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF/632					X			Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	D	Lisa	44	
PF/614/c					X			Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	E	Lisa	43	
PF/434							X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF/68					X			Consp. 15.1	Taça campaniforme	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	A	Lisa	28	
PF/428						X		Consp. R 8.1	Cálice de bordo moldurado	Ingestão de líquidos	D	Decorada	170	
PF00/4227-10			Não identificada	Não identificada	X				Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	49
PF00/4430-3	G10	[6530]			X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF00/4653-16	Não identificada	Não identificada	X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF00/4653-17				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF01?	F2	[9906]			X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa			
PF01?	H2/3 Derrube	[8876]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF01?				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF/597	Não identificada	Não identificada	X				Consp. 20.1	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	D	Lisa	60		
PF00/7243-1	J9	[8171]	X				Consp. 21.3	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	81		
PF00/7243-3				X			Consp. 22.1	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	86		
PF01?	H3	[8830]	X				Consp. 11.1	Prato grande de lábio pendente	Servir alimentos à mesa	A	Lisa	18		
PF01?				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa			
PF01/7270-1	H2	[8808] Verde ferruginosa a Este do Pórtico (regularização para instalação urbana da IIIª Fase)			X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			
PF01/4324-1	G11	[6540]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa			

PF01/7229-6	F3	[9908] Nível de preparação da via Norte (dat. c. 60 d.C.)	X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00?	D7	[3952]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00?	K5	[8012]		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00?	L4	[9103]	X				Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00?					X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00?	L3/4	[9109]		X			Indet.	Cálice	Ingestão de líquidos	E	Lisa	
PF00/4928-1	D7	[9015]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Decorada	205
PF00/4931-2			X				Consp. 36.3	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	A	Lisa	135
PF00?	K6	[8011]		X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00?				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF01/4714-2	F8	[8542]			X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/7214-1a	F3	[9907] Nível de preparação da via Norte (dat. c. 60 d.C.)	X				Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/7214-1b			X				Consp. 18.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	A	Lisa	51
PF00/7214-2					X		Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00/7214-3				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00/7214-5				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/7214-6				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/7214-7				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/7214-8				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00/4170-1	D7	[3991-3800]			X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4170-2				X			poss. Consp. 38.3	Taça hemisférica	Ingestão de alimentos líquidos ou liquefeitos	C	Lisa	140
PF00/4170-3				X			Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4170-4				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00?	K5	[8012]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00?				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00?	E6/8	[3930]		X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00?					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4466-2a	E6	[3997] Sob os carvões do Ustrinum	X				Consp. 23.2	Taça troncocônica	Ingestão de líquidos	A	Lisa	114
PF00/4466-2b				X			Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF00/4466-3			X				Consp. 20.4	Prato de parede vertical	Ingestão de alimentos sólidos	B	Lisa	70
PF00/4466-4a					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4466-4b					X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa	
PF00/4466-5				X		Indet.	Indet.	Indet.	C	Lisa		
PF01/4974-6	G2	[8927]		X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00?	F2	[8936]		X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00?				X			Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF00?					X		Indet.	Indet.	Indet.	A	Lisa	
PF01/7208-2	F/G 6/7	[8603]			X		Indet.	Indet.	Indet.	E	Lisa	
PF01/7210-5	F8	[8542] Instalação da via secundária			X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF01/7210-6				X			Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	
PF00?	L5	[8012]		X			Indet.	Indet.	Indet.	B	Lisa	
PF00?					X		Indet.	Indet.	Indet.	D	Lisa	

PF00/4823-4	Não identificada	Não identificada	X			Consp. R 9.2	Cálice hemisférico	Ingestão de líquidos	C	Decorada	171
PF00/4823-8											
PF00/4786-1											
PF00/4823-1											
PF00/4823-7											
PF00/4823-6											
PF00/4823-5											

Nº de catálogo	Quadricula	Unidade Estratigráfica	Bordo	Parede	Fundo	Tipo	Forma	Tipo	Marca	Grafito	Oficina	Datas
217					X	Consp. 19.2	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	Amandus i (?)	-	Vale do Pó?	30-45 d.C.
218					X	Consp. B 4.2	Taça de parede oblíqua	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	Cn. Ateius	-	Pisa	15-30 d.C.
219					X	Consp. B 4.10	Prato de parede convexa	Ingestão de alimentos sólidos	Ateius?	Caracter "H" executado pós cozedura	Pisa	15-30 d.C.
220					X	Indeterminada	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	Cn Ateius Primus	Grafito radial executado pós cozedura	Pisa	1-20 d.C.
221					X	Indeterminada	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	Cn. Ateius Eros?	Grafito "AP" executado pós cozedura	Pisa	5 a.C. - 20 d.C.
222					X	Consp. 26.1	Taça carenada	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	A. Annius Crispus	-	Arezzo	1-10 d.C.
223			X	X	X	Consp. 18.1	Prato de parede côncava	Ingestão de alimentos sólidos	Atticus (3)	-	Pozzuoli	10 a.C.-10 d.C.
224			X	X	X	Consp. 23.1	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	P. Cornelius	-	Arezzo	10-40 d.C.
225					X	Indeterminada	Taça	Indeterminada	P. Cornelius	-	Arezzo	5 a.C.- 40 d.C.
226					X	Indeterminada	Indeterminada	Indeterminada	P. Cornelius	-	Arezzo	5 a.C.- 40 d.C.
227					X	Consp. B 4.12	Taça de parede oblíqua	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	P. Cornelius	-	Arezzo	10-40 d.C.
228					X	Indeterminada	Indeterminada	Indeterminada	P. Cornelius	-	Arezzo	5 a.C.- 40 d.C.
229					X	Indeterminada	Indeterminada	Indeterminada	Phart(enius) Corneli	-	Arezzo	1 d.C. >
230					X	Consp. B 4.11	Taça	Indeterminada	Speratus P. Corneli	-	Arezzo	1 d.C. >
231			X	X	X	Consp. 22.2	Taça troncocónica	Ingestão de líquidos	Ennius	-	Pozzuoli	1-15 d.C.
232					X	Consp. 26.1	Taça carenada	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	Eros (?)	-	Indeterminada	1-20 d.C.
233			X	X	X	Consp. 9.1	Taça de parede oblíqua	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	Hilarus (5)	-	Pozzuoli	1-20 d.C.
234					X	Indeterminada	Taça	Indeterminada	Murrius	-	Pisa?	1-30 d.C.
235					X	Indeterminada	Taça	Indeterminada	Philargurus	-	Pozzuoli	> 15 d.C.
236					X	Indeterminada	Taça	Indeterminada	Traquitius	-	Indeterminada	20-1 a.C.
237			X	X	X	Consp. 22.6	Taça troncocónica	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	SPE.(?)	-	Indeterminada	1-20 d.C.
238					X	Consp. B 4.12	Taça	Indeterminada	Caius Vibienus	-	Arezzo	1-20 d.C.
239					X	Consp. 7.1	Taça de parede oblíqua	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	L. Vibius	-	Itália Central?	15 a.C.-5 d.C.
240					X	Indeterminada	Taça	Indeterminada	Volusus	-	Pisa	1 d.C. >
241					X	Consp. B 2.4	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	Vrbanus (1)	-	Pozzuoli	1-30 d.C.
242			X	X	X	Consp. 26.1	Taça carenada	Ingestão de alimentos líquidos ou lioquefeitos	Cn. Ateius Xanthus	-	Pisa	15-50 d.C.
243					X	Indeterminada	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	Indeterminada	-	Indeterminada	15 a.C.-15 d.C.
244					X	Indeterminada	Taça	Indeterminada	Indeterminada	-	Indeterminada	15 a.C.-15 d.C.
245					X	Consp. B 2.7	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	Indeterminada	-	Indeterminada	> 1 d.C.
246					X	Indeterminada	Taça	Indeterminada	Anepígrafa	-	Indeterminada	15 a.C.-15 d.C.
247					X	Indeterminada	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	Indeterminada	-	Indeterminada	> 15 d.C.
-					X	Indeterminada	Prato	Ingestão de alimentos sólidos	E (?)	-	Indeterminada	Indeterminada